Proclamar Boas-novas!

bases sólidas para o evangelismo

por

C. Timóteo Carriker

Proclamar boas-novas! Bases sólidas para o evangelismo

© Direitos autorais, 2007, de C. Timóteo Carriker. Todos os direitos reservados. A não ser para citações breves em resenhas ou artigos críticos, nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer maneira sem a permissão por escrito.

© Direitos de reprodução da Editora Palavra, 2007

Citações bíblicas, a não ser quando indicadas de outra maneira, são da tradução de João Almeida de Ferreira, versão revista e atualizada, © direitos da Sociedade Bíblica Brasileira.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carriker, C. Timóteo, 1952-
Proclamar boas-novas! Bases sólidas para o evangelismo / Charles Timothy Carriker

Inclue leituras adicionais.
ISBN ??????

1. Evangelização--Cristianismo. I. Carriker, C. Timóteo. II. Título.
BV3770.C???? 2007 CDD -269.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Evangelização: Cristianismo 269.2

Índice

Introdução

Bases Bíblicas

O que é o evangelismo?.....
O evangelismo no ministério integral.....
A oração para evangelismo.....

Fundamentos Teológicos

A teologia do evangelismo.....
O evangelismo ou o proselitismo?.....
O evangelismo contextual.....

Considerações Culturais

As religiões afro-brasileiras.....
O evangelismo urbano.....
O evangelismo e a conversão a outras religiões.....

Reflexões Pedagógicas

A formação ocidental.....
Treinando para o evangelismo.....

Introdução

Neste livro procuro esclarecer alguns dos fundamentos da teoria do evangelismo. Seu objetivo principal não é de fornecer explícita e simplesmente métodos e técnicas programáticos para o crescimento da igreja. Creio que tais métodos e técnicas sejam absolutamente indispensáveis, e mereçam um volume inteiro à parte. Ao mesmo tempo, métodos e técnicas são limitados na sua aplicação por fatores de geração, região, classe social e econômica, formação escolar e cultura ou nacionalidade. O que é apropriado num lugar e com um povo não tem a mesma repercussão em outro lugar ou entre outro povo. Por isso, embora o estudo de técnicas e metodologias seja importante e necessário (e eu acredito mesmo nisso[1]), a compreensão e elaboração da base teórica e de princípios teológicos aumenta a possibilidade de elaborar ou adaptar novas técnicas e metodologias a situações diferentes. Por isso, o forte enfoque dos ensaios a seguir está na teoria e na teologia do evangelismo. Mesmo assim, uma leitura cuidadosa revelará muitas idéias práticas para um evangelismo eficaz.

A maioria dos capítulos deste livro foi publicada originalmente em diversas revistas e periódicos. Por isso, às vezes, perde-se um pouco a coesão dum texto escrito de estaca zero com o objetivo de elaborar sistematicamente o assunto escolhido. Este é uma compilação de reflexões escritas originalmente para audiências diferentes e com propósitos distintos. Mesmo assim, os estudos têm algo em comum: tentam avançar o lado teórico da tarefa evangelística.

Um dos capítulos já foi publicado em livro antes, "evangelismo no ministério integral".[2] Resolvi incluí-lo neste volume também porque é fundamental para o ministério evangelístico da igreja e serve para ilustrar o lugar do evangelismo dentro do ministério todo da igreja.

Todos os capítulos foram revisados em menor ou maior escala para esta coletânea. São organizados em quatro partes: bases bíblicas, fundamentos teológicos, considerações culturais, e reflexões pedagógicas. Na primeira parte, gasto tempo definindo o evangelismo e e esclarendo a sua relação com o conceito de missões. Acabo advogando a preferência pelo termo "evangelismo", que implica numa compreensão mais abrangente do termo do que é comum. Embora a proclamação verbal (*kerigma*) seja central ao conceito, também considero o testemunho de vida sacrificial (*martirion*) e portanto a luta contra toda expressão do pecado em todas as dimensões humanas como parte da tarefa evangelística.

Creio que o uso da terminologia de "missões" e de "missão", além de muito controvertido e variado, é desnecessário e mais difícil de sustentar biblicamente. É difícil porque não há uma única palavra ou frase bíblica que "missões" ou "missão"

---

[1] Veja excelente obra recente sobre o aspecto "prático" do evengelismo: GREEN, Michael. *Evangelismo que funciona. Redescobrindo o poder da missão*. Rio de Janeiro: GW Editora, 2005.

[2] Em CARRIKER, C. Timóteo, ed. *Missões e a igreja brasileira: perspectivas estratégicas*. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

traduz. É desnecessário por que a maneira como o termo "evangelismo" é usado no Novo Testamento já abrange tudo que se quer dizer por "missões" e "missão".

Digo isto não porque quero acabar com "missões"! Longe disto. Afinal, sou missiólogo de profissão e de convicção. Além disto, muitas vidas se dedicaram heroicamente ao longo da história da expansão do fé cristã sob a rubrica de "missões". E palavras têm uma vida própria e um desenvolvimento freqüentemente divergente da sua origem semântica. Sem dúvida precisamos nos esforçar para usá-las dentro das convenções correntes.

Estou meramente afirmando que Paulo, Pedro, Tiago e os outro líderes da comunidade cristã primitiva usavam a linguagem de "evangelizar" ou literalmente "anunciar boas notícias" ao invés da linguagem de "missões" ou "missão". E para compreender o conteúdo e significado do ministério deles em relação aos não-cristãos, creio que a terminologia do "evangelismo" seja mais proveitosa. Tendo dito isto, reconheço que teremos que viver com uma outra realidade, a de usar as duas terminologias por razões, pelo menos históricas, se não emocionais.

O próximo capítulo parte duma interpretação de Efésios 3 e 4 no intuito de situar o evangelismo dentro dos outros ministérios da igreja como uma dimensão essencial de toda a vida do povo de Deus. No terceiro capítulo desta seção, encontramos em Efésios 6 a mais poderosa metodologia do evangelismo, a metodologia da oração que luta para estabelecer um testemunho eficaz.

Na segunda parte desta coletânea — fundamentos bíblicos — elaboro brevemente uma teologia do evangelismo. É um esforço raro de dimensionar este ministério prático dentro da teologia sistemática e bíblica. No próximo estudo, fazemos uma distinção entre o evangelismo e o proselitismo. Perguntamos: qual é a diferença entre a persuasão e a urgência no desempenho evangelístico e a coerção e manipulação?[3] A transferência duma igreja cristã para outra pode ser considerada "evangelismo"? Qual é a amplitude do nosso reconhecimento de outros grupos religiosos como igrejas cristãs?

No terceiro capítulo desta seção desenvolvo vários princípios para a comunicação e a expressão do evangelho, de tal modo que pessoas dentro de seus próprios contextos culturais e sociais possam responder integralmente com fé e obediência às suas exigências. Interessantemente encontramos muita precedência dentro das próprias Escrituras para a assimilação e adaptação de palavras e conceitos das culturas vizinhas do povo de Deus para expressar a revelação de Deus.

A terceira parte — considerações culturais — apresenta dois tipos de evangelismo que requerem atenção especial: primeiro, a evangelização dum grupo enorme no Brasil influenciado pelas religiões afro-brasileiras; e segundo, o testemunho da igreja dentro de grandes centros urbanos. Também incluo uma autocrítica sobre a perda de "cristãos" a outras religiões.

Por fim, na última seção — reflexões pedagógicas — escrevo, confesso, como professor e alguém empenhado no preparo de pessoas para o testemunho mundial. Primeiro ofereço uma avaliação da formação no Ocidente onde os valores do sucesso, da ordem e da competição predominam sobre os valores fundamentais e cristãos do

---

[3] Para um estudo sério com muita pesquisa de campo, veja o livro do ARAÚJO, Stephenson Soares, *A manipulação no processo de evangelização,* Belo Horizonte, LERBAN, 1997.

sacrifício altruísta, da justiça e da união. No último capítulo trago um "estudo de caso" bíblico para a formação no evangelismo, o caso de João Marcos, e depois dou algumas sugestões para escolas que lidam com questões curriculares para o treinamento no evangelismo.

De certo modo, neste estudo procuro fazer um apelo (apelos sempre fizeram parte da tarefa evangelística!). É um apelo para que firmemos a tarefa de evangelismo mundial por um lado, em boa base bíblica e teológica, e por outro lado, em oração incessante. É um apelo também a que enxerguemos o quadro maior, o quadro das necessidades no mundo nas suas multi-facetadas dimensões, e o quadro de cristãos muito diferentes trabalhando de modos diferentes mas que precisam do mútuo sustento do corpo de Cristo universal. Finalmente, é um apelo para a visão a longo prazo, a visão de Paulo que mesmo desejando se não esperando o retorno de Cristo já, se dispôs a esperar longos anos entre uma igreja e outra para escrever longas cartas pastorais, para se renovar, e para gastar o tempo necessário no preparo e no discernimento dos caminhos do Senhor.

Bases Bíblicas

O que é o evangelismo?

A palavra “evangelho” passa para o português do termo latino, *evangeliu*, que por sua vez vem da palavra grega, *euangélion*, que significa “boa nova”. Ao acrescentar o sufixo, "-ismo" (de origem grega) ou "-ação" (de origem latina) surgem as palavras “evangelismo” e “evangelização” que traduzem igualmente a palavra grega, *euangelízo*. Portanto, apesar de algumas tentativas de distinguir entre estes dois termos,[1] não há diferença essencial, pois têm a mesma origem. Ambos efetivamente se referem ao anúncio do evangelho, isto é, das boas novas que Deus ressuscitou Jesus de entre os mortos.

O evangelismo ou a evangelização, no seu cerne, envolve o *anúncio* da intervenção de Deus na história humana, especificamente a ressurreição de Jesus de Nazaré duma morte por crucificação, uma pena que lhe foi atribuída por motivos políticos e religiosos. Ao ressuscitar Jesus dentre os mortos, Deus o vindicou, efetivamente estabelecendo não só a sua inocência, mas também a sua posição como Filho de Deus e realizador das promessas de Deus nas Escrituras para os judeus e para todas as etnias do mundo (Romanos 1.1-6). Portanto, o evangelismo possui essencialmente um caráter *narrativo*, *promissório* e *histórico*.

Como anúncio é uma *narração*. É um relato feito por testemunhas e assim é uma atividade verbal e pessoal. Por isso, no Novo Testamento a atividade evangelística que mais se sobressai é o testemunho (Atos 5.32; 1 Coríntios 15.5-11).

Entretanto, por envolver o testemunho o evangelismo não é meramente subjetivo, relativo à experiência de cada um. Baseia-se na realização histórica de *promessas* específicas feitas no Antigo Testamento a respeito dum novo período na história humana demarcada pela vinda do Messias. Estas promessas também se destacam no evangelismo (Atos 2.25-32; 3.18, 24; 1 Coríntios 15.3-4).

Então, o evangelismo é um anúncio, sim, e é pessoal no sentido de ser transmitido por pessoas transformadas pelos eventos narrados na mensagem proclamada. Mas, é também *histórico*. Por mais pessoal que seja, a mensagem possui um conteúdo histórico essencial, sem o qual a mensagem não seria mais evangelística. E este conteúdo se refere à crucificação e a morte duma pessoa que viveu e morreu de fato, e igualmente de fato foi ressurreto por Deus (Atos 2.23; 5.30; 10.39; 13.29; Deuteronômio 21.22-23; Gálatas 3.10-13; 1 Pedro 2.24). O caráter histórico e verificado destes eventos completam a nossa definição das três características necessárias do evangelismo: é um anúncio de promessas divinas realizadas na morte e na ressurreição de Jesus de Nazaré, agora proclamado Jesus Cristo.

Além destas características essenciais do evangelismo, pode-se acrescentar um *pré-requisito* necessário e duas *conseqüências* inevitáveis do evangelismo, ou do

[1] Existem alguns que seguem basicamente a orientação do *Dicionário Aurélio* e entendem que o evangelismo se refere a um “sistema ou política, moral e religiosa, fundada no Evangelho”. Entendem como sinônimo ao Protestantismo. Apesar do sufixo, -ismo, possibilitar este significado, é longe do uso comum entre os evangélicos.

evangelho. O pré-requisito é a exigência do arrependimento e da fé (Atos 2.38; 3.19; 10.43; e 13.38-39). É necessária a disposição e a decisão de abandonar a velha maneira egoísta de viver e igualmente deve-se pôr a confiança e a fé em Jesus, o Deus que salva, o nosso Senhor. Tal mudança de rumo demonstrada inicialmente pelo batismo, que nas palavras de Paulo, ilustra a morte da vida anterior e o nascimento duma nova vida em Cristo (Romanos 6.4). Assim Deus estabelece um pacto pessoal com o convertido. Mas "pacto pessoal" não deve ser entendido dum modo individual. O batismo é o selo exterior deste pacto no Novo Testamento, como a circuncisão é da aliança do Antigo Testamento (Colossenses 3.11-12). É conseqüência da fé daquele que crê, mas se alarga para abranger a sua família toda (Atos 16.15, 33; 18.8), não como salvação mecânica, automática, e isenta de fé pessoal por parte do resto da família mas como promessa de abranger aquela família no momento oportuno.

As conseqüências inevitáveis do evangelismo são o *perdão dos pecados* e o *dom do Espírito Santo*. Não é apenas o que Cristo realizou uma vez no passado. Mas ainda hoje, quando alguém é atingido pelo evangelho, seus pecados são lançados por Deus no fundo do mar, esquecidos e enterrados por Ele, e ainda recebe o precioso presente duma renovação completa pela entrada do Espírito Santo na sua vida (Atos 2.38). Maravilhoso Deus!

Estes são os contornos do evangelismo, sua definição essencial, seu pré-requisito necessário e suas conseqüências garantidas. Trata-se principalmente duma mensagem sobre algo que *Deus* realizou, não algo que nós fazemos ou decidimos. Por isso, em última análise não se pode avaliar o evangelismo nem em termos de *resultados* e nem em termos de *métodos*.[2] Nem sempre sabemos dos resultados. Mesmo assim o evangelismo ocorre onde o evangelho é anunciado (Atos 8.4, 25, 40). E nem sempre as boas notícias são bem recebidas. Mas não é nem por isso que não houve evangelismo. O sentido bíblico de "evangelizar" não é "ganhar almas" mas simplesmente anunciar as boas novas, desejando resultados positivos.

Também não é o método que determina se o evangelismo ocorreu. O anúncio que constitui o evangelismo pode ser através duma pregação, duma dramatização, da imprensa, da mídia, ou simplesmente duma conversa informal da família ao redor duma mesa.

Assim entendemos o evangelismo. Mas não terminamos as observações com apenas a definição do termo. Ainda é necessário relacionar e distinguir o "evangelismo" de outro termo, "missão", pois alguns trocam livremente os dois termos enquanto outros lhes atribuem conotações diferentes.[3]

Uma definição de "missão" ou de "missões" é bem mais complicada que a definição do evangelismo. Isto se deve à falta dum termo bíblico do qual a palavra em português explicitamente dependa. Pensa-se nos dois verbos gregos que conotam

---

[2] STOTT, John R. W. "A base bíblica da evangelização." In *A missão da igreja no mundo de hoje. As principais palestras do Congresso Internacional de Evangelização Mundial realizado em Lausanne*, Suíça, ed. DOUGLAS James Dixon. 1 ed., Vol. São Paulo: ABU e Visão Mundial, 1982, pp 39-40.

[3] No seu livro recente, *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros. Ensaio de missiologia*. São Paulo: Paulus, 1995, pp. 102-104, Paulo Suess comenta a rejeição após o Vaticano II do conceito "missão" em favor do conceito de "evangelização", mas conclui que o conceito "missão" pode e deve ser "reforjado" numa palavra de luta dentro da missiologia católica.

a idéia de enviar: *pémpo* e *apostéllo*. Estes dois verbos, e às vezes outros termos, são freqüentemente traduzidos em latim com o verbo *mittere* e é desta palavra que derivamos em português "missão" ou "missões".

Então, a definição de missões ou de missão não surge dum ministério ou duma dimensão de ministério explicitamente identificado no Antigo ou no Novo Testamento. Por isso e porque há de fato referências bíblicas ao evangelismo, é preferível pensar em missão como teologicamente sinônimo ao evangelismo. Creio que uma visão bíblica possa *ampliar* o evangelismo para incluir as áreas de ministério freqüentemente associadas somente a idéia de missão. Isto é diferente de *restringir* a idéia de missão à dimensão do evangelismo que é a proclamação verbal, cujo alvo é a conversão pessoal. Embora a proclamação verbal seja *central* à uma definição bíblica do evangelismo, como propomos acima, não é a *circunferência* ou o limite do evangelismo.

David Bosch descreve dezoito características do evangelismo no seu *Transformando missão*.[4] As primeiras duas características defendem a distinção entre o evangelismo e a missão, uma posição diferente da nossa. Bosch não chega a conclusão lógica das próximas dezesseis características: que em termos teológicos e bíblicos não se deve distinguir os termos. Provavelmente isto se deva a fatores históricos e psicológicos. O uso dos termos "missão" e "missões" tem um pedigree longo e já provoca lealdades teológicas bastante carregadas de emoção. Afinal, muitas vidas heróicas já se deram em nome da rubrica de "missões". E também não é a origem duma palavra que determina seu sentido comum. É o uso corrente que o determina nas mentes dos falantes do termo. Já que este uso de "missão" e "missões" tem uma trajetória longa e carregada de emoção e lealdades, não se deve descartá-lo. Eu mesmo uso o termo diariamente nas aulas do seminário e defendo a prática do ministério de proclamar e encarnar as boas novas nas diversas etnias e circunstâncias em que a igreja se encontra. Apenas observo que, se fosse só pela coerência bíblica e teológica, talvez muita confusão seria evitada se pensássemos em evangelismo e missões como a mesma tarefa da igreja no mundo, e se fizéssemos de modo abrangente, e não restritivo.

Portanto, das dezoito características do evangelismo que Bosch elabora, dezoito destas ajudam a ilustrar a necessidade de ampliar nossa noção do evangelismo:

1. "o evangelismo pode ser visto como uma 'dimensão essencial de toda a atividade da igreja'". Efetivamente esta perspectiva exige a rejeição do conceito de evangelismo no *Pacto de Lausanne*, como um de dois segmentos da missão, o outro sendo a ação social. Este ponto de vista que Bosch nos apresenta também exige a rejeição da distinção que Bosch faz entre o evangelismo e a missão.
2. "o evangelismo envolve o testemunho daquilo que Deus tem feito, está fazendo, e fará". Encontramos nesta afirmação a influência da teologia reformada na missiologia de Bosch. "O evangelismo...não é uma chamada para realizar algo, como se o reino de Deus se inaugurasse pela nossa

[4] São Leopoldo: Sinodal, 2002.

resposta ou se frustrasse pela ausência de tal resposta". Aliás, nem se deve entender o evangelismo ou missões como o alvo último da igreja. Um dia a missão da igreja se acabará, mas não a adoração a Deus e o louvor da Sua glória. Missões ou evangelismo são teologicamente penúltimos, mesmo que sejam cruciais a um fim maior. Desenvolveremos mais este tema no capítulo entitulado, "o evangelismo, prioridade?"

3. "mesmo assim, o evangelismo tem por fim uma resposta". O apelo para o arrependimento e a conversão permanece básico ao evangelismo.
4. "o evangelismo sempre é convite" comunicado com alegria, nunca coerção ou ameaças.
5. "aquele que evangeliza é uma testemunha, não juiz". Jamais somos capazes de avaliar perfeitamente quem aceita e quem rejeita o nosso testemunho, muito menos julgar quem, ao rejeitar nosso testemunho, está rejeitando Cristo.
6. "embora devamos ser modestos a respeito do caráter e eficácia do nosso testemunho, o evangelismo permanece um ministério indispensável". Não é um ministério periférico, nem tampouco opcional.
7. "o evangelismo somente é possível quando a comunidade que evangeliza — a igreja — é uma manifestação radiante da fé cristã e exibe um estilo de vida atraente". Ser e fazer no evangelismo são inseparáveis. O testemunho de vida da igreja possui significância evangelística, ou positiva ou negativa. Tal "personalidade" evangelística, e não somente atividade evangelística, está ligada firmemente a uma das "marcas" essenciais da igreja: a sua apostolicidade.
8. "o evangelismo oferece às pessoas a salvação como um dom presente e junto com isso, a segurança de bênção eterna.... Entretanto, o gozo pessoal da salvação nunca foi um tema bíblico central....É praticamente incidental. Somos chamados para sermos cristãos não simplesmente para *receber* a vida, mas para *dá-la*".
9. "o evangelismo não é proselitismo". A tentação da construção de impérios denominacionais tem que ser evitada no evangelismo. Desenvolveremos mais este tema no capítulo entitulado, "evangelismo ou proselitismo?"
10. "o evangelismo não é sinônimo da extensão da igreja". Durante alguns anos, eu estudei princípios e estratégias para o crescimento da igreja no Fuller Theological Seminary e apreciei o seu valor diagnóstico e pragmático para a avaliação do desempenho do ministério de igrejas específicas. Ao mesmo tempo concordo com Bosch que "o enfoque do evangelismo deveria estar não *na igreja*, mas na introdução do *reinado de Deus*."
11. "distinguir entre o evangelismo e o recrutamento de membros não é sugerir que não haja ligação entre os dois". O crescimento numérico é importante. Mais importante ainda é o crescimento encarnacional.
12. "no evangelismo, 'somente pessoas podem ser desafiadas, e somente pessoas podem responder'". Aqui, Bosch defende a dimensão pessoal do evangelismo. Mas uma distinção entre pessoal e individual teria sido útil. Enquanto o evangelismo desafia pessoas e entidades pessoais, tais pessoas

são tratadas não apenas individualmente, mas corporativamente também, de acordo com suas diversas associações sociais e culturais. Creio que isto seja a perspectiva mais de Jesus e também dos profetas. Num capítulo posterior, entitulado "o evangelismo dentro do ministério integral da igreja", tratarei mais este assunto.

13. "o evangelismo autêntico sempre é contextual". E por "contextual," Bosch se refere às estruturas macro-éticas duma dada sociedade humana. Traz-nos interrogações preocupantes: "...qual é o critério que decide que o racismo e a injustiça social são questões sociais enquanto a pornografia e o aborto são (questões) pessoais? Por que evita-se a política, declarando-a fora da competência do evangelista, a não ser quando favorece a posição dos privilegiados na sociedade? Por que pregadores, que parecem se interessar somente pelo destino ultra-mundano dos seus ouvintes, podem ser inteiramente mundanos no seu etos e seus métodos?"
14. "o evangelismo não pode ser divorciado da pregação e da prática da justiça....Evangelismo é uma chamada ao *serviço*".
15. "o evangelismo não é um mecanismo para apressar o retorno de Cristo". Embora a preocupação de Bosch esteja com movimentos que conjuguem estratégias de evangelismo global com expectativas escatológicas, como o movimento no final do século XIX liderado por A. T. Pierson, A. B. Simpson, e H. G. Guinness, e centenas de outros movimentos semelhantes ao longo da história, sua observação é melhor entendida como um corolário necessário da sua segunda observação acima de que o evangelismo é uma atividade divina antes de ser uma atividade humana.
16. Finalmente Bosch observa que "o evangelismo não é somente proclamação verbal" embora possua uma dimensão verbal inescapável. Não existe uma única maneira de testemunhar das boas novas sobre Cristo. Por isso nunca se pode divorciar a palavra da vivência.

Resumindo, Bosch define o evangelismo como:

> aquela dimensão e atividade da missão da igreja que, por palavra e ato e à luz de condições específicas e dum contexto específico, oferece a cada pessoa e a cada comunidade, em todo lugar, uma oportunidade válida de ser diretamente desafiado a uma reorientação radical das suas vidas, uma reorientação que envolve tais coisas como a libertação da escravidão ao mundo e aos seus poderes; abraçar Cristo como Salvador e Senhor; ser um membro vivo da sua comunidade, a igreja; se alistar ao Seu serviço de reconciliação, paz, e justiça na terra; e ser comprometido com o propósito de Deus de submeter tudo debaixo do governo de Cristo".

É uma definição excelente. Apenas eu substituiria, em coerência com a posição que equivale evangelismo à missão, a palavra "missão" na primeira frase com a palavra "ministério".

A associação íntima de missão com evangelismo decorre necessária e naturalmente duma perspectiva reformada da natureza salvífica da preocupação universal de Deus e da natureza missionária (ou evangelística) da igreja. Uma vez que os termos são firmemente unidos à característica essencial ou "marca" da apostolicidade da igreja, a distinção entre os dois desaparece.

O evangelismo no ministério integral

Neste capítulo queremos situar o evangelismo dentro dos diversos ministérios da igreja e sugerir critérios bíblicos para avaliar o evangelismo que redunda em crescimento para a igreja.[1] Assim queremos também contribuir para uma visão integral do ministério da igreja, integral no sentido de interrelacionar as diversas dimensões do seu ministério e integral no sentido de procurar transformação multi-facetada de pessoas e da sociedade atingidas pelo pecado.

O estudo do crescimento de igrejas pressupõe certos critérios de avaliação. Estes critérios incluem *métodos* técnicos para medir (geralmente quantificar) o crescimento e *dimensões* do crescimento a ser avaliado. Os métodos técnicos já adquiriram um grau razoável de desenvolvimento, devido a critérios estabelecidos pela ciência da estatística. Entretanto, a mesma aceitação ainda não existe no que se refere as dimensões do crescimento a serem avaliadas. Vários teólogos latino-americanos, como René Padilla, Samuel Escobar e Orlando Costas, têm chamado a atenção para a falta de princípios explicitamente fundados na Bíblia para a elaboração destas dimensões do crescimento da igreja.[2] Apesar do apelo destes autores ter ocorrido para o estabelecimento destes princípios já há vinte anos, surpreendentemente a situação até hoje pouco mudou. Nem os críticos, e nem os defensores do "Movimento de Crescimento da Igreja" têm oferecido uma conceituação mais bíblica das dimensões do crescimento da igreja que devem ser avaliadas.[3] O propósito deste estudo é sugerir alguns destes princípios bíblicos básicos para uma melhor conceituação das dimensões do crescimento da igreja dentro dos diversos ministérios da igreja, inclusive do evangelismo.

---

[1] O que se segue se baseia em estudos previamente publicados com os títulos, "A missão cósmica da igreja," na revista *Ultimato*, Ano XXIII, N1 207, outubro de 1990, páginas 39-40; "O crescimento integral da igreja," na *Revista Teológica de SETE*, Volume VIII, N1 21, 1991 e no livro *Missões e a igreja brasileira. Perspectivas estratégicas*, São Paulo: Vida Nova, 1993; e "O conceito de missão, uma perspectiva eclesiológica," no livro *Paixão missionária: os estudos*, palestras e documentos da 2 Consulta Missionária da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, editado por LIMA Éber Ferreira Silveira. Londrina: Secretaria de Missões da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

[2] Veja, por exemplo: PADILLA, C. René. "La unidad de la iglesia e el principio de las unidades homogéneas." *Misión*, (setembro de 1983) e os artigos de COSTAS, Orlando E. "Dimensiones del crescimiento integral de la iglesia." *Misión*, 1 (julho - setembro de 1982); "La iglesia como comunidad misionera en la misionología del movimiento de Iglecrecimiento." *Misión*, 2 (junho de 1986); "Origen y desarrollo del movimiento de crescimiento de la iglesia." *Misión*, 3 (março de1984);"Análisis sociocultural del crecimiento en las comunidades cristianas." *Misión*, 5 (dezembro de 1986); Evangelización contextual - fundamentos teológicos y pastorales. Costa Rica: Ediciones Sebila, 1986; "La estrategia de Iglecrecimiento para la expansión del cristianismo." *Misión*, 6 (março de 1987).

[3] Alguns autores procuram estabelecer as bases bíblicas da idéia do crescimento da igreja, porém sem avançar biblicamente a conceituação do critério de avaliação deste crescimento utilizada pelos líderes da "escola de crescimento da igreja". Veja, por exemplo: TIPPETT, Alan R. *A palavra de Deus e o crescimento da igreja. Base bíblica do ponto de vista do crescimento da igreja*. Trad. de Caruso, Luiz Aparecido. São Paulo: Vida Nova, 1970; e FULLER, Charles *Bases bíblicas para el iglecrecimiento.* Pasadena: Instituto de Evangelismo e Iglecrecimiento, 1978.

Os defensores do "Movimento de Crescimento da Igreja" dão muita ênfase ao acréscimo numérico ao rol de membros como um indicador do crescimento da igreja.[4] Com efeito, o crescimento tende a ser unidimensional na sua avaliação técnica. Um deles, Alan Tippett, não satisfeito com a ênfase apenas no crescimento numérico, elaborou mais o critério e propôs três dimensões do crescimento: o crescimento qualitativo, o crescimento quantitativo e o crescimento orgânico. O primeiro se refere ao amadurecimento "vertical" de cada crente com Deus, o segundo à adesão de pessoas à igreja, e o terceiro ao desenvolvimento da igreja como uma comunidade, isto é, à inter-relação dos membros da igreja. Juan Carlos Miranda fala de crescimento espiritual, crescimento corporativo, crescimento social e crescimento numérico.[5] O primeiro corresponde ao qualitativo, o segundo ao orgânico e o último ao quantitativo. Somente o crescimento social é uma novidade no esquema do autor e se refere tanto à apreciação da igreja pela sociedade em geral, quanto à assistência social prestada pela igreja aos seus membros. Mas entre todos os teólogos mencionados acima, Orlando Costas foi quem ofereceu sugestões mais construtivas . Ele também fala de quatro dimensões de crescimento, a saber, o crescimento numérico, o crescimento orgânico, o crescimento conceptual e o crescimento diaconal. Estes dois últimos são contribuições novas e se referem respectivamente ao aprofundamento no conhecimento teológico e bíblico da fé e "à intensidade do serviço que a igreja rende como demonstração do amor concreto de Deus". É importante distinguir entre o crescimento diaconal de Costas, cujo alvo é o serviço ao mundo e o crescimento social de Miranda cujo alvo é a assistência aos membros da igreja. Fora isto, Costas correlaciona três *qualidades* do crescimento às suas quatro *dimensões*.

	Dimensões			
Qualidades	Numérico	Orgânico	Conceptual	Diaconal
Espiritualidade				
Encarnação				
Fidelidade				

Estas qualidades são mais teológicas que práticas, como no caso das dimensões, e seguem a analogia da trindade. Portanto as qualidades incluem espiritualidade (a presença e operação dinâmica do Espírito Santo), encarnação (a presença histórica de

[4] Alguns dos principais textos do "Movimento de Crescimento da Igreja" em português incluem: WAGNER, Peter *Estratégias para o crescimento da igreja*. São Paulo, Editora SEPAL, 1991 e Por que crescem os pentecostais? São Paulo, Editora Vida, 1987; READ, William R., MONTEROSO, V. M., JOHNSON, H. A., eds. *O crescimento da igreja na América Latina*. São Paulo: Vida Nova, 1970; MIRANDA, Juan Carlos *Manual de Crescimento da Igreja*. 1 ed., Trad. de Malkomes, Carmella. São Paulo: Vida Nova, 1989; GERBER, Vergil *Sua igreja precisa crescer*. 4 ed., São Paulo: Vida Nova, 1983; READ, William R. *Fermento Religioso nas Massas do Brasil*. Campinas: Livraria Cristã Unida; WAYMIRE, Bob, e WAGNER, C. Peter *Manual de Pesquisa Sobre o Crescimento da Igreja*. 3 ed. Trad. de HALL, Jonathan C. São Paulo: SEPAL, 1990; KEYES, Lawrence E. *Crescimento equilibrado na igreja local*. SEPAL, 1981.

[5] MIRANDA, Juan Carlos *Manual de Crescimento da Igreja*. 1 ed., Trad. de Carmella Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1989, pp.17-18.

Jesus na dor e nas aflições da humanidade) e fidelidade (a coerência da ação da igreja com os propósitos de Deus para o seu povo). Estas qualidades ajudam a avaliar níveis de crescimento numérico, orgânico, conceptual e diaconal e assim fornecem a possibilidade de uma avaliação mais criteriosa. Desta forma, creio que Costas tenha finalmente desenvolvido a discussão de maneira positiva a respeito de critérios para avaliação do crescimento da igreja. Porém, suas quatro dimensões ainda não refletem precisamente as principais dimensões encontradas na Bíblia da atuação e crescimento da igreja.

Quero, portanto, sugerir um outro modelo das dimensões do crescimento da igreja, baseado principalmente nos capítulos três e quatro da carta aos Efésios. Primeiro, no capítulo três veremos uma característica fundamental do ministério da igreja em relação ao mundo. Esta característica é preliminar à compreensão das dimensões do crescimento da igreja. Depois, no capítulo quatro, nos depararemos mais com as próprias dimensões. Mas antes disto, alguns comentários sobre as missiologias em competição em nosso meio:

Talvez a maior crise na missiologia latino-americana seja de natureza ideológica. Há articulações teológicas que reduzem a missão da igreja à transformação de injustiças sociais, e há outras que reduzem-na à salvação de indivíduos pecaminosos e "desencarnados". De certo modo, é a velha divisão docética entre o espírito e o corpo. A crise é bem conhecida na nossa literatura e nas nossas conferências, não necessitando de documentação aqui. Ao mesmo tempo, há também alguns poucos representantes de ambos os lados desta divisa missiológica de instituições e de interesses que reconhecem a necessidade de superar as suas próprias respectivas reduções. Porém, freqüentemente falta-lhes uma articulação clara e bíblica que contribua para a superação desta crise missio-ideológica.

Concomitantemente há uma consciência na América Latina (maior do que na América do Norte e na Europa) tanto de graves injustiças sociais na sua sociedade quanto do mundo espiritual. O desenvolvimento político e as desigualdades socio-econômicas deste continente facilitam a consciência da primeira. A manifestação contínua de religiosidade popular e o constante abastecimento de novas crenças favorecem a segunda. Tal consciência social e espiritual afinada conclama uma missiologia bíblica que relacione estas duas esferas em vez de separá-las. A seguinte reflexão articula biblicamente a relação entre o mundo de conflitos espirituais e o de conflitos entre estruturas sociais. Assim, procura contribuir para uma superação da antiga dicotomia que as igrejas latino-americanas herdaram do norte-atlântico, mas que não está congruente nem com a perspectiva bíblica, nem com a sua própria cosmovisão.

O tema de "espiritualidade" tem tudo a ver com a crise acima mencionada. De modo geral, a literatura evangélica recente, tanto a teológica quanto a popular, trata deste tema em referência à vida devocional, contemplativa e mística. Embora a Bíblia forneça amplas bases para a vida devocional, a espiritualidade bíblica é muito mais abrangente que isso. Aliás, é justamente a combinação do enfoque na vida devocional com as grande correntes filosóficas de romantismo e iluminismo[6] que tiveram tanto

[6] Enfatizou a privatização e racionalização de crenças religiosas.

impacto na cosmovisão ocidental moderna, que resultou numa dicotomia entre o espiritual e o social/material, gerando uma prática devocional mais gnóstica que cristã. Tal espiritualidade divorciada da história priva a igreja duma missiologia ampla, uma missiologia segundo os moldes de Cristo Jesus, que possa norteá-la para uma praxis transformadora de estruturas injustas e de pessoas injustificadas.

No que se segue, quero sugerir um modelo do ministério da igreja no mundo, partindo dos capítulos três e quatro da carta aos Efésios.

O ministério bidimensional da igreja

Talvez a expressão mais precisa, mais abrangente, e mais integral do ministério da igreja se encontre resumida em Efésios 3.10. Tanto a introdução a este versículo quanto a conclusão reforçam a natureza superlativa deste ministério. Entretanto, pouco se expõe a centralidade desta passagem para uma compreensão da tarefa da igreja no nosso mundo e na nossa história. Tal compreensão é essencial para o engajamento evangelístico integral.

Diversas vezes na carta aos Efésios, encontramos a frase "principados e potestades nas regiões celestiais" (1.3, 20-21, 2.2, 6, 3.10, 6.12) como o âmbito da vida e testemunho da igreja. Em outros lugares no Novo Testamento a esfera da missão se confina mais restritamente às "nações" ou aos "gentios e judeus".

Expositores bíblicos interpretam a frase "principados e potestades" duma de duas maneiras. Alguns entendem que estes "Poderes celestiais" possuem um significado apenas "espiritual" e se referem ao mundo angélico — ou as forças demoníacas de Satanás ou os exércitos angélicos de Deus. Isto é a interpretação comum e popular de Efésios 6.10-20. No seu extremo, esta perspectiva limita missões apenas à "batalha espiritual" vencida em oração e evidenciada pela conversão individual de almas a Cristo. O mercado de literatura evangélica está começando a se encher de livros a respeito deste assunto. Diante duma avalancha de idéias e ministérios nesta área, compete-nos a distinguir cuidadosamente entre o ensino que está solidamente enraizado na Bíblia e aquele que parte da experiência de alguns mas, não encontra uma base bíblica clara.

Outros preferem uma interpretação "sociológica", interpretando os Poderes como referências a estruturas sociais que precisam ser sujeitas aos valores de Deus como a justiça e a paz. Observe-se, por exemplo, que Efésios 6.10-20, onde a mesma linguagem aparece, se localiza imediatamente num contexto de relações sociais justas entre empregado e patrão (6.5-9). No seu extremo, esta perspectiva reduz a tarefa prioritária da igreja apenas a uma "luta social" ganha pelo engajamento político e evidenciada pela transformação coletiva de estruturas sociais.

As duas interpretações parecem tão mutuamente distantes que dificilmente uma poderia ter algo a ver com a outra. Entretanto, uma compreensão mais detalhada desta passagem invalida tal oposição. Ela revela o ministério da igreja em duas esferas, sendo tanto uma batalha espiritual quanto um engajamento histórico e social. São dois aspectos da mesma realidade. Não são posições contraditórias.

Uma analogia apropriada se encontra em Daniel 10-11. Nesta passagem a transformação de estruturas sociais aqui na terra — a dominação dos governos da

Pérsia, Grécia, Síria e Egito — é reflexo duma batalha angélica no céu.[7] Dois príncipes ou anjos maus, da Pérsia e da Grécia, pelejam contra um anjo de Deus que aparece para Daniel e que foi socorrido pelo bom príncipe, Miguel, um dos chefes dos anjos. O quadro se descreve tanto do lado "espiritual" (capítulo 10) quanto "social", de tal forma que os dois se confundem. Concluímos que há duas esferas inseparáveis e simultâneas de atuação para a igreja, a esfera *espiritual* e a esfera *histórica e social*. A missão da igreja ocorre nos dois planos ao mesmo tempo.

Oscar Cullmann deixou clara a proeminência dada aos Poderes angélicos no pensamento dos primeiros cristãos,[8] especialmente em todo lugar onde o senhorio absoluto de Cristo é discutido. Para ele, estes Poderes, na fé do cristianismo primitivo, estão por trás de tudo que ocorre no mundo.[9] É necessário, portanto a evangelização dos próprios Poderes. Seu destino não é inequivocamente perdição, mas são os objetos de evangelização pela igreja (cf. 1 Coríntios 6.3).[10]

O uso da expressão, "regiões celestiais" em Efésios 1.3, 20, 2.6 e 3.10 sugere que os lugares celestiais são a esfera onde os cristãos, com um pé em cada um de dois mundos, já experimentam a vida ressurreta em Cristo, mas também onde os Poderes ainda exercem domínio. Com eles a igreja luta, e a eles a igreja prega e faz a multiforme sabedoria de Deus conhecida. Que isto esclarece a proclamação do evangelho entre as etnias do mundo se evidencia pelo paralelo próximo à expressão em Efésios 3.8, onde o apóstolo Paulo recebe a graça de pregar aos gentios. A idéia é revolucionária para uma missiologia integral e transformadora: *a evangelização dos povos do mundo, inclusive qualquer prioridade dada aos povos "não-alcançados" — Romanos 15.20-21 — só se realiza efetivamente dentro do contexto maior de redimir as potências espirituais por trás deles, no plano espiritual e no plano sócio-político. É uma e a mesma tarefa.*

Carl Jung uma vez relatou, muito inquieto, que no período depois da Primeira Guerra Mundial e logo antes de Hitler chegar ao poder, seus pacientes alemães sofriam do distúrbio de pesadelos mitológicos de violência e crueldade que pareciam transcender os limites da consciência pessoal. Algum monstro profundo e esquecido estava se mexendo, prestes a irromper no mundo, encarnado não em um

---

[7] Veja, por exemplo, Daniel 10.13,20-21, Isaías 41-46 e 48, Jubileus 15.31-32, 1 Enoque 89-90, 3 Enoque 14.2, 17.8 e 26.12, Testamento de Néftali 8 e Apocalipse 12-17. Para a relação íntima entre a dimensão "espiritual" e a "político-estrutural" veja o uso em Lucas 12.5 de *exousia* para se referir primeiro ao "poder" de Satanás, e em 12.11, apenas seis versículos depois, às "autoridades" humanas! Também a mesma relação bipolar se estabelece em Colossenses 1.16: "porque nele [o Filho, v.13] foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele" (tradução da Bíblia de Jerusalém).

[8] CULLMANN, Oscar. *The Earliest Christian Confessions*. London: SCM Press, 1949, pp.58-62.

[9] CULLMANN, Oscar. *Christ and Time. The Primitive Conception of Time and History*. revised ed., Trad. de Floyd V. Filson, Philadelphia: Westminster, 1964, pp191-92.

[10] A tradução de *katargéō* em 1 Coríntios 15.24 e 26, em vez de "destruir", deve ser "nulificar", ou "entregar". Afinal de contas, se houver destruição, o que sobra para Cristo sujeitar (*hupotássō*, o virtual sinônimo de *katargéō*)? Pois, os poderes são pressupostos novamente em versículos 27-28. A perspectiva se evidencia num documento de Nag Hammadi, *O Tratado Tripartido* (124:25-28), "Não somente os humanos precisam de redenção, mas também os anjos, precisam da redenção". Certamente, esta é a posição apresentada em Colossenses 1.20, que aguarda a reconciliação "de todas as cousas, quer sobre a terra, quer nos céus".

endemoniado solitário e selvagem entre os túmulos, mas num homem capaz de galvanizar uma nação inteira numa possessão diabólica.[11]

Precisamos recuperar o ministério de exorcismo, espiritual e político. O exemplo paradigmático de exorcismo coletivo no Novo Testamento é a purificação do templo por Jesus (Marcos 11.11, 15-19 par). No Evangelho, o ato estabelece o clímax do seu ministério, o enfoque central da sua viagem a Jerusalém, e a provocação final antes da sua prisão e execução. Todos os relatos, inclusive o de João, usam o termo formuláico para exorcismo, *exballo*, para descrever o seu ato de "expulsar" os comerciantes do templo. Seu ato ao mesmo tempo foi espiritual e político e assim também foram as repercussões.

Em resumo, é necessário fazer uma outra distinção: Primeiro, o ministério da igreja tem uma característica *coletiva*, não só individual. Não é fácil entender e aceitar esta idéia no Ocidente aonde o individualismo predomina. Entretanto, isto não é o caso da cultura hebraica e por conseqüência da perspectiva bíblica. Lá, é o princípio de *solidariedade corporativa* que predomina. Basta lembrar dos conceitos bíblicos da eleição, da aliança, do dilúvio, do exílio e no Novo Testamento do corpo de Cristo. O alvo da nossa missão implica não somente no anúncio a indivíduos. Implica também num anúncio a todos os Poderes que governam o nosso mundo, e isto porque a ressurreição de Jesus realizou uma mudança não só na vida de indivíduos mas na própria direção da história. Esta não mais caminha para a "vaidade" e a "escravidão da corrupção", e sim para a "liberdade da glória" e a "libertação" (Romanos 8.18-25).

Segundo, o ministério da igreja também possui uma característica *pessoal*, não impessoal. *Dizer que o alvo da missão não é só individual mas também coletivo não significa que o objeto da missão seja impessoal*. Há muita confusão no uso destes termos quando se trata da perdição, da salvação e do ministério evangelístico da igreja. Esclarecemos, "pessoal" não é o antônimo de "coletivo", mas de "impessoal". Por sua vez, "individual" não é o antônimo de "impessoal", mas de "coletivo". O evangelho é anunciado por e para *seres pessoais*, não estruturas impessoais, como algumas interpretações sociológicas afirmam. Enquanto capítulo 6 nos diz que a nossa luta não é contra "carne e sangue", isto é, contra seres humanos, não diz que a luta é impessoal, como se fosse uma luta apenas econômica, política ou até demográfica. Não, "os principados e as autoridades" são seres *pessoais*, como já vimos na referência ao livro de Daniel. Finalmente, é importante manter estas duas características juntas — *coletivo e pessoal* — não predominando uma sobre a outra, no que se diz a respeito do ministério da igreja. A tarefa de "transformar as estruturas sociais", encarada e assumida tanto na sua dimensão angélico-espiritual quanto na sua encarnação político-social, é integral a missão da igreja.[12]

Em síntese, o engajamento evangelístico é uma luta *espiritual*. Por esta razão,

---

[11] WINK, Walter *Unmasking the Powers: The Invisible Forces that Determine Human Existence*. Vol. 2. (The Powers), Philadelphia: Fortress, 1986, p.50.

[12] Niels Bohr, o pai da mecânica quantum, usou linguagem semelhante quando se referiu à "inseparabilidade das perspectivas materialista e espiritualista," já que "o materialismo e o espiritualismo, que são definidos somente por conceitos emprestados um do outro, são dois aspectos da mesma coisa". Veja HONNER, John. "Niels Bohr and the Mysticism of Nature", in *Zygon*, 17 (1982), p.246.

o apóstolo enfatiza em capítulo 6 a necessidade dum preparo espiritual, destacando uma vida de oração, um discernimento da verdade, a prática da justiça, o manejo do anúncio do evangelho, a defesa da fé, e uma apologética da salvação (o pano de fundo de Efésios 6 em Isaías 59 duma nação injusta, mentirosa, violenta e imoral). Porém, tal espiritualidade não é extraterrestre como a espiritualidade monástica que aborrece este mundo e esta história. Ao contrário, o ministério da igreja se realiza aqui neste mundo e dentro da nossa história. É também uma missão *histórica e social*. Estas duas esferas "se casam" de tal forma que a "espiritualidade" evangelístico roga "seja feita tua vontade *assim na terra* como no céu". Tal "espiritualidade" invade toda dimensão de relação humana. Depende de oração, oração essa que não foge do mundo mas que mergulha para dentro dele, como Jesus alcançou aos pecadores, a fim de transformá-los pelo poder do Espírito Santo. São duas esferas do ministério da igreja, espiritual e histórico-social. Também há duas características deste ministério, coletiva e pessoal.

O ministério bilateral da igreja

É este ministério abrangente, diante dos Poderes celestiais — tanto no plano espiritual, quanto no plano social — que estabelece o contexto de Efésios 4.7-16. E é nesta passagem que aprendemos que não há evangelismo integral sem uma eclesiologia integral. A transformação de pessoas e da sociedade pelo evangelho é conseqüente duma comunidade de discípulos transformada integralmente.

Eis a passagem segundo a tradução de João Ferreira de Almeida, edição revista e atualizada:

> (7) E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. (8) Por isso diz: *Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro, e concedeu dons aos homens*. (9) Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido até às regiões inferiores da terra? (10) Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as cousas. (11) E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, (12) com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, (13) até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, (14) para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. (15) Mas seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é o cabeça, Cristo,...

Normalmente esta passagem é interpretada como uma bela referência à edificação interna e portanto, uni-direcional, da igreja. Três observações nos ajudam a entender a passagem duma maneira mais abrangente, como uma referência

bidirecional tanto à edificação interna quanto à evangelização externa. Primeiro, a frase substantiva, "*todas as cousas*" em 4.10 e a frase adverbial, "*em tudo*" em 4.15, traduzem uma palavra que significa nos dois casos literalmente "*o todo*". "*O todo*" por sua vez é um termo técnico usado nesta carta (1.10, 11, 22, 23, 3.9, 5.13) para abreviar a outra frase técnica mencionada acima, "*as potestades e principados*".[13] Prefiro então traduzir a frase em 4.15 assim, "*o todo cresce*[14] (as potestades e principados, ou o cosmos) *naquele que é o cabeça, Cristo*". Segundo, o "*serviço*" dos santos, mencionado em 4.12, à luz de 3.10, só pode se referir ao engajamento missionário da igreja. E terceiro, 4.12 deve ser lido sem as vírgulas como nos manuscritos antigos, que não possuíam pontuação. Eis a nossa tradução interpretativa à luz das observações acima:

> (7) Mas a cada um de nós foi dada a graça conforme a medida do dom de Cristo. (8) Por isso se diz[15]: *Quando ele subiu às alturas, cativou o próprio cativeiro, deu dons ao povo.* (9) Que significa "subiu" senão que ele também desceu lá em baixo até a terra? (10b) Aquele que desceu é também aquele que subiu acima e além de todos os céus para que o todo[16] se completasse, (11) isto é[17] ele deu[18] uns para serem apóstolos, outros profetas, outros evangelistas, e outros pastores e mestres, (12)[19]

---

[13] Veja a discussão por BARTH, Markus *Ephesians. A New Translation with Introduction and Commentary on Chapters 1-3*. (Anchor Bible), eds. ALBRIGHT, William Foxwell e FREEDMAN, David Noel. Garden City, N. Y.: Doubleday & Company, 1974, pp. 176-179, 157 n. 67; e na mesma série, *Ephesians. A New Translation with Introduction and Commentary on Chapters 4-6*. (Anchor Bible), pp. 444-45]. Enquanto fora as Epístolas de Colossenses e Efésios *tà pánta* pode de vez em quando adquirir um sentido adverbial — "em tudo" — nestas cartas parece sempre ter a conotação dum substantivo e se referir ao cosmos.

[14] Tanto no grego clássico, quanto em 1 Coríntios 3.6-7, 2 Coríntios 9.10 e Pastor de Hermas vis. III 4.1, o sentido de "crescer" é transitivo. Esta tradução não invalida a soberania de Deus, como se não fosse ele que dá crescimento à igreja (como nas passagens que acabamos de citar). Apenas ressalta que Ele escolheu a igreja como o seu instrumento para efetuar tal crescimento e expansão no universo (veja 3.10). Para o apoio desta interpretação, veja SCHLIER, *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 3, Grand Rapids, Eerdmans, 1964 e *Der Brief an die Epheser*, 20 edição, Düsseldorf, Patmos, 1958, pp. 190, 205s.

[15] Na esfera espiritual, ou no mundo angélico.

[16] Todas as regiões, ou o cósmos.

[17] Na esfera histórica-social.

[18] Como dons.

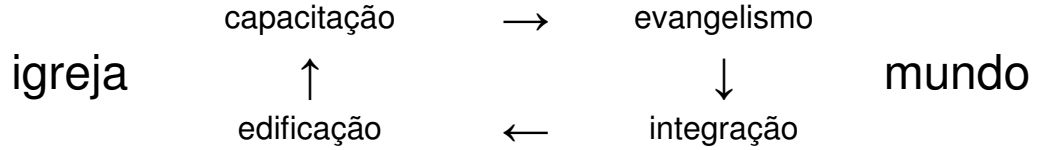
[19] Ler sem as vírgulas. Desta forma não encontramos três alvos distintos e paralelos, mas um só propósito — "edificando o corpo de Cristo" — que por sua vez leva ao seu alvo máximo — "a plenitude de Cristo". Assim aparecem seis cláusulas teleológicas (formulações indicando um propósito ou alvo) que descrevem a igreja em termos do seu destino e esperança. Nas palavras de Markus Barth:

> Todos os santos (e entre eles, cada santo) são capacitados pelos quatro ou cinco tipos de servos enumerado em 4.11 para cumprir-lhes o ministério dado, para que a igreja toda se envolva no serviço de Cristo e se incumba de substância, propósito e estrutura missionários....a igreja toda, a comunidade de todos os santos juntos, é o clero designado por Deus para um ministério para e em favor do mundo. Desta maneira duas opiniões muito conhecidas são refutadas: a pressuposição que o grosso dos membros da igreja seja reduzido a meros consumidores de dons espirituais, e a noção que a igreja como um todo deve procurar primariamente uma "edificação" que beneficia somente ela mesma. (*op. cit.*, p. 479)

> para a capacitação dos santos para a obra do ministério para a construção do corpo de Cristo, (13) até que todos nós alcancemos a unidade da fé e do bom conhecimento do filho de Deus, à maturidade completa de pessoas, à medida da estatura da compleição de Cristo, (14) para que não sejamos mais crianças, arrastados pelas ondas e levados por qualquer vento de ensinamento pelo engano das pessoas e dos seus truques que nos levam à decepção. (15) Mas falando a verdade em amor, façamos crescer "o todo"[20] na direção daquele que é o cabeça, Cristo...

Primeiro, reparamos a atuação de Cristo nas duas esferas simultaneamente. Sua concessão dos "dons" da liderança à igreja corresponde à sua atuação nas regiões celestiais de dominar todos os Poderes e conceder dons às pessoas. No plano histórico, reparamos que uma descrição bidirecional do ministério da igreja começa a se vislumbrar — a edificação interna direcionada aos membros da igreja e a evangelização externa direcionada ao mundo ainda não atingido pela plenitude de Cristo (4.10). Para chegar ao alvo de "plenificar o todo" (4.10, compare Bíblia de Jerusalém) para que "façamos o todo crescer naquele que é o cabeça" (4.15), Jesus concedeu à igreja uma liderança. Esta liderança recebe a incumbência (4.12) de capacitar os santos (o sentido literal da frase "com vistas ao aperfeiçoamento dos santos") para o seu engajamento evangelístico (o sentido de "o desempenho do seu serviço" de 4.12). Este engajamento também não é um fim em si, pois visa ainda a integração dentro da igreja dos evangelizados (o sentido de "edificação do corpo de Cristo"). E assim o círculo se completa: treinamento capaz levando ao engajamento evangelístico efetivo retornando para o próprio aumento da igreja e a sujeição deste mundo todo (compare "*crescer o todo naquele que é o cabeça*" de 4.15 com 1 Coríntios 15.28 e Filipenses 2.10-11, 3.21).

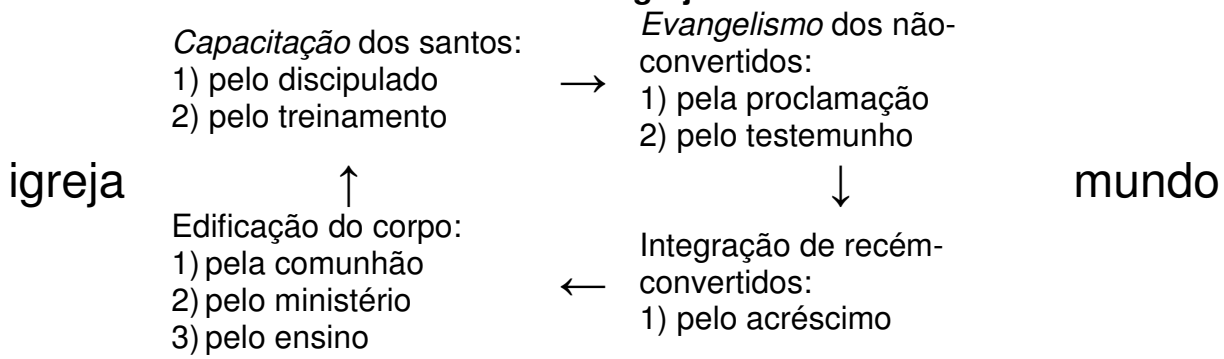
O ministério bilateral da igreja



Este "retorno" significa que o trabalho pastoral (de edificação e capacitação) tem uma finalidade evangelística enquanto o engajamento evangelístico tem, por sua vez, uma finalidade "pastoral"! Se quiser elaborar mais a direção interna e externa, pode incorporar de outras passagens bíblicas (especialmente Atos) áreas mais específicas do ministério da igreja. A tabela seguinte tenta sintetizar a discussão anterior.

[20] Isto é, o cósmos. Esta tradução preserva o paralelismo com versículos 12-13 e 16 e portanto é mais coerente. A idéia é a mesma de 1.23 e 4.10 aonde *tà pánta* também é substantivo.

O ministério bilateral da igreja mais detalhado



Síntese

Finalmente o modelo começa a surgir para um conceito do ministério transformador e integral da igreja. Baseado nestas reflexões, sugiro quatro princípios para o seu desenvolvimento.

A coletividade de agentes e de audiência. O testemunho cristão é tarefa da igreja toda. A força dos seus agentes "especiais", os evangelistas profissionais e as agências especializadas, depende da firmeza, fidelidade, e atuação da igreja toda. Por isso, Paulo, o apóstolo *par excellence*, gastou muito tempo escrevendo cartas "pastorais" encorajando a igreja a ser a nova alternativa da sociedade, isto é, uma nova criação. Um programa evangelístico duma denominação dependerá duma conscientização prática e abrangente, uma reeducação da igreja toda. A dinâmica da atuação evangelística da igreja sempre terá uma estreita relação à sua fidelidade e compromisso pastoral. Nós nos iludimos por almejar uma transformação integral do mundo se esta não nascer primeiro do modelo necessário duma comunidade cristã transformada integralmente.

Em termos de estratégia, o princípio de coletividade também se aplica. Em vez de focalizar apenas indivíduos, é mister pensar em coletividades culturais, sociais, políticas e geográficas. Isto corresponde à compreensão de etnias (povos não-alcançados podem ser enquadrados aqui); setores sociais desfavorecidos como crianças abandonadas, operários, grupos indígenas, etc.; a lutar contra a discriminação (veja a tática de Paulo em relação a Filemon) e a injustiça de toda sorte; e regiões geográficas de especial interesse como a Europa ocidental, o mundo muçulmano, nossas favelas urbanas e o êxodo rural.

A simultaneidade de atuação. A esfera da atuação da igreja é tanto espiritual quanto histórico-social. Isto significa que o ministério da igreja inclui as duas dimensões. É trágica a cegueira entre muitos líderes na igreja pelo esvaziamento do plano místico e espiritual. Talvez o maior impedimento à penetração do evangelho tradicional no Brasil seja a sua redução prática (apesar do discurso contrário) ao racionalismo e materialismo. A Bíblia nos fornece toda a base para recuperar esta visão do mundo habitado por espíritos, sem cairmos num fundamentalismo nem num novo gnostismo (os dois tem muito em comum fenomenologicamente) anti-histórico e anti-social.

Por outro lado, a conversão da igreja como instituição em plataforma meramente partidária simplesmente não é radical o suficiente. É preciso que os Poderes assumam seu devido lugar *debaixo* do senhorio de Jesus, e não paralelo ou acima dele. Sem a percepção e engajamento no plano espiritual que existe por trás das forças históricas que manipulam estruturas e sistemas, e através destes, as próprias pessoas, a transformação cristã destes últimos não vai acontecer, apenas a troca de potências.

A personalidade. Diante dos dois princípios anteriores, há um perigo da atuação evangelística da igreja não ser pessoal. A natureza apaixonadamente pessoal (de novo, não confunde "pessoal" com "individual") das epístolas e do ministério de Jesus devem nos corrigir de engajamentos evangelísticos impessoais, vagos e intangíveis. Na organização de células de estudo, de culto e de ação, a personalidade da fé cristão se manifesta. A burocracia e a excessiva institucionalização, inclusive no ministério de desenvolvimento comunitário, por mais importante que estas sejam, tendem a abafar a personalidade do testemunho.

A integralidade de ministérios. O ministério integral é bidirecional. Não está de costas nem ao mundo e nem à igreja. Isto é, inclui não só a preocupação pastoral e de edificação, como também o *preparo e envio* da igreja ao mundo — o trabalho dia-a-dia do cuidado pastoral com fins evangelísticos. É preciso que a relação entre os diversos ministérios da igreja seja expressa na sua organização. Enquanto a sua separação institucional pode ser conveniente para a organização, de alguma forma sua integração precisa de expressão. Não é por acaso que os nossos membros tendem para o dualismo no conceito de ministério. Esta dupla direção da igreja pode ser especificada mais em termos dos oito ministérios mencionados na seguinte tabela.

O MINISTÉRIO INTEGRAL DA IGREJA ("para que o todo se completar" Efésios 4.10)
"o todo cresce naquele que é o cabeça, Cristo" Efésios 4.15

DIREÇÕES do ministério	DIMENSÕES do ministério	MINISTÉRIOS da Igreja	EXEMPLOS de Efésios 4	EXEMPLOS da NT em geral
INTERNO	Edificação para	Comunhão 59	"unidade da fé" Efésios 4.13	partir o pão, oração
		Ensino 212	"pleno conhecimento" Efésios 4.13	exposição bíblica
		Serviço 101	"humanidade completa" Efésios 4.13	assistência, visitação, dons, auxílio ao mestre
	Integração	Acréscimo 28	"cresça o todo" Efésios 4.15	batismo
EXTERNO	Capacitação para	Discipulado 266	"aperfeiçoar os santos" Efésios 4.12	habilitação
		Treinamento 68	"não mais crianças" Efésios 4.14	disciplina
	Evangelização 133	Proclamação 72	"falar a verdade em amor" Efésios 4.15	pregação verbal
		Testemunho 173	"a obra de serviço" Efésios 4.14 // 2.10; 3.10	Testemunho de vida, atos de justiça

(Observação: Os números ao lado das palavras gregas correspondem à ocorrência desta palavras e os seus cognatos imediatos — adjetivos e substantivos)

A oração para evangelismo

Um dos maiores segredos da expansão evangelística da igreja é o papel da oração.[1] Através da oração a igreja desempenha um dos seus mais importantes papéis em preparação para sua própria revitalização e como lutadora contra as forças do mal. Este é o assunto deste capítulo através duma nova olhada para um texto muito trabalhado nesta área, Efésios 6.10-20. Eis o texto, segundo a Nova Versão Internacional:

> (10) Finalmente, fortaleçam-se no Senhor e no seu forte poder. (11) Vistam toda a armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do diabo, (12) pois a nossa luta não é contra carne e sangue, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais. (13) Por isso, vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau e, depois de terem feito tudo, permaneçam inabaláveis. (14) Assim, mantenham-se firmes, cingindo-se com o cinto da justiça (15) e tendo os pés calçados com a preparação do evangelho da paz. (16) Além disso, tomem o escudo da fé, com o qual vocês poderão apagar todas as setas inflamadas do Maligno. (17) Usem o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus. (18) Orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica; tendo isto em mente, estejam atentos e perseverem na oração por todos os santos.
> (19) Orem também por mim, para que, quando eu falar, seja-me dada a mensagem a fim de que, destemidamente, torne conhecido o mistério do evangelho, (20) pelo qual sou embaixador em algemas. Orem para que nele eu fale com coragem, como me cumpre fazer.

Há muito tempo entendi esta passagem como um alerta no plano espiritual para a vida individual e particular de cada cristão. Isto é o modo comum de interpretar esta passagem. Com esta interpretação muitos ministérios de libertação e exorcismo são construídos. Hoje, porém, eu entendo esta interpretação como incompleta e parcial. Pelo menos duas complementações são necessárias.

Em primeiro lugar, o plano de atuação ao qual Paulo está se referindo não é apenas espiritual no sentido de luta interior, ou mental. O contexto maior demonstra que tem também tem em vista os relacionamentos familiares, sociais, e econômicos (5.22-6.9). É certo que Paulo afirma que a nossa luta não é "contra o sangue e a carne." Mas, com estas palavras ele está afirmando quais são as causas últimas por trás dos conflitos humanos e sociais que enfrentamos. E ele não está negando a manifestação histórica e terrestre deste conflito. Portanto é importante compreender

[1] Este capítulo foi publicado originalmente com o título, "A armadura de Deus: ecos de escritura em Efésios, com fins missiológicos" na revista *Boletim Teológico da Fraternidade Teológica Latino-americana - Setor Brasil*, Volume 9 (Janeiro-Março,1995), Número 25, pp. 34-41.

que embora Paulo esteja tratando da raiz espiritual duma batalha na qual os cristãos participam, esta batalha se manifesta não só dentro das nossas cabeças ou nos nossos espíritos, mas nos nossos relacionamentos históricos e cotidianos com a sociedade nas suas múltiplas dimensões ao nosso redor.[2]

Em segundo lugar, nós não enfrentamos esta batalha apenas individualmente e em particular. Paulo dá a instrução para a igreja toda porque é a uma batalha para a igreja em conjunto. Isto se evidencia não só pelo uso da segunda pessoa *plural* através da passagem toda, mas também pelo contexto maior da carta toda. Pois, uma leitura cuidadosa desta carta revela a preocupação do apóstolo em se dirigir a igreja toda *em conjunto* (Mateus 16.18).

Minha tese é esta: em Efésios 6.10-20, Paulo escreve a fim de capacitar a igreja a avançar no seu ministério enquanto está sendo engajada numa luta espiritual. Primeiro, ele resume a sua discussão de toda a carta anterior com uma *afirmação*. Depois ele dá uma *razão* pela sua afirmação. E por fim, Paulo conclui, nos indicando a *resposta* cristã para a luta espiritual em que a igreja se encontra.

A afirmação: o quê?

O versículos 10-17 começam com uma afirmação: "sede fortalecidos *no Senhor* e *na força* do seu poder" (João Almeida Ferreira, Revista e Atualizada, cf. 1 Coríntios 16.13). Paulo está recapitulando o que havia afirmado antes, que o fortalecimento do cristão está na morte e na ressurreição de Jesus (2.1-10) e na manifestação do seu corpo na igreja (4.7-16). Portanto, o fortalecimento que Paulo recomenda é uma força ativa e explosiva, não uma força apenas passiva e potencial. É a diferença entre uma caixa de dinamite parada e uma caixa de dinamite que está explodindo.

A razão: por que?

Em seguida os versículos 12-13 explicam a razão da necessidade de fortalecimento. A igreja se encontra numa "luta" cósmica. Cogita-se muito a respeito do local e natureza desta "luta". Às vezes pensa-se em nossa terra ("este mundo tenebroso" — pela tradução de João Almeida Ferreira, Revista e Atualizada). Outras vezes pensa-se mais no procedimento da história humana atual ("esta época de escuridão" — Linguagem de Hoje). Como podemos entender esta expressão chave?

Primeiro, observa-se que não há indícios por chaves literárias de linguagem metafórica. Paulo está se referindo a uma luta contra o diabo e as forças do mal. Segundo, é uma luta "nas regiões celestes". O conceito do mundo de lutas cósmicas não é nenhuma novidade de Paulo. Já aparece no Antigo Testamento e encontra um desenvolvimento maior na literatura apocalíptica. Por exemplo, em Daniel 10.10-21 lemos que Deus designou um anjo, ou um "deus" sobre cada uma das nações pagãs. Dois príncipes, ou anjos maus, da Pérsia e da Grécia, pelejam contra um anjo de Deus

---

[2] BARTH, Markus *Ephesians. A New Translation with Introduction and Commentary on Chapters 4-6*. (Anchor Bible), eds. ALBRIGHT, William Foxwell e FREEDMAN, David Noel. Garden City, N. Y.: Doubleday & Company, 1974, pp.802-03.

que aparece para Daniel e que foi socorrido pelo bom príncipe, Miguel, um dos chefes dos anjos. A luta "celestial" se reflete no mundo e na história através da luta entre as nações sobre as quais os anjos regem.

No livro apocalíptico de Jubileus 15.31-32, a idéia encontra desenvolvimento maior: "...Pois há muitas nações e muitos povos, e todos são dele, e sobre tudo Ele colocou espíritos em autoridade *para desviá-los dele*. Mas sobre Israel Ele não designou nenhum anjo ou espírito, pois Ele somente é o governador deles, e Ele os preservará e os exigirá das mãos dos Seus anjos e Seus espíritos, e à mão de todos os Seus poderes a fim de preservá-los e abençoá-los". E em 1 Enoque 89-90 encontramos setenta pastores-anjos, sobre as nações, que são designados para castigar o Israel (cf. 1 Enoque 56.5, Lucas 4.6; 3 Enoque 14.2; 26.12; Testamento de Naftali 8 e 9.1-5).

Esta idéia está por trás de diversas passagens no Novo Testamento como 1 Coríntios 4.9; 6.3; 1 Timóteo 3.16; Atos 16.9; Apocalipse 12-17; Filipenses 2.10-11; 1 Coríntios 15.24-28 e os anjos das igrejas em Apocalipse 2-3.

Voltando para Efésios, sugiro que as regiões celestes são uma dimensão da realidade na qual os crentes já estão inseridos, enquanto na terra e aonde os Poderes celestiais ainda exercem domínio e com os quais devemos lutar, pregar, e manifestar a "multiforme sabedoria de Deus". Isto deriva daquilo que Paulo havia falado antes nesta carta a respeito das regiões celestes. Vejamos na ordem em que a expressão aparece. Em Efésios 1.3, os benefícios espirituais que cabem aos cristãos provém das regiões celestiais através de Cristo. Em Efésios 1.20, Cristo recebeu sua posição nas regiões celestiais de Deus Pai através da sua ressurreição. Em Efésios 1.21, esta posição de Cristo supera a de qualquer outra entidade celestial em qualquer tempo, excluindo o próprio Deus (cf. 1 Coríntios 15.25-27). Em Efésios 1.22-23, imediatamente depois da posição celestial de Cristo, e ainda acima da posição de qualquer outra autoridade angélica, está a posição da igreja cujo ministério é de reger sobre todas estas autoridades (literalmente, "o todo," cf. 1.10; 3.9; 4.10). Em Efésios 2.6, a igreja recebe esta posição celestial como conseqüência da sua salvação gratuita, de novo, com o propósito de dar testemunho, "*mostrar*", em todos os tempos, a maravilha da graça de Deus em Jesus Cristo (cf. 3.10 e "o todo" em 4.15; 5.13). Em Efésios 3.10, a igreja mostra ou testemunha, isto é, exerce seu ministério, diante de todas as autoridades celestiais. E finalmente em Efésios 6.12, estas autoridades incluem forças do mal contra quem pelejamos.

Diante deste pano de fundo, Paulo traz uma advertência, de "*ficar firmes*", uma frase que ele repete três vezes (vv. 11, 13, e 14) e que dá a idéia de *firme resistência* a uma oposição forte (Tiago 4.7; 1 Pedro 5.9). Para esta firmeza e resistência ao mal, a igreja é exortada a vestir a "armadura de Deus".

A resposta: como?

Nos versículos 14-17, Paulo elabora uma alegoria usando a figura da *armadura de Deus*. Pode estar se referindo ou à armadura que Deus usa, ou àquela que ele oferece. Aqui encontramos ecos de Isaías 59.17, com a sua descrição da armadura de

Iahweh, o Guerreiro celeste.[3] Além de 59.17[4], encontramos também ecos de Isaías 11.5 e 52.7.[5] A ponte de Isaías 59 para o capítulo 11 deve ter ocorrido a Paulo por causa da metáfora central a ambos os textos a respeito do braço desnudado ou a mão forte de Deus, que demonstra a sua prontidão em vindicar o Israel diante das nações (cf. 59.1, 16; 11.11, 15; 63.5; e 52.10).

É neste contexto maior da cosmovisão apocalíptica e do seu profeta favorito, Isaías, que conseguimos entender a metáfora que Paulo apresenta.

O cinto da verdade. No início de Efésios Paulo já descrevera o evangelho como "a palavra da verdade" (1.13). Em 6.13, ele ecoa a profecia de Isaías 11.5 a respeito da vinda do messias para quem "a *justiça* será o cinto dos seus lombos, e a *fidelidade* o cinto dos seus rins" e quem, no seu reinado messiânico, estabelecerá a paz necessária para a evangelização mundial (cf. Efésios 2.13-17!). A linguagem a respeito do lombo, conhecido como o centro da força do corpo, se refere a prontidão (Lucas 12.35; 1 Pedro 1.13). O cinto da verdade, então, simboliza a prontidão para entregar o evangelho, que é a tarefa e serviço da igreja diante de todas as autoridades (cf. 3.10 e 4.12).

A couraça da justiça. Esta metáfora ressoa a descrição do Guerreiro celeste em Isaías 59.17. A "justiça" refere-se, por um lado, à retidão do caráter, isto é, o compromisso moral, decisivo e ativo diante dos padrões do mundo (cf. Isaías 59.1-15; Efésios 5.9 e Romanos 6.13). Refere-se à "justiça social". Mas parece que há também uma referência à "justificação" do cristão diante de Deus. Em Isaías 59.17-20 a relação entre justiça como moralidade pessoal/social e a justiça como a salvação é intima. Numa cultura de honra e vergonha, como no mundo mediterrâneo antigo,[6] a couraça representa a honra (justificação) que a igreja possui ao representa o Deus vivo, uma honra que deve ser refletida nas suas ações pessoais e coletivas em relação ao mundo ao redor (cf. Efésios 2.9-10).

Os sapatos do evangelho da paz. Mais uma vez, o leitor, pela metáfora que Paulo emprega e através da lembrança de Efésios 2.17, é levado à figura de Isaías,

---

[3] É importante reconhecer que o conflito cósmico mais fundamental, segundo a perspectiva bíblica e confirmado nesta passagem em particular, é o conflito entre o bem e o mal, ou entre a justiça e a injustiça (conflito moral em termos pessoais e sociais). Nas cosmovisões pagãs daquela época (como na cosmovisão ocidental popular hoje) o conflito mais fundamental não era entre o bem e o mal, mas entre a ordem e o caos (conflito estrutural — veja, por exemplo, os enredos dos programas de televisão, e os desenhos animados para crianças). Isaías 59 descreve tipicamente o conflito entre o bem e o mal (veja WINK, Walter *Engaging the Powers: Discernment and Resistance in a World of Domination*. Vol.3. (The Powers), Minneapolis: Fortress, 1992, pp.13-31).

[4] Possivelmente Paulo também tinha em mente *Sabedoria de Salomão* 5:17-20 (veja o uso comum da palavra *panoplía*). Enquanto o *Rolo de Guerra* de Qumrã (1QM) também fale de guerra espiritual, tanto as armas mencionadas quanto a natureza da guerra neste documento são muito diferentes. Portanto não há demonstração de contato direto entre o pensamento de Paulo nesta questão e o documento de Qumrã.

[5] ARNOLD, Clinton E. *Ephesians, Power and Magic: The Concept of Power in Ephesians in Light of Its Historical Setting*. Cambridge, England e New York: Cambridge University, 1989, pp.108-09.

[6] Para uma análise dos valores culturais do mundo mediterrâneo em termos de honra e vergonha, veja PILCH, John J., e MALINA, Bruce J., eds. *Biblical social values and their meaning: a handbook.* Peabody: Hendrickson, 1993; e MALINA, Bruce J., e ROHRBAUGH, Richard L. *Social Science Commentary on the Synoptic Gospels*. Minneapolis: Fortress, 1992.

esta vez a figura de Isaías 52.7. O contexto da vindicação de Deus diante das nações em Isaías deixa a associação bem clara (cf. Isaías 52.10). Ironicamente, então, encontramos uma "arma" eficaz na luta contra o mal, na figura da paz, mais especificamente na reconciliação que o evangelho traz entre os salvos "dos confins da terra" (cf. Isaías 52.10; 11.9; 59.19-20) e Deus. A proteção nos pés que Paulo descreve, portanto, certamente cria a imagem da firmeza de postura do soldado contra os ataques do inimigo. Mais que isso, é uma prontidão manifesta pela disposição, ânimo, e entusiasmo ativos de pregar o evangelho cujo propósito é estabelecer paz entre o ser humano e o seu criador, Deus (cf. Romanos 10.15).

O escudo da fé. O escudo serve de reforço para todo o resto da armadura. "Embraçando" é um termo militar técnico que se refere a firmeza e a posição próxima do corpo em que segurava esta peça. De fato, o grande escudo romano (*scutum*) protegia dois terços do soldado e um terço do seu companheiro do lado esquerdo, e assim incentivava a luta *em conjunto* e em grupos bem fechados. Paulo já falara que a fé é o *meio* para adquirir o fortalecimento divino (3.16-17; 1.19; cf. 2.8). Portanto, a metáfora do escudo da fé alude ao apoio que Deus dá através da confiança e dependência que o corpo de Cristo *coletivamente* exerce nele.

O capacete da salvação. Em Isaías 59.17, o Deus Guerreiro "veste" o capacete da salvação como aquele que traz e opera a salvação de tal forma que "desde o poente e desde o nascente do sol" a glória e o temor do Senhor serão conhecidos para efetuar a conversão entre os judeus e os gentios (Isaías 59.20; 60.5). Quando Paulo usa a mesma figura em 1 Tessalonicenses 5.8, se refere ao livramento[7] do poder do pecado (cf. Romanos 13.12-14), que também é um tema de Isaías 59. Em outros lugares Paulo também conjuga a salvação com um processo racional (Romanos 6.11; 12.1-2; Filipenses 4.8-9; cf. Isaías 59.17). Paulo podia ter também em mente, lembrando do calçamento do evangelho da paz, a idéia evangelística de levar a salvação aos povos como acontecia com a figura de Deus Guerreiro em Isaías 59.

A espada do Espírito. Para a figura da "espada do Espírito," provavelmente Paulo retornava para Isaías 11.1-10, aonde o Espírito é enfatizado como aquele que repousa sobre o Messias e aonde esse Messias julga o mundo pelos seus lábios e pela sua boca (cf. "boca" em Efésios 6.19). Paulo logo esclarece que está se referindo à "palavra de Deus," que logo acostumamos associar com a Bíblia. Lembra-se de Hebreus 4.12 que também usa a analogia da espada. Entretanto, em Hebreus 4.12 a "palavra de Deus" traduz o *logos tou theou* enquanto Efésios 6.17 traduz *rema theou* (cf. Hebreus 6.5). A palavra, *rema*, é usada só duas vezes por Paulo (Romanos 10.8; 2 Coríntios 13.1) e a idéia em Efésios é provavelmente a mesma em Romanos 10.8. Já reparamos o pensamento de Romanos 10 na metáfora do "evangelho da paz". Outra chave que conduz nossa atenção para a passagem em Romanos é a referência anterior (Efésios 4.8-10; cf. Romanos 10.6-7) sobre a subida no céu e a descida no abismo por Cristo na conquista da sua autoridade para salvar. Em Romanos a "palavra" é a "palavra de fé" que leva à crença e à confissão na morte e ressurreição de Jesus, isto é, à salvação. Torna-se patente que este é o significado para Paulo dois versículos depois em Efésios 6.19, quando Paulo liga "boca," e o "mistério do evangelho," e

[7] Último e escatalógico, veja "esperança da salvação".

para a sua interpretação ele encontra apoio em Isaías 11.1-10, cujo significado último é o mesmo. Portanto, mais uma vez, Paulo parece estar se referindo a um equipamento evangelístico, isto é, à "fala," pelo Espírito, que leva alguém à crença. Sem dúvida, esta "fala" se expressa mais perfeitamente através das palavras da Bíblia, mas provavelmente Paulo não esteja se restringindo ao conceito da Bíblia. A figura da espada ilustra a interpretação. A espada romana, de dois gumes (*machaira*), era de tamanho médio para a luta de perto e era uma arma chave na eficiência militar romana, tanto na defesa quanto no ataque. Como é pela espada que o inimigo é destruído, é pelas palavras proferidas literalmente dos nossos lábios e dirigidos pelo Espírito Santo, que o anúncio do evangelho, e a proclamação das boas novas, ocorre. Sem este anúncio, não há como crer (Romanos 10.14-15).

A oração. Chegando ao versículo 18, Paulo deixa de lado a metáfora e fala em boa prosa da necessidade da oração incessante a favor da igreja toda. Mais que uma arma, a oração é fundamental para o emprego de todas as outras armas. Aqui, sem as figuras de linguagem, encontramos a concretização humana da batalha espiritual. Mais uma vez, a exortação lembra de Isaías 59.17 e o triste comentário no versículo anterior que o Deus Guerreiro não encontrava um ajudante, isto é, um intercessor (cf. Isaías 63.5). Para Paulo, não havia substituto da oração na tarefa evangelística, que ele entende como essencialmente uma luta cósmica. Esta lição não vem fácil para nossas igrejas de tradição reformada hoje. Nossa devida confiança na soberania única e absoluta de Deus é freqüentemente mal aplicada no exercício da oração. Infelizmente, às vezes, concluímos que a soberania de Deus implica na desnecessidade última de orar. Esta conclusão pode ser estritamente lógica, mas não deixa de ser tragicamente errônea. Tanto o constante apelo para orar quanto os múltiplos exemplos de oração apaixonada e convicta (só em Efésios veja os exemplos de oração por Paulo em 1.15-23 e 3.14-21) contrariam tal conclusão. Nesta vida, podemos não resolver completamente a relação teológica sistemática entre a soberania de Deus e o apelo para orar, mas certamente não podemos negar, para nosso próprio bem, a necessidade da oração. Se há uma área em que os cristãos podem fazer um impacto no mundo, certamente é pela intervenção da oração até o mais alto trono no universo (2 Crônicas 7.14). E o maior impedimento à oração é o pecado (lembra novamente de Isaías 59.1-17). Infelizmente, em vez de renunciar ao pecado, a igreja freqüentemente tem renunciado a oração. A igreja que não ora é uma frente espiritual aonde as forças do mal tem domínio.

A este respeito, Paulo elabora, dizendo que a oração deve ser feito *no Espírito*, e que os que oram devem se manter *alertas*, vigiando, guardando cuidadosamente (cf. Colossenses 4.2-4). Especificamente ora-se pela igreja (cf. 1 Pedro 5.9) e pela evangelização (cf. 2 Tessalonicenses 3.1-2). Os versículos 19 a 20 tiram toda dúvida de que a armadura de Deus se referia à obra evangelística e não a algum conflito individual e interiorizado, como popularmente entendido. Paulo claramente está se referindo à sua oportunidade de proclamar o evangelho, que antes, de acordo com sua cosmovisão apocalíptica e agora cristã, era oculto e um "mistério".

Conclusão

Paulo está tão totalmente preocupado com o seu ministério que não tem tempo para sentir dó de si mesmo. Ele pede a intercessão especial dos santos somente porque a sua tarefa não pode ser realizada a não ser que ele viva de graça em graça.

Portanto, a postura armada dos santos no mundo escuro e mau é identificada com o seu envolvimento e a sua participação pessoal na propagação clara e corajosa do evangelho, tanto nas congregações já existentes quanto em todo o mundo. Nem todos os santos recebem a mesma chance e a mesma tarefa especial de apóstolo. Eles não estão na prisão de Paulo, não precisam ser julgados no seu julgamento, e não podem dar testemunho exatamente da mesma maneira que ele dá. Mas, pela sua intercessão podem, declarar diante de Deus e da humanidade a sua solidariedade com Paulo e com a sua comissão. Por outro lado, Paulo não pode e não vai lutar a boa luta de fé num isolamento esplêndido! Deus pode e deve equipá-lo com tudo que ele necessita para o seu ministério através do apoio dos irmãos e das irmãs da fé. Por viver uma vida de intercessão a favor de Paulo, os santos o apoiam e o assistem. A sua intercessão é mais que um apoio meramente emocional, verbal, ou moral. Pois ela manifesta que o ministério "apostólico" é deles também (3.7-10; cf. 2.7; 5.8-14; 6.15).

> A unicidade do apóstolo Paulo e da sua mensagem na carta aos Efésios é que a graça dada a Paulo cria uma comunidade que cumpre uma função evangelizadora e missionária no seu ambiente e além (Barth 1974, pp. 807-808).[8]

[8] BARTH, *op.cit.*, pp.807-08

Fundamentos Teológicos

A teologia do evangelismo

O estudo seguinte visa esboçar alguns princípios teológicos que possam orientar a nossa compreensão e o nosso compromisso com o evangelismo. As sugestões são derivadas de três fontes: uma reflexão bíblica, a tradição reformada, e as discussões de missiólogos contemporâneos.[1] Procuro fazer os princípios propostos os mais *patentes* possíveis para servirem de orientação em todos os níveis da igreja. Aqui organizamos os princípios em três afirmações.

Primeira afirmação

O evangelismo tem a sua *origem* no próprio relacionamento da trindade (princípio 1) e encontra o seu *instrumento* na incumbência evangelística atribuída à igreja (princípio 2). Disto surge o princípio de *integralidade* do evangelismo (princípio 3). Noivo (Cristo) e noiva (igreja) possuem estratégias, metodologias, alvos e objetivos em comum.

1. A *origem* do evangelismo: Deus triuno.

Através de toda a revelação bíblica se torna patente que o principal ator no drama é Deus. "No princípio criou *Deus* ..." É *Deus* quem cria, quem julga, quem age, quem escolhe, e quem se revela. Ele é ativo não só na criação, mas também nos julgamentos, na libertação do seu povo do Egito, nas exortações dos seus profetas e na promessa de restauração vindoura. Ele é o único e verdadeiro Deus e deseja que sua glória seja conhecida nos céus (Salmo 19) e nas extremidades da terra (Isaías 11.9).

Portanto, o evangelismo é uma categoria que pertence a Deus. O evangelismo, antes de ter uma conotação humana que fala da tarefa da igreja, antes de ser da igreja, é *de Deus*. Esta perspectiva nos guarda contra toda atitude de auto-suficiência e independência no evangelismo. Se o evangelismo é de Deus, então é dele que a igreja deve depender na sua participação na tarefa. Isto implica numa profunda atitude de humildade e de oração para a capacitação evangelística, uma dependência confiante em Deus, em vez de que a independência característica da queda, do dilúvio, da torre de Babel e do próprio cativeiro.

Por outro lado, se o evangelismo é de Deus, temos a segurança de que é Deus quem está comandando a expansão do seu reino, nos seus termos, e isto nos dá plena convicção de que ele realizará os seus propósitos.

O embasamento teológico para o evangelismo é especialmente importante por causa da *dependência* que a igreja tem dele e para medir os *nossos* esforços com o

[1] Uma boa parte do texto é uma adaptação da reflexão bíblica que se encontra no meu livro, *O caminho missionário de Deus. Uma teologia bíblica de missões*. 3 ed. Brasília: Palavra, 2005.

padrão divino. Isto releva mais ainda a necessidade da oração e a postura de humildade que a igreja necessita. Em termos práticos, deve se indagar se a igreja está devidamente informada através das publicações, materiais didáticos, congressos e conferências para sempre orar pelo desempenho missionário.

2. O *instrumento* do evangelismo: a igreja

Se Deus é o principal ator e origem do evangelismo, não é o único ator. Seu instrumento é um povo específico. O evangelismo também é a *tarefa da igreja* que, por sua vez, é derivada então *de Deus*. Deus escolhe um povo específico como instrumento da sua preocupação evangelística. Elegeu um povo, Israel, no Velho Testamento e com este fez uma aliança peculiar a fim de que este fosse a sua testemunha no meio das nações (Gênesis 12.3; Êxodo 19.5-6; Efésios 3.10; 1 Pedro 2.9-10). A eleição de Israel, antes de denotar qualquer *favoritismo exclusivista* de Deus, teve um *propósito inclusivo de serviço evangelístico* para as nações. Quando não cumpria este propósito, Israel era julgado pelas mesmas nações para quem ele deveria ter dado testemunho e deveria ter sido uma benção.

Esta perspectiva nos guarda contra todo sentimento de favoritismo exclusivista. Não nos orgulhemos na nossa eleição com atitude de superioridade espiritual para com os que não crêem, nos separando socialmente deles. A eleição não é para separação social (separação moral, sim!), mas participação e serviço. A igreja não encontra sua identidade verdadeira em contraposição social ao mundo mas justamente numa relação com ele, uma relação não de identificação com seus valores, mas uma relação evangelística de serviço e testemunho ousados. Então, esta perspectiva também nos guarda contra todo escapismo deste mundo para um plano espiritual além.

Também nos guarda contra todo passivismo e comodismo. A preocupação evangelística de Deus não inibe a atividade do seu povo, mas dinamiza-a. Se é *Deus* quem escolheu, fica patente que escolheu um *povo* para, através dele, anunciar e vivenciar as boas novas do evangelho. A igreja passiva quanto ao seu envolvimento evangelístico não poderá invocar a soberania exclusiva de Deus como justificativa pela sua passividade, pois o Deus soberano escolheu o seu povo para testemunhar. Usando um exemplo do Novo Testamento, era necessário que *Pedro* pregasse para Cornélio, muito embora o anjo que o precedeu bem pudesse ter anunciado o evangelho para este centurião (Atos 10). Para atingir alvos universais, a restauração de toda a criação, Deus escolheu meios particulares, um povo.

Baseado neste princípio convém refletir sobre o tipo de estrutura(s) evangelística(s) mais apropriada(s) para a igreja. A tarefa evangelística pertence à igreja toda e em todas as suas dimensões e níveis. Uma coordenação estrutural, fiscal e administrativa seria uma maneira de refletir isto. Entretanto, não significa necessariamente que as estruturas de envio não-denominacionais ou mesmo projetos independentes de igrejas locais estejam fora da vontade de Deus. Trata-se em parte da definição de "igreja" e trata-se historicamente do mistério da vontade de Deus em situações em que uma estrutura denominacional não atenda às múltiplas dimensões da sua incumbência evangelística. Seja como for, creio que a principal responsabilidade evangelística pertence à igreja, e isto estruturalmente.

Se a tarefa evangelística tem como o seu instrumento a igreja, é importante que isto se reflita na igreja cristã toda. Celebramos o desejo atual de muitas pessoas nas igrejas que querem ampliar as suas parcerias com outras denominações. Acreditamos que o próprio testemunho missionário diante do mundo depende disto (João 17.20-21). É também uma tarefa difícil e delicada que não poderá ser apressada. Entretanto sem um ecumenismo bíblico e sadio, o testemunho evangelístico cai por água abaixo.

3. A *integralidade* do evangelismo: Deus e a igreja

Como os dois conceitos do Servo de Iahweh e do Filho do Homem no Antigo Testamento oscilam entre uma referência individual e uma coletiva, nossa referência ao evangelismo varia entre uma referência a preocupação evangelística de Deus e a incumbência evangelística do povo de Deus. Urge manter a dinâmica e integralidade dos dois.

Deus partilha sua tarefa com seu povo e nela o convida a participar. Este recebe a promessa de que Ele estará sempre presente na realização do evangelismo. Decerto, o plano evangelístico de Deus jamais poderá ser sinônimo do empreendimento evangelístico da igreja. Por outro lado, nem tampouco poderá este empreendimento ser considerada absolutamente divorciada do plano de Deus. A dinâmica entre os dois encontra sua expressão ideal à medida que a igreja discerne a preocupação e o plano de Deus e se conforma à mesma, um ideal que embora nunca se realize perfeitamente, mesmo assim se manifesta em parte.

A vice-regência do homem sobre a criação teve como um propósito refletir a soberania de Deus, mas jamais duplicá-la ou substituí-la. Israel herda este papel de embaixador de Deus no meio das nações, ou melhor, de sacerdote e testemunha. Portanto, Deus e o seu povo não são competidores no evangelismo, e, sim, cooperadores, sendo a igreja serva do desejo evangelístico de Deus. Enquanto o povo de Deus é convidado a participar com Deus no Seu plano de restauração, Deus promete a Sua presença no desempenho evangelístico do povo como testemunhas diante das nações.

Tal perspectiva da dinâmica do evangelismo nos guarda, por um lado, contra uma identificação completa dos programas evangelísticos das denominações e agências não denominacionais com o propósito e preocupação global e integral de Deus. O povo de Deus reflete, apenas parcial e imperfeitamente, a *o plano evangelístico de Deus*. Historicamente, nem sempre o exercício evangelístico da igreja refletiu o caráter justo, salvador e libertador de Deus. A íntima associação de missões com a política expansionista e conquistadora do Império Carolingiano do século VIII na Europa e da Ibéria do século XVI na América Latina, ou com o colonialismo do século XIX na África Negra, proíbe qualquer identificação estreita do *plano de Deus* com o *empreendimento evangelístico da igreja*. Até hoje, um certo triunfalismo às vezes se evidencia nas nossas promoções e nos slogans evangelísticos que jamais poderá ser comparável com a adoção humilde do papel servidor do povo de Deus no meio das nações.

Por outro lado, esta dinâmica do evangelismo estimula e capacita o povo de Deus a uma aproximação e a participação com os propósitos evangelísticos de Deus e

nos dá a confiança, mesmo em meio de dificuldades e desânimo, de que Deus vai levar avante esta tarefa. Ele é criador do mundo e autor da história, e seu desejo de restaurar aquele e completar esta vai se realizar, não apesar, mas através do seu povo.

A cruz é o supremo padrão vivencial e paradigmático do procedimento evangelístico. Implica em humildade e não orgulho (Filipenses 2.5-11), sofrimento e não glória (Colossenses 1.24), sacrifício e o desafio radical para as nossas congregações. Isto deve temperar todo o nosso planejamento e organização.

Segunda afirmação

A existência de toda a Bíblia é a primeira evidência de que Deus tem um plano evangelístico, um *propósito* salvífico para este mundo (princípio 4). Ele não é um Deus abstrato mas é o Deus que age no nosso meio, que se revela por si mesmo a nós e que tem uma finalidade para sua criação. Se a origem da missão está em Deus ("no princípio criou Deus...") seu fim está no *alcance* universal da sua misericórdia e graça (princípio 5) — "a graça do Senhor Jesus seja com todos" (Apocalipse 22.21). E este propósito restaurador tem uma dimensão universal. Se Deus é o principal ator ou sujeito do evangelismo, e a restauração o seu conteúdo, então seu alcance abrange a criação toda. Este é o *lugar* aonde o evangelismo se desdobra, o mundo, e o seu processo se realiza na história deste mundo (princípio 6).

1. O *propósito* do evangelismo: a salvação

Para usar um termo mais abrangente, podemos descrever o propósito do evangelismo como sendo uma de restauração. É *uma missão da salvação*. Aquilo que Deus criou, ele pretende restaurar. Contudo, a restauração é salvação não só no sentido de poupar, mas também no sentido de julgar. Haverá um novo céu e uma nova terra, mas isto através do sofrimento, tribulação e julgamento. A mensagem de restauração no Velho Testamento, consistentemente, inclui estas duas dimensões de salvação e de julgamento. Vemo-nas no relato do dilúvio (julgamento) e da arca (salvação), da torre de Babel (julgamento) e do chamamento de Abraão (salvação), no Êxodo, na aliança com Israel e na conquista de Canaã. Vemo-nas nas críticas dos profetas (julgamento) e nas suas promessas de salvação vindoura. E vemos-nas na resposta humana a provisão do perdão dos pecados pela morte e ressurreição de Jesus.

Ou misericórdia ou julgamento, era a sorte dada a Israel e às nações, de acordo com o seu relacionamento de *dependência de Deus* e com o seu relacionamento de *misericórdia sobre a criação*, duas características da imagem de Deus no homem. Por isso, tanto a adoração apropriada e genuína para com Deus (que demonstra a sua dependência) quanto a justiça expressa nos relacionamentos sociais e ecológicos dentro e fora de Israel (que demonstra a sua função de mordomo), eram o critério usado para determinar a reação divina, ou julgamento ou salvação, ambos como alvo da restauração da criação e da humanidade.

Este critério duplo, adoração e justiça, integra as dimensões pessoais e sociais da missão evangelística de restauração, fundindo as distinções espirituais e materiais da fé. A verdadeira espiritualidade terá expressão mais aguda nas relações concretas em que o povo de Deus vive.

Esta perspectiva do propósito restaurador do evangelismo nos guarda contra as falsas dicotomias. Restauração é este propósito, portanto a obra redentora de Jesus Cristo e a evangelização permanecem centrais à preocupação de Deus. Contudo, esta redenção deve ser entendida como resultando tanto em adoração própria e sincera a Deus quanto em relações de justiça com o próximo humano e com toda a criação.

Em termos de adoração, isto implica na dinamização nas igrejas cristãs, do culto e especialmente da liturgia. Implica na valorização e implementação de músicas e liturgias contextualizadas, com conteúdo bíblico e expressão afetiva, enfim, um culto que leve o povo à profunda e sincera adoração e não ao mero estímulo intelectual.

O propósito do evangelismo como sendo a restauração, além de implicar em adoração própria, também implica em relações de justiça dentro e fora do povo de Deus. Decerto, pouco o povo de Deus teria de testemunho quanto às questões de justiça se no seu próprio meio estes padrões não encontrassem expressão. Ser povo de Deus implica em refletir algo do caráter de Deus, e isto inclui fundamentalmente a qualidade de justiça. Por isso, a diaconia na igreja primitiva assumiu uma importância essencial para o seu testemunho no mundo. A igreja necessita de uma perspectiva bíblica da sua tarefa para formular seu entendimento sobre estas questões de acordo com os padrões e ensinos bíblicos. Tal formulação só poderá desafiar a igreja a participar no propósito do evangelismo como sendo a remissão dos seres humanos e da criação toda; e esta participação se manifestará através de uma adoração sincera e exclusiva ao Senhor e através de padrões de justiça dentro da igreja que a chame a anunciar o domínio de Deus pelo mundo, o que implica, simultaneamente, em padrões de justiça no mundo.

2. O *alcance* do evangelismo: universal

Deus se propõe a restaurar aquilo que criou. Seu é um plano evangelístico para a criação toda. Não é por acaso que a revelação escrita que descreve a preocupação de Deus começa com a criação dos céus e da terra e termina com a restauração dos mesmos num novo céu e nova terra. O homem não só é guardião do seu próximo, mas mordomo da própria criação. Através do julgamento do dilúvio, não só parte da raça humana é salva, mas também parte representativa da criação toda. As leis da aliança detalham as dimensões religiosas, sociais e ecológicas da fé e da obediência do povo de Deus, provendo instruções para o bem-estar de toda a criação e toda a vida, em todas as suas múltiplas dimensões. Os salmos e hinos no Velho Testamento incluem os louvores não só do povo de Deus, mas também da própria natureza; e a era vindoura de salvação só pode incluir a expectativa de restauração não só de Israel e das nações, mas da criação toda (Isaías 43.18-21; 65.17-25).

Esta perspectiva nos guarda contra toda sorte de miopia evangelística. Não nos satisfazemos até que todos os povos, línguas, tribos e nações recebam o evangelho do reino (Mateus 24.14) para o louvor do Cordeiro de Deus (Apocalipse 5.9-14; 7.9-12),

implica então numa motivação e estratégia evangelísticas que procure ir não só para os mais *distantes* lugares, mas *aonde quer que Cristo não tenha sido anunciado* (Romanos 15.20), quer sejam grupos humanos negligenciados ou "escondidos" por perto, quer sejam povos não-alcançados mais distantes.

Os *meios* concretos desta missão evangelística incluem primordialmente a proclamação verbal do evangelho, e também a implantação de igrejas locais.

Mas o alcance do evangelismo não pára com toda a raça humana. Também implica na igreja assumir a tarefa de mordomo sobre a criação toda. Problemas ecológicos como a seca no nordeste, enchentes no sul, desflorestamento da Amazônia, poluição do meio ambiente, o uso apropriado e a redistribuição de terras também devem ser tratados pelo povo de Deus. Fazem parte da sua missão evangelística. Que isto seja dever do governo não há dúvida, contudo a igreja *antes*, tendo uma restauração substancial da imagem de Deus nela, deve opinar e se envolver num testemunho para toda humanidade e toda a criação.

3. O *local* do evangelismo: o mundo e a história

Desde o início do testemunho bíblico observamos que Deus age *dentro e através* de eventos concretos na vida dos seres humanos. Ele se manifesta nem tanto num plano contemplativo e fora deste mundo, mas dentro e através da história. Julga através da expulsão do Éden, através do dilúvio e da dispersão de povos. Julga as nações através das pragas no Egito, a conquista de Canaã e a queda de um império por outro. Julga seu povo através dos profetas e através do exílio. Mas também abençoa através da libertação do Egito, do exílio, e de modo supremo e definitivo através da morte e ressurreição de Jesus. São todos estes *eventos históricos*, acontecimentos neste mundo. Até mesmo a literatura apocalíptica que enfatiza um contraste com este mundo, ensina que a intervenção futura e catastrófica de Deus será uma irrupção para dentro *desta* história e *deste* mundo. Embora enfatize descontinuidade com a progressividade natural da história humana, *não* transfere o cenário dos atos salvíficos de Deus para um plano extra-histórico ou ultra-mundano. Apenas ressalta a opção sempre presente e futuramente iminente da intervenção divina na história, como sendo abrupta e extraordinária.

Creio que a perspectiva bíblica ilumine muito a tarefa da igreja no Brasil e em toda a América Latina. Sabendo que Deus embarca num projeto histórico, a igreja tem uma boa base para se perguntar: "aonde, nos eventos históricos da realidade latino-americana, podemos discernir a mão de Deus?" Alguns podem entender isto como sendo uma secularização da fé. Não é nossa intenção. Em vez de reduzir o evangelismo de Deus aos afazeres deste mundo, queremos discernir *aonde* e *como* Deus poderá estar manifestando seu reino na nossa história. Implica na proclamação do evangelho para arrependimento e conversão. E implica em participar na luta pela justiça. Com os pés no chão, as mãos em oração e os olhos abertos à realidade multidimensional e latino-americana, a igreja dá testemunho pela proclamação das boas novas e pela promoção de justiça de maneira concreta e visível.

Também isto Implica numa desmistificação da fé. A verdadeira espiritualidade não é aquele jejum "sagrado" com orações de belas palavras perfumadas, mas é um estilo de vida cotidiano que reflete o caráter justo de Deus para com o seu próximo

(Isaías 58.6-7).

Uma análise, até superficial, da situação socio-econômica na América Latina deixa a igreja sem desculpa quanto a sua tarefa neste mundo e nesta história: anunciar às nações a chegada do reino de Deus e viver um modelo deste reino através de sincera adoração e de um padrão de justiça que tome expressão no mundo e na história.

Não obstante, este processo jamais poderá ser identificado simplesmente com o processo histórico e humano. A literatura apocalíptica e as intervenções singelas e dramáticas de Deus na história de Israel (ex.: o êxodo) nos distanciam de uma plena confiança nos processos apenas humanos da história. O reino de Deus não poderá ser identificado com o processo histórico, embora possamos e devamos detectar indícios deste reino na história. Enquanto a era escatológica seja apenas divinamente inaugurado, o povo de Deus também participa na sua promoção. E, enquanto sua realização seja apenas futura, já podemos discernir sinais dela na história presente.

Não podemos tolerar uma visão estreita e imediata que sempre vê apenas os desafios *atualmente* urgentes. Tal visão curta se alimenta duma escatologia superficial, se sujeita à tirania do urgente e evidencia cegueira histórica. Paulo, que desejava o retorno de Cristo, teria razão de pensar assim, mas não o fez. Sempre pressupôs o longo prazo para o seu desempenho pastoral e evangelístico. Necessitamos, portanto, duma visão larga, profunda e extensa do presente porque os desafios são *eternamente* urgentes, uma visão escatológica do *agora* baseada no passado distante e um futuro que é prerrogativa *apenas de Deus* (Atos 1.8, repare que o "mas" responde à tentação de identificar datas ou prazos *temporais*). Entre outras coisa, este princípio implica num preparo prolongado, diante tanto do tamanho quanto da urgência do trabalho

O ensino, a proclamação, a cura, e a libertação todos fazem parte do trabalho evangelismo da igreja. Isto deve ser refletido nas atividades dos nossos obreiros, sendo eles pregadores da Palavra (evangelistas e pastores/apóstolos), e também professores, gente da área de saúde, agronomia, etc.

Terceira afirmação

O alvo e o fim último do ministério da igreja é a glória de Deus, não a atividade evangelística em si. O desafio e a urgência do evangelismo existe e persiste porque o culto pleno a Deus ainda *não* existe. O culto é o alvo último da igreja. O culto a Deus deve ter prioridade na igreja, não a obra do evangelismo, porque Deus é último, e não o ser humano. Quando esta era terminar e representantes de toda raça, tribo e nação se dobrarem diante do Cordeiro de Deus, a tarefa de evangelismo não mais existirá na igreja. Mas existirá o louvor e a adoração. Permanecerá na igreja o culto. O culto é o fim último da igreja e o desejo máximo de Deus para toda a humanidade. A primeira pergunta do Catecismo de Westminster diz: "Qual é o fim principal do ser humano?" E a resposta acertada é: "O fim principal do ser humano é glorificar a Deus e gozá-Lo para sempre." Uma reflexão sobre Romanos 15.4-13 ilustrará que a glória de Deus no culto a *razão* (princípio 7), o *combustível* (princípio 8) e o *alvo* (princípio 9) do evangelismo.

1. A *razão* do evangelismo: a glória de Deus

Os versos 8 a 9 de Romanos 15 fazem uma afirmação: Jesus Cristo comprova a fidelidade e veracidade de Deus porque, através dele, as promessas de Deus para o povo judeu se cumprem. Afinal, somente um deus falso e infiel não cumpre as suas promessas. Em Romanos 15.12, Paulo cita Isaías 11.10 como apoio das Escrituras para sua afirmação que em Jesus Deus se prova fiel às suas promessas. Os beneficiários das promessas são primeiro os judeus e também as nações. Este, aliás, é o tema principal de toda a carta aos Romanos, como vemos em 1.16: "Na verdade, não me envergonho do evangelho: ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê, em primeiro lugar do judeu, mas também do grego."

Em Romanos 15.9 as nações glorificam a Deus *"por causa da sua misericórdia"*. Isto é, em Jesus Cristo, elas também se beneficiam da salvação que Deus dá, e como Paulo havia falado em capítulos 9 a 11, as nações estavam, de fato, aceitando em grandes números, o evangelho. Portanto, a misericórdia de Deus em estender a salvação para as nações é a suprema *razão* do evangelismo. É iniciativa e obra dele, portanto, nós, os embaixadores de Deus, teremos toda razão de anunciar tão grande oferta. Enraizamos a razão do evangelismo não no ser humano, na sua carência de Deus, ou no seu amor para com aqueles que não tem Deus, mas a razão do evangelismo está firmemente enraizada na iniciativa e na misericórdia *de Deus*, isto é, na *sua* soberania.

2. O *combustível* do evangelismo: a glória de Deus

A paixão por Deus no culto precede a oferta de Deus na pregação. Não se pode recomendar com convicção aquilo que não se estima com paixão. Não poderá clamar, "Alegrem-se e exultem as gentes" (Salmo 67.4a) aquele que não pode afirmar no seu coração, "eu me alegrarei no SENHOR" (Salmo 104.34b; 9.2). "Quando a chama do culto queima com o calor da verdadeira dignidade de Deus, a luz da obra missionária

brilhará até os povos mais distantes da terra".[2] Quando a paixão por Deus está fraca, o zelo pelo evangelismo certamente será fraco também. As igrejas que não exaltam a majestade e a beleza de Deus dificilmente poderão acender um desejo efervescente para "anunciar entre as nações a *sua glória*" (Salmo 96.3). Os nossos cultos fervem com a exaltação da glória de Deus? O zelo pela glória de Deus no culto nos motiva no evangelismo. Ninguém poderá se dispor à magnitude da causa do evangelismo se não experimentar a magnificência de Cristo (Apocalipse 15.3-4; cf. Salmos 9.11; 18.49; 45.17; 57.9; 96.10; 105.1; 108.3; e Isaías: 12.4; 49.6; 55.5)

Nunca esquecerei do jovem rapaz que nos visitou em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ele falava do seu entusiasmo de evangelizar no *início* da sua fé. Naquele momento, entretanto, ele achava que já amadurecera e portanto não possuía mais tanto zelo de evangelizar! Ele precisava mesmo renovar a alegria da sua salvação para que fluísse, em conseqüência disto, o culto a Deus e a evangelização (Salmo 51.10-15). O culto é o verdadeiro combustível para o evangelismo.

3. O *alvo* do evangelismo: a glória de Deus

O culto é o alvo do evangelismo simplesmente porque nosso propósito é levar as nações a se regozijarem em Deus e glorificá-Lo acima de tudo. O alvo do evangelismo é a alegria dos povos na grandeza de Deus (Salmo 97.1; 67.3-4; cf. 47.1; 66.1; 72. 11, 17; 86.9; 102.15; 117.1; e Isaías 25.6-9; 52.15; 56.7; 66.18-19.

Há um aspecto desta verdade que precisamos explorar mais. É o seguinte: O culto a Deus como alvo do evangelismo ajuda a entender a própria definição do evangelismo mundial. Pois o evangelismo mundial enfatiza a prioridade de alcançar povos, ou etnias não alcançadas. Isto se evidencia na repetida descrição bíblica da tarefa do evangelismo em termos de etnias (Mateus 24.14; 28.18-20; Romanos 15.19-21). Na Bíblia, a frase, *panta ta ethne*, significa "todas as nações" ou "todas as etnias". A palavra na forma singular, *ethnos*, de fato, sempre se refere a coletividade dum povo ou duma nação. Nunca se refere a *indivíduos* gentílicos. O mesmo é geralmente verdade em relação a palavra na forma plural, *ethne*. A frase, *panta ta ethne*, quase sempre denota esta referência coletiva na Bíblia, também. Que a *estratégia* bíblica seja de alcançar especialmente as etnias não alcançadas é claro em Romanos 15.19-21. Para muitos cristãos, talvez até a maioria, esta estratégia não parece muito lógica. Antes alcançar todos os *indivíduos* ao nosso alcance e semelhantes culturalmente a nós, que procurar alcançar representantes de *etnias* que podem ser geográfica ou culturalmente distantes. Parece uma questão de mordomia de esforços.

Este raciocínio parece, sem dúvida, bastante lógico, e leva muitas igrejas a desconfiar da estratégia evangelística de alcançar representantes de diversas etnias. Meu ponto é o seguinte: se fosse pelo amor humano pelo ser humano, nossa ênfase deveria estar na salvação de indivíduos que estão próximos, e isto, de fato, é a prática comum. O amor a Deus, entretanto, leva a outra conclusão, que acredito ser a

---

[2] Estou especialmente endividado a PIPER, John. *Alegrem-se os povos: a supremacia de Deus nas missões*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, por muitas das idéias que se seguem no restante deste capítulo.

bíblica: a ênfase na prioridade de etnias, e especificamente etnias não alcançadas porque: 1) há mais beleza e poder de adoração na unidade de culto derivada da diversidade de povos que canta todas as partes dum hino a Deus que o coro que canta uníssono (Salmo 96.3-4); 2) a fama, a grandeza, e o valor dum objeto de beleza aumenta na proporção da diversidade daqueles que reconhecem tal beleza; 3) a força e a sabedoria e o amor dum líder se magnifica na proporção da diversidade de povos que ele inspira para segui-lo; e 4) ao focalizar todos os grupos humanos do mundo, Deus está subvertendo o orgulho etnocêntrico baseado em alguns atributos distintivos que cada povo gosta de destacar. Ao invés disto, o orgulho etnocêntrico natural de cada povo dá lugar à graça imerecida de Deus.

A liturgia, a educação cristã, e o evangelismo todos fazem parte do ministério da igreja. Como expressar estruturalmente isto na igreja?

A estratégia do evangelismo se resume na frase: *os não-alcançados*. O lema de Paulo era "não onde Cristo já fora anunciado" (Romanos 15.20-21) e não "até aos confins da terra" (Atos 1.8). Ele literalmente "preenchia" os vãos onde o evangelho não fora anunciado (Romanos 15.19 cf. Colossenses 1.25). Este slogan deve ser o nosso: não aonde Cristo já fora anunciado. De certo modo a denominação se preocupará com o estabelecimento de igrejas aonde igrejas desta denominação já não foram estabelecidas. Tal meta tem uma certa lógica organizacional, mas esta meta deve ser secundária (não descartada) da meta maior de "não aonde *Cristo* já fora anunciado."

Conclusão

O evangelismo começa e termina com o culto prestado à glória de Deus. Começa, porque somente o culto genuíno e profundo pode motivar adequadamente a igreja para assumir sua vocação evangelística. E termina, porque o alvo último e o fim principal de toda humanidade é glorificar a Deus e gozá-Lo para sempre. E no evangelismo procuramos levar as nações à mesma alegria e exaltação que carateriza o nosso culto a Deus. Portanto, quando afirmamos que o evangelismo é a prioridade penúltima na igreja não estamos diminuindo a sua importância. Estamos meramente fazendo o que devemos, maximizando a tarefa de glorificar a Deus e gozá-Lo para sempre. E assim, enxergamos a verdadeira importância do evangelismo, certamente acima de outras atividades na igreja, isto é, estender e diversificar, e assim intensificar o culto que glorifica e goza Deus entre todas as nações da terra (Apocalipse 5.9-10; 7.9-10).

O evangelismo ou o proselitismo?

Este foi o tema recente duma das revistas missiológicas de maior prestígio internacional.[1] Nela, missiólogos duma variedade grande de igrejas e regiões geográficas discutiram critica e construtivamente os meios e métodos empregados por algumas igrejas no recrutamento de membros duma outra tradição cristão. O assunto é polêmico, pois facilmente a conversa se degenera numa retórica ideológica que apenas defende a tradição de quem está se expondo, sem se dispor a entender o outro ponto de vista. Para ilustrar este perigo dum modo fácil a compreender, basta pensar um pouco no uso corrente dos termos "evangelismo" e "proselitismo". Se perdemos membros da nossa igreja para uma outra, acusamos o outro de "proselitismo". Por outro lado, se *ganharmos* membros para as nossas igrejas de outras, geralmente consideramos que o fizemos ou por simples transferência ou por "evangelismo". Desta forma, o evangelismo é visto como o *nosso* esforço de ganhar para a *nossa* igreja pessoas provenientes de outra tradição cristão. Enquanto o proselitismo decorre do contrário, o esforço de *outros* de ganhar para as *suas* igrejas pessoas provenientes da nossa tradição.

Espero que fique patente que tal discussão, partindo dos nossos preconceitos, não contribui muito para esclarecer o assunto, muito menos contribui para o espírito de união entre cristãos pelo qual Jesus tanto orou (João 17). Sei que este último assunto, da união, é mais polêmico ainda que a distinção entre evangelismo e proselitismo. Entretanto, são justamente os limites da união que orientam a perspectiva sobre proselitismo e evangelismo. Se você entende que *somente* a sua igreja é a única expressão do povo de Deus na face da terra, logicamente qualquer perda de membros que a sua igreja sofrer decorrerá necessariamente pelo "proselitismo" realizado por outros grupos religiosos. Mas se, na sua conceituação, o povo de Deus inclui membros de outras igrejas (mesmo que você entenda que a sua igreja expressa *melhor* o espírito, ou a doutrina, ou a prática que Deus deseja do seu povo), a perda de membros da sua igreja para alguma destas outras igrejas *pode* proceder de proselitismo *ou não*. E assim vai, conforme a abrangência do seu conceito da legitimidade de outras igrejas diante de Deus.

Por exemplo, o Concílio de Igrejas do Oriente Médio tem uma grande abrangência. Já abrange quatro grupos cristãos bem variados: Protestantes, Católicos Ortodoxos Orientais (a maioria de cristãos do oeste da Ásia e do norte do África), Católicos Ortodoxos do Leste (estão mais no litoral do oeste da Ásia e do norte da África), e Católicos Romanos. Possivelmente se afiliará ainda no futuro próximo, um quinto grupo, a Igreja Asiriana do Oriente. Numa região onde predominam ou judeus (em Israel) ou muçulmanos, as igrejas que participam deste concílio, apesar de diferenças doutrinárias, ritualísticas e culturais, conseguem manter um alto grau de

[1] Veja a revista, *International Bulletin of Missionary Research*, Vol. 20, Número 1, janeiro de 1996. Este capítulo foi publicado no jornal, *Ultimato*, Volume XXIX, Número 241, July 1996, pp. 40-41.

cooperação e reconhecimento mútuo. Por exemplo, desde a década dos 80, agências missionárias evangélicas e conservadoras do Ocidente reúnem anualmente com as igrejas ortodoxas da região para procurar meios de cooperação ao invés de competição. Semelhantemente a Igreja Católica Romana, desde 1990, tomou uma postura oficial de não procurar romanizar as Igrejas Ortodoxas do Oriente Médio e até de não reivindicar apenas para si as únicas marcas autênticas da igreja cristã que recebe os "dons e as graças" do Espírito Santo.

Uma das razões por trás de todo este esforço é a preocupação evangelística. O impedimento mais grave do testemunho cristão efetivo não procede de fora da igreja, quer seja um governo hostil, quer seja outras religiões não cristãos. Procede de dentro dos grupos cristãos. Isto é, procede da sua desunião. Tal desunião convoca o julgamento severo do muçulmanos, cujas escrituras, o Alcorão, argumenta que a desunião é sinal do castigo de Deus sobre os cristãos que negam que a aliança islâmica seja divina (5.15). Neste contexto, o Concílio de Igrejas do Oriente Médio apela para um acordo pastoral entre os cristãos da região para resolver os problemas antigos e históricos de proselitismo entre eles. Por "proselitismo", o Concílio entende "uma prática que envolva tentativas que se proponham a atrair cristãos duma Igreja ou grupo cristão específico, resultando na alienação da sua Igreja de origem". Trata-se duma questão de abuso ecumênico que se contrapõe a perspectiva bíblica de como Deus se relaciona com a humanidade, de como cristãos se relacionam uns com os outros, e do respeito pelo direito humano de ser livre de qualquer coerção em questões da fé. O Concílio entende que o proselitismo tem raízes psicológicas no "egoismo individual e do grupo", uma característica política nos "sentimentos de superioridade cultural, política e econômica", e uma dimensão institucional na "confiança supervalorizada nos métodos e programas" de alguém. Ainda mais, o proselitismo se perpetua pela ignorância de tradições cristãs de culturas, regiões, e realidades políticas bem diferentes que a nossa. Assim, o proselitismo é visto como o oposto do evangelismo autêntico, que enfatiza confiança em Deus e no Seu levantamento histórico dum povo encarnado em diversas regiões.

O ponto que todos os artigos na revista mencionada acima tem em comum é a definição do proselitismo. Todos concordam que envolve alguma espécie de *coerção*. É uma corrupção do testemunho autêntico e inclui tais táticas como a sedução de palavras, suborno, intimidação, falsas promessas, colocando o sucesso da organização acima da honra de Cristo, comparando os sucessos do seu grupo com os fracassos do outro grupo, e o perjúrio contra outras igrejas. É bom observar, porém, que estes significados são contemporâneos. Não se derivam do pouco uso do termo na Bíblia. Só aparece *proselytos* quatro vezes no Novo Testamento, em Mateus 23.15 e Atos 2.10; 6.5; 13.43. Somente em Mateus o termo possui uma conotação negativa. Portanto é no sentido contemporâneo que nos referimos à palavra.

O assunto naturalmente sempre foi do interesse dos evangélicos na América Latina. Durante séculos, a Igreja Católica Romana pressupunha um direito de exclusividade por uma questão de continuidade histórica e cultural. O Vaticano II, entretanto, oficialmente mudou esta postura. No documento *Ad gentes*, o concílio observou, que a Igreja restritamente proíbe que alguém seja forçado a aceitar a fé, ou induzido ou seduzido por meios indignos. Ninguém deve ser forçado a agir contra

as suas convicções, e nem deve ser proibido a agir em acordo com suas convicções em questões religiosas.

Mesmo que na última década líderes católicos tenham acusado cada vez mais e irrestritamente os evangélicos de serem "seitas" (veja a palestra do papa João Paulo II para o Conselho Episcopal Latino-Americana em 12 de outubro de 1992 em Santo Domingos, República Dominicana), há também equilíbrio. Por exemplo, em 1993, o Cardeal Cassidy, Presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade Cristã, fez uma distinção boa entre "seitas" e aqueles que por vezes evidenciam atitudes sectárias. Tal distinção era fruto de dois diálogos importantes entre líderes católicos, evangélicos conservadores, e pentecostais.[2]

Em tudo isso, duas observações me parecem claras. Primeiro, aqueles que demonstram uma fé ativa e viva em Jesus Cristo não devem ser tratados como pessoas a serem evangelizadas, seja qual for a sua afiliação eclesiástica. Segundo, qualquer forma de comunicação da nossa fé que empregue coerção, engano, ou manipulação é indigna do nome "evangelismo" e deve ser denunciada e condenada como proselitismo. Por outro lado, o termo, proselitismo, não deve ser aplicado indiscriminadamente a qualquer atividade evangelística somente porque foi realizado por um grupo religioso diferente do seu. Ao denunciar o proselitismo, não queremos, de maneira alguma, nos isentar da incumbência bíblica de anunciar as boas novas. Muito menos queremos contradizer o nosso testemunho da reconciliação que o evangelho proporciona ao negarmos a legitimidade em outras igrejas da expressão da fé cristã.

[2] Os diálogos são relatados no livro editado por STOTT, John e MEEKING, Basil, *Dialogo Sobre la Mision*. Buenos Aires e Grand Rapids: Nueva Creación e Eerdmans, 1988.

O evangelismo contextual

A contextualização é um projeto com boa base na Reforma Protestante com seu grito de guerra "a igreja reformada sempre reformando."[1] Dela podemos concluir: se a igreja não estiver disposta a mudar, não pode reivindicar uma herança na tradição reformada. Se isto é verdade, então precisamos indagar quanto ao critério apropriado para a nossa reforma e mudança contínua. E não precisamos procurar muito para achar a resposta, também no cerne do protestantismo, a saber: *sola scriptura*. Sem estes dois princípios—disposição de mudarmos quando necessário, e mudança baseada solidamente na reflexão bíblica—simplesmente não há bases *verdadeiramente protestantes* para tratar este assunto.

Ofereço a seguinte definição preliminar de contextualização: "A contextualização é a expressão e realização vital do Evangelho dentro de contextos (sociais, pessoais, eclesiásticos, políticos, econômicos, evangelísticos, etc.) específicos resultando em transformações cognitivas (entendimento), volitivas (prática) e afetivas (motivação)."

É importante frisar que a referência a "contextualização" surgiu, de certo modo, para ir além do conceito missionário anterior de "identificação cultural", que equivale no mundo anglo-saxônico, do termo, "indigenização". A seguinte tabela[2] ajuda a fixar a distinção entre o conceito da contextualização e o conceito anterior de "indigenização" no sentido de identificação cultural.

---

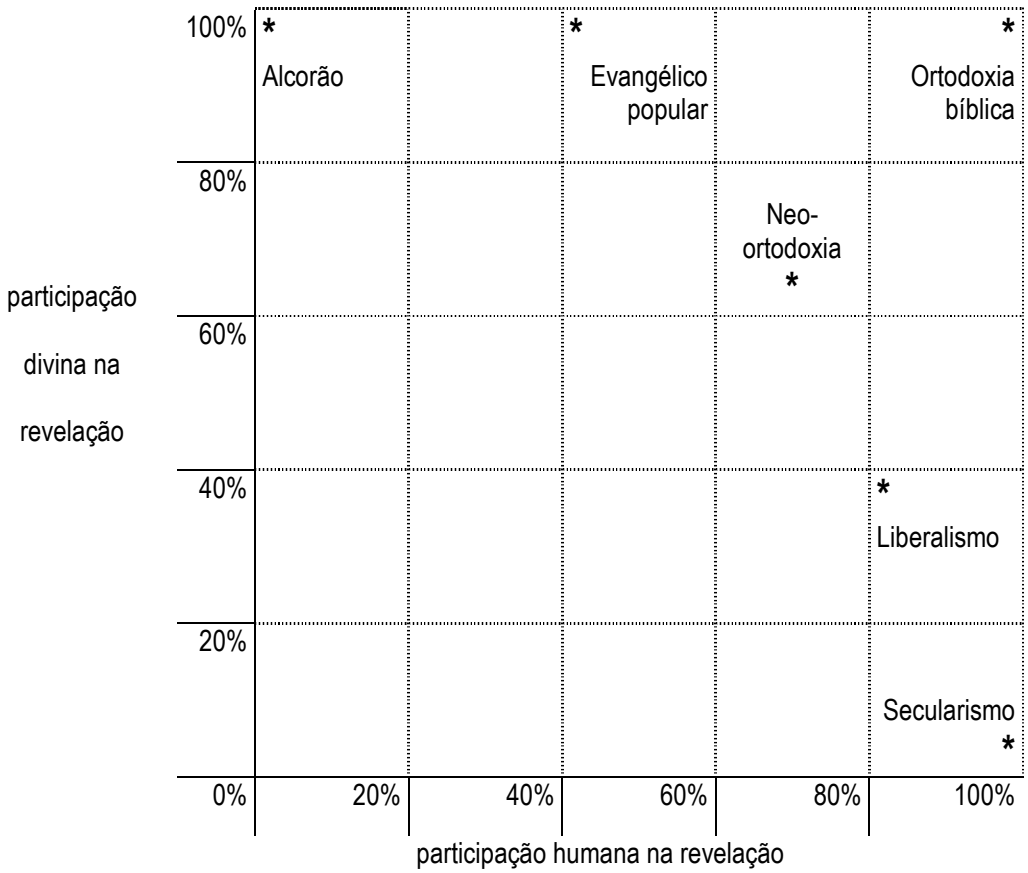
[1] Este capítulo foi publicado originalmente com o título, "Por uma teologia contextual" in *Revista Teológica. Seminário Presbiteriano do Sul*, Volume LVII (Agosto 1996), Número 44, pp. 81-92.

[2] Baseado em CONN, Harvie M. *Eternal Word and Changing Worlds. Theology, Anthropology, and Mission in Trialogue.* Grand Rapids: Academie Books, 1984, pp.283-88; HESSELGRAVE, David J. *Plantar igrejas: Um guia para missões nacionais e transculturais*. Trad. de Chown, Gordon. São Paulo: Vida Nova, 1989, pp.33-34; e NICHOLLS, Bruce J. *Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura*. 1 ed., Trad. de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983, pp.17-23.

INDIGENIZAÇÃO	CONTEXTUALIZAÇÃO
A aculturação dos microcosmos da cultura: padrões de culto, formas de organização, e de liderança	Inclue a avaliação dos macrocosmos da cultura: as questões sociais, políticas, e econômicas: a riqueza e a pobreza, o poder e privação de poder, o privilégio e a opressão
A resposta ao Evangelho em termos da cultura tradicional (a cultura é vista como estática e relativamente imutável)	Entende a cultura no contexto de mudança social repentina e explosiva. Leva em conta o "processo de secularização, tecnologia, e a luta pela justiça humana"
O conceito da igreja ainda identificada com o "campo missionário"	O conceito da igreja está dentro do contexto da igreja "nos seis continentes"
O missionário é visto como o sujeito de missões e as igrejas como os objetos, mesmo com a intenção de colocar a responsabilidade, autoridade e iniciativa nas mãos de cristãos locais	Há uma moratória funcional no missionário como sujeito de missões. Ao invés disto, chama a igreja em toda parte ao seu lugar como sujeito de missão
Perspectiva clássica de hermenêutica como um processo linear da transposição do evangelho dum mundo para outro, com interferência devida à língua	Perspectiva mais dialética de hermenêutica como um processo circular entre o contexto e a teologia, exigindo participação ativa e levando a conscientização histórica
Baseado na "ideologia da classe média" orientado muito mais para a igreja do que para o mundo. Relutância de lidar com questões sociais. O padrão de excelência se direciona à participação na igreja	O ministério não somente no mundo, mas derivado do mundo. O padrão de excelência se torna compromisso

É importante destacar as raízes reformadas e o critério bíblico da contextualização porque, para alguns, o conceito tem cheiro de "liberalismo", ou "secularismo", ou pior ainda, "sincretismo". Pois, muitas das agências missionárias que desenvolvem o seu ministério entre os indígenas encontram as suas raízes na controvérsia norte-atlântica entre "liberais" e "fundamentalistas" no início deste século. Este pano de fundo não deve ser ignorado, e sim, enfrentado com coragem.

Mesmo que estes fatores acima mencionados não impeçam nosso interesse e disposição de tratar o assunto, pode haver um outro impedimento mais sério: *a Bíblia em si*. Afinal de contas, se ela é divinamente inspirada, não é também absoluta na sua autoridade quanto ao conteúdo? Será que a Palavra de Deus abre lugar para a idéia da contextualização? Eu creio que a Bíblia não só *permite* a tarefa da contextualização, mas a *exige*. Ela é plenamente divina e plenamente humana na sua inspiração e autoridade, não como outras perspectivas que ilustramos a seguir:



Considerações hermenêuticas

Proponho dois princípios hermenêuticos que servem de fundamento para uma teologia contextual. Primeiro, destaco os princípios da *teofania* e da *encarnação*. O fato de Deus *ter* se revelado e a *maneira* como ele se revelou são extremamente importantes para a contextualização. Indicam que Deus, de fato, não só se revelou mas que continua a se revelar ao ser humano e da mesma maneira que sempre, através dos padrões e elementos culturais já existentes.

Segundo, Deus se manifestou na *história*, isto é, através de acontecimentos reais e não imaginários no nosso mundo. Esta manifestação ocorreu aos poucos e acumulativamente. Portanto afirmamos a *revelação progressiva* e histórica como o meio de conhecer a Deus ao longo prazo. Este princípio valoriza a tradição, entretanto dinamicamente, na sua progressividade.

Exemplos Bíblicos

O Antigo Testamento compartilhou com a Pérsia, Babilônia, Fenícia e Egito, elementos importantíssimos da expressão da sua fé, tais como os relatos da criação, o dilúvio, a aliança e a celebração de várias festas de colheita.

O monstro marinho da Babilônia, leviatã, figura como uma das personagens bíblicas. *El* e *Elohim*, não eram palavras exclusivamente judaicas para deus. Eram termos comuns do mundo antigo do Oriente Médio. *El* era o nome próprio do deus supremo do panteão cananeu e aparece com freqüência também na literatura ugarítica do século XIV antes de Cristo. Até o uso do plural, *Elohim*, não era peculiar a Javé. Abraão identificou Melquesideque, "Elohim, sua alteza", com "o Senhor" (Gênesis 14.18-22), sugerindo uma pluralidade de poderes, autoridade e até pessoa. Não como o nome, *Baal*, o uso de *El* nunca foi criticado no Antigo Testamento e permaneceu nos nomes pessoais de muitos judeus.

Muitos estudiosos reparam o padrão dos tratados hititas entre o suserano e seus vassalos que a aliança entre Deus e seu povo seguia.

O profeta Jeremias enviou uma carta aos exilados na Babilônia (Jeremias 29) aonde ele exorta os exilados a viverem vidas normais e esperar pacientemente na libertação de Deus, construindo casas, plantando jardins, comendo o que produzem, e buscando a paz e a prosperidade da cidade!

O profeta Amós apropriou uma variedade de formas literárias populares da sua época para profetizar a mensagem de Deus: a lamentação fúnebre (5.1-2), os ais formuláicos (5.18; 6.1; 5.7), a mímica (4.4s; 5.4, 21-24), o enigma, a comparação, o provérbio e a sabedoria popular (3.3-6; 2.9; 3.12; 5.2, 7, 19, 24; 6.12; 9.9).

Semelhantemente no Novo Testamento encontramos o emprego de palavras e conceitos comuns da religião e política pagãs da época. Entre eles estão: *lógos* (palavra, verbo), *mũthos* (palestra, ditado, "mito"), *daímōn* (deus, divino, demônio), *kúrios* (senhor), *sōtēr* (salvador), *mustērion* (mistério, segredo), *metamórfōsis* (transformação), *katallássō* (cambiar, reconciliar), *euangélion* (o galardão de boas-novas), e *leitourgós* (funcionário público, benfeitor, ministro).

Considerações socio-científicas

1. O relativismo crítico e a ligação entre formas e sentidos. Hoje há uma tentativa de cada vez mais correlacionar os aspectos objetivos e subjetivos do conhecimento humano. Por um lado, o conhecimento está nas mentes humanas e por isso possui uma dimensão subjetiva. Quem "conhece" é o ser humano, que armazena no seu cérebro as suas experiências de vida. Este "armazenamento" ocorre não através de gravações semelhantes a fotocópias, mas pelo realce de certos padrões que aquelas experiências provocam.[3]

Mas este conhecimento essencialmente subjetivo corresponde de alguma

[3] Quem descreve de maneira magistral o processo biológico do "conhecimento" é o neurologista internacionalmente reconhecido, DAMASIO, Antonio, no seu livro, *O erro de Descarte: o raciocínio, o cérebro e as emoções*. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

maneira a realidades no mundo externo e assim possui também alguma dimensão objetiva. Entretanto não se deve pensar que tal correspondência é exata, como a correspondência entre uma fotografia e a cena que foi fotografada. Uma analogia melhor seria a do mapa, da planta ou da maqueta duma casa. Os traços gerais estão presentes, mas sem necessariamente a precisão de detalhes.

Esta visão de correspondência entre a realidade e nossa percepção da realidade é conhecida filosoficamente como o relativismo crítico. É "relativo" porque reconhece que não há correspondência exata. É "crítico" porque também reconhece que alguma correspondência de fato existe, não parte para o puro subjetivismo, e tenta avaliar a correspondência criticamente. Na ótica do relativismo crítico, o cristão afirma os absolutos de Deus, do universo que ele criou e da história como parte duma realidade objetiva. Por outro lado, reconhece que *sua compreensão* destes absolutos é parcial, e por isso não deixa de ser de, certo modo também, relativa. Isto não significa que tais compreensões são *totalmente* relativas e subjetivas. Vemos como por um espelho, obscuramente, mas de fato, vemos.

Na perspectiva do relativismo crítico, as formas e os significados numa dada cultura são relacionados de maneira complexa, dependendo da natureza do símbolo. Às vezes, a ligação é totalmente arbitrária, tendo as formas um alto grau de mutabilidade. Outra vezes, os dois são igualados de tal maneira que mudar a forma implicaria necessariamente numa mudança do sentido (veja a tabela seguinte).[4]

[4] baseado em HIEBERT, Paul G. "Form and Meaning in the Contextualization of the Gospel." In The Word Among Us. Contextualizing Theology for Mission Today, ed. Dean S. Gilliland. Dallas: Word Publishing, 1989. 101-120.

Tabela 1: A Ligação entre Formas e Sentidos

LIGAÇÃO	SÍMBOLOS	EXEMPLOS
ARBITRÁRIA	Discursivos	o uso de palavras para se referir a objetos e conceitos conhecidos numa sociedade influem na maneira que as pessoas enxergam a realidade
FLEXÍVEL	Universais	categorias de cores básicas a medida que estas categorias progridam de quatro para oito; categorias básicas para animais, pássaros e plantas
	Naturais	Luz = vida; em cima = sagrado; escuridão = mal; corpo humano; sangue = vermelho, vida; terra = fertilidade = fêmea; luta = violência = macho; união sexual/união com Deus, a morte e o fim; nascimento = começo, fertilidade, novidade
	Culturais	Cozinhar = ser humano (e não animal) e civilizado; troca de presentes; travestis e uso da roupa do sexo contrário
ÍNTIMA	Expressivos	o choro duma criança, a risada dum adulto, o grito dum ferido, a raiva dum chateado; comer = relacionar-se; se prostrar = se submeter; dança e música aonde a forma encorpora a mensagem; tomar drogas, meditar e auto-flagelação são ligados aos efeitos que desejam
	Rituais	o "vinho" e o "pão" na santa ceia; a magia imitativa (replicativa: boneca) e contagiosa (com o cabelo, uma unha ou pedaço de roupas da pessoa contra quem a magia é praticada) para o mal; o local de lugares sagrados (Palestina, ou Meca)
IGUAL	Históricos	Jesus de Nazaré — 2 Timóteo 2.19; 10 João 4.2 (distinção intencional entre arte, que procura comunicar uma verdade mais profunda, e a história)
	Performativos	"eu vos declaro mulher e marido"; "é culpado"
	Divisórios	cercas, pedras delimitando um campo, linhas pintadas na estrada, "quebra-molas", paredes num templo

2. Modelos de contextualização. A perspectiva do relativismo crítico e as observações acima sobre as diversas ligações entre formas e sentidos, são geralmente reconhecidas pelos defensores dos diversos modelos de contextualização mais correntes. Também existem outras características comuns. Por exemplo, todos estão preocupados com a relevância e por isso se focalizam em situações reais nas quais as pessoas vivem, e não em teologia abstrata. E todos têm, como seu propósito, fazer da fé cristã uma experiência vital, uma resposta a indagações pertinentes, e todos querem que comunidades específicas e locais de crentes (e não estrangeiros) assumam a responsabilidade sobre a vida das suas igrejas.[5]

Mas também existem características peculiares de cada modelo. Por exemplo, o *modelo antropológico* desenvolve uma forte noção de cultura para compreender os valores dum povo e o local das transformações culturais e sociais. Distingue entre o cultural e o supra-cultural, e entre as formas e os sentidos.

O *modelo de tradução* e transculturação leva adiante a distinção entre as formas e os sentidos acrescentando a noção da equivalência dinâmica. Assim procuram-se elementos culturais que possam causar o mesmo impacto e o mesmo significado que é comunicado de outra forma numa cultura alóctone. Presta especial

[5] GILLILAND, Dean S., ed. *The Word Among Us. Contextualizing Theology for Mission Today*. Dallas: Word Publishing, 1989.

atenção às figuras de linguagem e a tradução de informação implícita.

David Bosch advogava um *modelo de adaptação* (ou de indigenização ou de relevância cultural).

O *modelo de praxis* se interessa na mudança socio-econômica duma dada situação. Entende que o alvo da teologia é produzir mudança social, que por sua vez, exige envolvimento nos mecanismos, inclusive políticos, que facilitam a mudança.

O *modelo sintético* tem como objetivo imediato o diálogo inter-religioso. Procura unir o evangelho, a tradição cristã, a cultura e a mudança social através dum diálogo entre os mesmos e aproveitando de perspectivas das pessoas envolvidas.

No *modelo da semiótica* a idéia é a de "ler" uma cultura e tentar entendê-la através dos sinais e símbolos que esta oferece ao pesquisador os discerne.

Integração

A contextualização, de certo modo, nada mais é que a igreja disposta a articular a sua fé novamente e com símbolos histórica e culturalmente relevantes e compreensíveis. É uma busca por uma teologia evangélica, renovada, e contextualizada. A sua base teológica se encontra na Palavra de Deus. Por um lado luta em manter o "cerne" do evangelho em termos da significância eterna dos eventos históricos a respeito da morte e ressurreição de Jesus. Por outro lado, reconhece que dentro das próprias Escrituras há exemplos não só de coerência teológica. Há também amplos exemplos de contingência provocada por circunstâncias locais.
A contextualização valoriza a teologia bíblica porque lá encontra paradigmas para a revelação progressiva, e por isso sempre renovando, da verdade. Creio que em especial preza o conceito do relacionamento da aliança entre Deus e o Seu povo.

A contextualização reconhece que o contexto da teologia surge de situações históricas concretas. Por isso a boa teologia procura ser culturalmente específica e não evitar tal especificidade. Procura ser, portanto, uma teologia profética.

A *avaliação* do êxito da contextualização procede destas entre outras observações:

1) sempre haverá discórdia a respeito de ações e medidas específicas
2) a avaliação leva tempo
3) as pessoas em posições de poder naturalmente resistirão às mudanças que ameaçam enfraquecer o seu poder. A contextualização tende a ser um escândalo e uma ameaça para a igreja e a teologia tradicional. É um escândalo porque freqüentemente desvenda estruturas de plausibilidade e de legitimação[6] dentro da igreja e das instituições teológicas. É uma ameaça porque desafia a tendência absolutista da teologia dogmática.
4) algum grau de abertura ou tolerância é necessário. Lembre-se do princípio de Gamaliel.

[6] Por definição, são mecanismos (linguagem, hierarquias de organização, atos rituais, etc.) que independentemente do seu valor intrínseco (sua "veracidade" absoluta), servem para sustentar psicológica, moral, e socialmente o grupo que os utiliza. Como estes mecanismos tratam do mundo de idéias, freqüentemente sua plausibilidade depende de argumentos circulares.

Algumas atitudes necessárias para a contextualização bem-sucedida incluem:

1) a aceitação de risco
2) a atitude de liberdade
3) a percepção de participação no reino de Deus
4) a paciência
5) a percepção da atuação de Deus no mundo
6) a percepção de ser povo de Deus
7) a capacidade de escutar

Finalmente, David Bosch oferece sete princípios para a contextualização:[7]

1) contextualização é uma afirmação que Deus volta sua atenção para o mundo
2) contextualização envolve a construção de uma variedade de "teologias locais". "Cada *theologia localis* deve portanto desafiar e fecundar a *theologia oecumenica*, e a última, semelhantemente, enriquecer e ampliar a perspectiva da primeira".
3) não há somente o perigo do relativismo, aonde cada contexto molda a sua própria teologia, sob-medida para aquele contexto específico, mas também o perigo do absolutismo de contextualismo.
4) precisamos ver esta questão dum outro ângulo, do de "ler os sinais do tempo", uma expressão que invadiu a linguagem eclesiástica contemporânea.
5) apesar da natureza e do papel inegavelmente crucial do contexto, então, ele não deve ser tomado como a autoridade única e básica para a reflexão teológica. "praxis necessita do controle crítico da teoria".
6) a contextualização envolve, porém, mais do que a relação certa entre a *theoria* e a praxis, envolve também a *poiesis*; a criação ou representação imaginativa de imagens evocativas. Necessita não só a verdade (*theoria*) e a justiça (*praxis*), como também beleza, o rico recurso de símbolo, piedade, adoração, amor, temor e mistério.
7) os melhores modelos de teologia contextualizada mantêm a conexão criativa entre *theoria*, *praxis* e *poiesis*; ou se quiser, a fé, a esperança e o amor.

[7] *Op.cit.*, pp.426-32.

Considerações Culturais

As religiões afro-brasileiras

Nesta reflexão queremos trazer algumas informações sobre as religiões no Brasil de origem africana com dois propósitos: reverter alguns preconceitos que temos sobre estes cultos e sugerir um evangelismo evangélico mais eficaz.[1] Também queremos confrontar crenças e práticas religiosas que são inimigas à revelação bíblica. Entretanto, é bom lembrar que em toda instituição religiosa, inclusive nas instituições cristãs, existem práticas e crenças sujeitas à correção bíblica.

No meio evangélico, este assunto dificilmente é tratado com simpatia. Logo pensamos ou em superstição ou em demônios e possessões demoníacas. Pensamos que neste campo, talvez mais que em qualquer outro, o diabo reina livremente. E ao pensarmos em evangelizar pessoas deste meio, pensamos quase sempre em confronto e desafio (como na Bíblia: 1 Reis 18; Josué 24; Marcos 1.2-39; 3.11-15; 5.1-20; 9.14-20; e Atos 5.16; 8.7; 16.18). Entretanto, nosso conhecimento é muito parcial e superficial, tornando nossa conversa com os adeptos do espiritismo muito difícil. Tentamos falar com convicção e autoridade para compensar a nossa falta de conhecimento. Mas, às vezes nossa fala se mistura com preconceito que pouco contribui para um testemunho eficaz. Por exemplo, taxamos os espíritas de "macumbeiros". Entretanto, não existe nenhuma religião afro-brasileira que se chama "macumba". Existem o candomblé, o xangô, a umbanda e outros. O uso do termo "macumbeiro" apenas desvenda nosso preconceito e perjuração.

O que é o espiritismo? Especificamente quais são algumas das suas expressões na herança religiosa africana do nosso país, como o candomblé? O que podemos aprender que poderá nos auxiliar num evangelismo eficaz? Estas são as perguntas que trataremos. Não nos preocupamos tanto numa apologética contra o espiritismo quanto num maior entendimento deste fenômeno a fim de dar testemunho da graça maravilhosa de Deus, manifestada na pessoa, vida, morte e ressurreição de Jesus.

As religiões africanas

Foram três os grupos de povos ou tribos trazidos para Brasil na época da escravidão. Um veio principalmente da Nigéria, os nagôs, também conhecidos como os jeje-iorubanos. A organização e infra-estrutura da sua religião eram mais elaboradas e assim tiveram maior influência no desenvolvimento dos cultos africanos no Brasil. Vieram muitos povos bantu, especialmente da região de Angola e Moçambique. Outros povos vieram mais do norte da África onde antes sofreram a influência dos muçulmanos. Por isso eram conhecidos como muçulmis ou malês. Todos estes povos eram muito religiosos, muitos tendo algum conceito dum Deus Supremo. Entre os

[1] Este estudo, em co-autoria com BARRO, Antônio Carlos, foi publicado no jornal, *Ultimato*, Volume XXX, Número 245, Março 1997, pp. 30-32. Ele inclui material de artigos mais elaborados pelos mesmos autores que se encontram no livro *Missões e a igreja brasileira. Volume Quatro: Perspectivas culturas.* Organizado por C. Timóteo Carriker. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1993.

povos iorubanos, por exemplo, o conceito do Deus Supremo era bastante difundido. Chamavam-no de Olorum. Até hoje este nome não é somente usado nas religiões não-cristãs, mas também é usado entre os evangélicos nigerianos. Da mesma forma que o povo de Deus, ao longo da Bíblia, adotava nomes estrangeiros para se referir a Javé, durante toda a história da expansão da igreja, missionários sábios adotaram nomes locais para se referir ao único Deus do universo. Isto não é idolatria, apenas tradução com reinterpretação. De outra sorte, todos nós seríamos idólatras porque empregamos o nome "Deus" que se deriva do termo grego e originalmente pagão, "theos".

Olorum, o Deus Supremo, nunca foi identificado com a natureza e ele também não pode ser adorado diretamente pelo não-cristão. Ele é transcendente e se comunica com o povo através de divindades menores e intermediários, conhecidos como orixás, que têm grande influência na vida diária do povo. Interessantemente, Olorum não pode ser representado através de imagens. Ele é considerado criador, único, imortal, onipotente, onisciente, rei e juiz.

Na crença africana, existem centenas de orixás e eles não têm vida a parte do Deus Supremo. Também, os iorubas dão grande importância aos ancestrais. Aquelas pessoas que viveram uma vida digna aqui na terra, voltarão e se reencarnarão na vida de alguma criança que irá nascer. Geralmente, isto ocorre dentro da sua própria família. Existe portanto uma ligação entre este mundo e o outro mundo, todavia, os ancestrais não estão na mesma categoria dos orixás, ainda que um ou outro ancestral tenha sido elevado a esta categoria. Cada indivíduo, família e grupo tem o seu próprio orixá, que é adorado e a quem sacrifícios são oferecidos como meio de veneração e também por temor.

Quanto aos orixás, temos que esclarecer que a Bíblia constantemente proíbe consultar qualquer entidade espiritual menos o Deus Supremo. Podem ser orixás, santos, ancestrais ou demônios. Somente os anjos são usados ocasionalmente como mensageiros de Deus para nós. Mas nem os próprio anjos devem ser objetos da nossa consulta e comunicação no campo espiritual (veja, por exemplo, o início da *Carta aos Hebreus*). Pois o Deus das Escrituras e conhecível em Jesus e não se revela como grande demais para se importar com preocupações meramente humanas. Aliás, por ser Criador de tudo, se envolve com tudo e se importa com todas, por mais rebeldes que sejam contra Ele próprio.

Mas vamos voltar à nossa elaboração das religiões africanas. Como chegaram em terra brasileira? Podemos falar de três fases definidas no seu desenvolvimento no Brasil.

A chegada dos africanos no Brasil

É uma história triste e vergonhosa. A primeira corresponde ao período de escravidão no início do século XVI. Ela destrui a infra-estrutura das religiões africanas, pois chegando ao Brasil os negros eram logo batizados com quase nenhuma instrução a respeito. Nada entenderam da religião católica que receberam à força do mesmo modo que eram escravizados. Entretanto, o catolicismo servia de disfarce para suas crenças tradicionais que mantiveram um mínimo de união entre esta raça tão

deploravelmente abusada. Na verdade, o santo não era adorado, mas sim, por trás dele, o orixá correspondente. Chamamos este fenômeno de sincretismo porque mistura elementos de duas religiões diferentes. Os valores e sentidos das crenças africanas continuaram os mesmos, apenas adotaram algumas formas externas da religião da cultura européia implantada no Brasil. Os velhos cultos se tornaram clandestinos.

Em 1817, para uma população de 3.817.000, aproximadamente a metade (1.930.000) era composta de escravos. Os historiadores concordam que nos quatro séculos de escravidão aproximadamente 3.600.000 escravos foram trazidos ao Brasil. Não é à toa que o impacto das religiões africanas foi tão grande no Brasil.

A segunda fase do desenvolvimento das religiões africanas no Brasil corresponde à supressão do trabalho servil, seja no caso dos negros livres da colônia e do império, seja no da massa liberta em 1888. Foram tempos de muito desnorteamento e mais uma vez, como é da tendência de todos nós, os negros recorreram para a sua religião. Houve mais desenvolvimento e troca de elementos rituais e doutrinários entre os diversos grupos africanos.

A terceira fase acompanhou o desenvolvimento da industrialização no sul do país a partir de 1940. Havia maior incorporação do negro pela proletarização à sociedade de classes. A fé da senzala chegou à cidade no meio dos primeiros passos da industrialização nascente. Nascem a poluição, o trânsito, a violência e a favelas urbanas. As crenças africanas misturaram-se com as idéias espiritualísticas do francês Alan Kardec, divulgadas entre a classe média. Surge desta mistura (melhor dizer, destas misturas) um novo fenômeno, uma nova religiosidade nascida em território nacional, a umbanda. A própria impossibilidade de definir e enquadrar a umbanda — pois há vários graus de branqueação, ou kardecisação — indica bem claramente que estamos ainda no início deste novo processo de sincretismo (repare-se também que o desenvolvimento histórico e sincrético dos cultos afro-brasileiros têm mais que 300 anos, enquanto que o da umbanda tem pouco mais de 50 anos).

Características

Naturalmente devido ao sincretismo assimilado no decorrer dos anos, o candomblé de hoje é bem diferente daquele dos primeiros anos no Brasil. Das centenas de orixás cultuados na África, somente uns 15 foram mantidos no Brasil, isto é, somente aqueles mais importantes. Além do mais, as religiões afro-brasileiras não são rígidas e cristalizadas. Estão ainda em formação. São fluentes e móveis, apresentando assimilações diversas conforme as épocas. Por exemplo, no início deste século, Xangô, o deus do raio e do trovão, era identificado com Santa Bárbara, a padroeira das tempestades e das faíscas elétricas. Atualmente, é identificado como São Jerônimo, Santa Bárbara passando a ser correspondente católica de Iansã. E nos anos de 1930, Iemanjá era identificada com Nossa Senhora do Rosário, no início do século com a Virgem Maria e nos anos 1940 com Nossa Senhora da Piedade ou Nossa Senhora da Conceição da Praia. Esta variabilidade é ainda mais evidente no espaço que no tempo. As correspondências variam profundamente de acordo com as localizações - Bahia, Alagoas, Recife, Porto Alegre, etc. Além destas variabilidades no

tempo e no espaço, ainda tem a variabilidade étnica, pelas nações de negros no Brasil. E finalmente reparamos a multiplicidade de cada orixá e a sua forma dupla em que aparece - orixá velho e orixá moço. Mesmo assim, é possível falar de algumas características gerais das religiões afro-brasileiras.

A figura central no terreiro é a mãe ou pai-de-santo. Apesar da lei exigir que os terreiros tenham existência legal, cada terreiro é completamente independente um do outro. A mãe ou pai-de-santo é quem tem autoridade para ditar as regras do terreiro e geralmente a autoridade deles não é contestada por causa do poder que possuem.

O surgimento de vários terreiros se dá exatamente porque existem médiuns que não concordam com as regras de determinado terreiro e saem para estabelecer um outro. Assim sendo, o candomblé e a umbanda crescem por causa das divisões. Cada médium é em potencial um pai ou mãe-de-santo. Para estabelecer um terreiro não é necessário ter a autorização de pessoas em posição hierárquica e não existe a obrigação de responder a quem quer que seja.

Este fator é muito importante para o crescimento dos terreiros no Brasil, por que não existe uma espécie de "denominação" que controla quem vai ser ou não diretor de um terreiro. O terreiro é aberto por conta e risco do médium. Não existe a necessidade de um prédio especial, móveis, bancos etc. É necessário apenas um pequeno espaço dentro da casa.

De alguma maneira, o espiritismo cresce porque segue um dos modelos bíblicos de crescimento de igreja, que explicamos. O espiritismo cresce porque as reuniões são nas casas das pessoas. A informalidade faz parte das pessoas envolvidas. Paulo escreve em Romanos 16.5 e Filemon 2, que a igreja estava nas casas dos crentes. Era nas casas onde o evangelho era pregado e onde a comunhão era praticada. Mas hoje, para se abrir uma igreja é necessário ter toda uma estrutura organizacional. A burocracia das denominações impede o surgimento de igrejas. Igrejas não podem ser organizadas se não cumprirem todos os requisitos financeiros e assim por diante.

Enquanto isso os terreiros vão surgindo e são milhares deles espalhados pelo Brasil. O que atrai mais: ir a uma reunião em uma casa de algum conhecido ou ir a uma igreja totalmente desconhecida?

O único problema que o futuro pai ou mãe-de-santo enfrenta é que o novo centro precisa de reconhecimento do público. Poder e a eficiência do médium irão determinar se o terreiro tem ou não futuro. Assim que o terreiro começa a ser conhecido, pessoas virão e trarão os recursos para a manutenção do mesmo. Com pessoas e recursos o terreiro ganha mais credibilidade e tendo mais credibilidade, mais pessoas virão e trarão mais recursos. É um círculo sem fim.

Não é difícil alguém se envolver com os cultos afro-brasileiros, porque existem milhares de seguidores espalhados por todos os cantos. Alguém no emprego, uma vizinha ou um amigo irá aconselhar aquele que está com problemas a procurar um terreiro. Quando esta pessoa procura o terreiro, geralmente o médium irá dizer a ela que o problema existe porque ela tem uma mediunidade que precisa ser desenvolvida. Nós precisamos entender que as pessoas envolvidas com o espiritismo são bem ativas na propagação das "maravilhas" dos mesmos.

Os rituais nos terreiros

Naturalmente os rituais são diferentes no Candomblé que na Umbanda e mesmo entre os terreiros umbandistas os rituais diferem, por isso, não temos espaço aqui para comentar em detalhes os rituais. Gostaria apenas de mencionar algumas coisas que são importantes.

Normalmente os rituais são praticados a noite, mas a preparação para os mesmos começa pela manhã quando algum animal é sacrificado a Exú, para que ele não perturbe a reunião. As reuniões começam exatamente no horário determinado. Os médiuns ocupam a maior parte do terreiro e um pequeno espaço é determinado para os observadores, que são muitos e por isso mesmo todos chegam bem antes da hora para reservarem um lugar no auditório.

Depois das seções preliminares, começa o processo da invocação dos santos. Cada orixá é chamado com um ritmo diferente de tambores e um por vez. Agora, se você já visitou um terreiro, deve ter observado que os visitantes participam ativamente da cerimônia. Em um determinado momento, a platéia é convidada a conversar com os médiuns e compartilhar com eles os seus problemas e geralmente o médium oferece alguma esperança para o desesperado.

Este é um detalhe em que precisamos atentar bem. Muitas vezes criticamos aqueles que vão aos terreiros, mas não percebemos que muitos deles já freqüentaram ou visitaram igrejas evangélicas. Mas o que acontece quando alguém com problemas visita a igreja? Tem ele oportunidade de falar dos seus problemas? Existe espaço nos cultos para orar por aqueles que estão sem emprego, com problemas no lar etc.?

Quando alguém vai a um terreiro, ele sabe que lá os seus problemas serão ouvidos, mas nas igrejas os crentes estão tão ocupados em ter comunhão com outros crentes, que pouca ou nenhuma atenção é dada aos visitantes.

Conclusão

O espiritismo cresce no Brasil porque ele se tornou brasileiro. Júlio Zabatiero afirma que o espiritismo foi contextualizado à realidade brasileira. Os cultos afro-brasileiros tiveram uma origem humilde, mas hoje não se pode mais afirmar que terreiro é lugar de pobre e de negro. Com a urbanização brasileira, os terreiros foram descobertos pelos brancos e pelos ricos. Políticos são conhecidos pelos seus envolvimentos com terreiros, o mesmo se dá com cantores, jogadores de futebol etc. Este fenômeno é chamado de o embranquecimento dos cultos afro-brasileiros.

Um outro fator que deve nos preocupar é que o espiritismo está sendo exportado para os países vizinhos ao Brasil. Já existem mais de 200 terreiros na Argentina e mais de 300 no Uruguai. Para reflexão apenas: Quantas igrejas foram abertas nestes países por missionários brasileiros?

O crescimento dos terreiros no Brasil não será detido se continuarmos ignorantes quanto ao que eles estão fazendo. Pouca literatura séria tem sido produzida sobre o assunto e quase sempre se fala em expulsar os demônios daqueles que estão envolvidos nos cultos afro-brasileiros. Esta é apenas uma faceta, mesmo

necessária, do problema.

Palestras sobre o assunto devem ser realizadas nas igrejas, mostrando aos crentes os fundamentos dos cultos afro-brasileiros e também como ajudar aqueles que estão envolvidos nos mesmos. Através da oração e da direção do Espírito Santo, a igreja evangélica no Brasil poderá deter o avanço dos terreiros, mas é preciso que haja também uma disposição por parte do líderes cristãos em olhar com mais atenção os valores da nossa cultura e abrir mais espaço para a participação do povo de Deus na celebração dos nossos cultos.

Finalmente, reparamos que o sincretismo nasce como falta da cultura dominante reconhecer e tentar entender as crenças, rituais, costumes, música, arte e valores da cultura dominada. Esta falta de compreensão por parte da cultura dominante leva para clandestinidade dos seus costumes, crenças e valores por parte da cultura dominada. Como crentes em Jesus que tanto amou ao mundo que morreu por ele, não devemos ter pressa em condenar tudo que encontramos na cultura das populações marginalizadas. Quais são seus anseios? Como entendem a vida, o mundo etc.? Como e onde podemos fazer distinção entre as formas culturais da sua cosmovisão e os sentidos que estes têm? Quais destas são redimíveis para Cristo? Como Cristo se encarna na sua realidade de tal maneira que o significado da fé cristã não seja comprometida sincreticamente, mas que seja afirmada contextualmente? Como seria a igreja evangélica cujas formas de culto, organização e comunidade respondessem às necessidades destas pessoas, mas sem sacrificar o coração e cerne do cristianismo? Qualquer uma das nossas igrejas atuais serviria? Como seria a dimensão espiritual do ministério de tal igreja?

O evangelismo urbano

O ministério urbano apresenta um complexo de desafios tanto para a compreensão quanto para o engajamento.[1] Apesar do fenômeno da cidade ter algumas características comuns em todo lugar, as características peculiares de cidades específicas podem ser muito variadas e distintas, tanto entre países diferentes quanto dentro do mesmo país. A "personalidade" de São Paulo é diferente que a do Rio de Janeiro. E ambas cidades "se comportam" de modo diferente que Curitiba. Embora seja possível fazer algumas observações generalizadas em referência ao fenômeno urbano, para compreender uma dada cidade específica se torna necessário um enfoque sob medida.

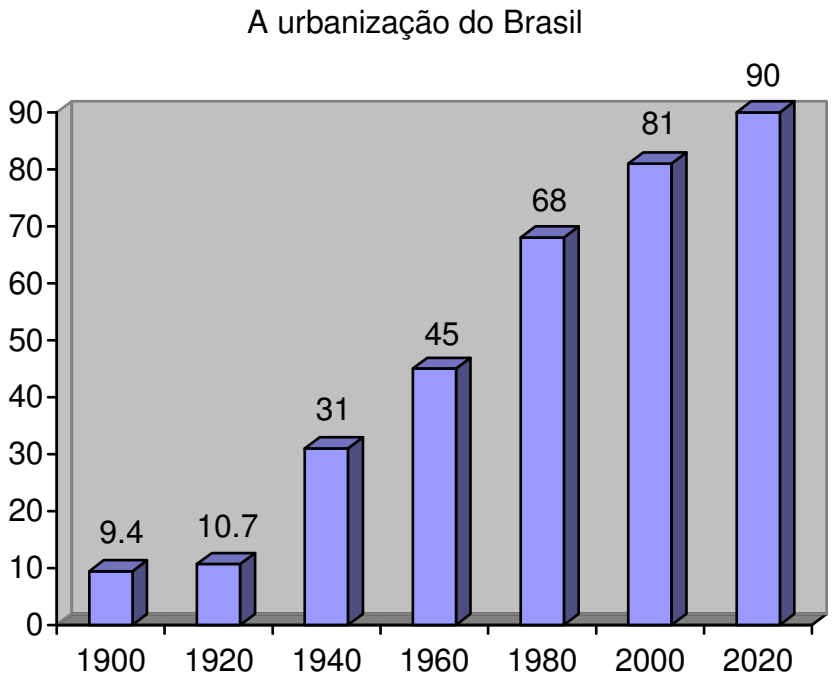
Portanto, os estudos de caso apresentados e as estratégias elaboradas na discussão a respeito do ministério urbano, enquanto absolutamente essenciais, sempre deixam a desejar quanto a sua transferência a outras situações, justamente por causa da certa unicidade de cidades específicas e variadas. De novo, precisamos destes estudos e das estratégias. Modelos são mais facilmente construídos em cima de outros modelos anteriores, com as devidas adaptações. Entretanto, ocasionalmente, precisamos voltar para uma teorização adequada do nosso ministério, especialmente quando este ministério envolve um complexo tão desafiador como o fenômeno da cidade.

O presente estudo pretende tal teorização. Buscamos a nossa orientação primeiro na interpretação Bíblica e segundo, com algum auxílio das ciências sociais.

Um fenômeno tão complexo como a cidade possibilita muitos pontos de partida. É possível justificar os mais variados tipos de ministérios e estratégias diante da diversidade de fenômenos que a cidade apresenta. É necessário, portanto, a *priorização* de desafios. Pode ser que os dons e talentos duma dada comunidade cristã sejam tais que o conteúdo e a estratégia do seu ministério não coincida com estas prioridades. Entretanto, o nosso primeiro passo deve ser esta priorização.

Sugiro que concentremos o nosso enfoque na *dinâmica* da cidade, isto é, a cidade em crescimento. As estatísticas são facilmente disponíveis para qualquer um ver. A seguinte tabela mostra a velocidade da urbanização da população brasileira neste século.

[1] Este capítulo foi publicado originalmente com o título, "Princípios missiológicos para uma pastoral urbana no Brasil" na revista *Boletim Teológica da Fraternidade Teológica Latino-americana - Setor Brasil*, Volume 9 (abril - maio, 1995), Número 26, pp. 34- 42.



Fonte: IBGE, para 2020, mais que 90% com base na projeção de 89,1% para 2016

Uma conclusão que tiramos é simples: o Brasil (como boa parte do mundo inteiro), cada vez mais rápido, está se tornando cada vez mais urbano. Ou seja, não estamos tratando de um assunto de pouca importância para o ministério.
A segunda observação se refere ao conteúdo deste crescimento. E mais uma vez, a interpretação é fácil por ser tão bem documentada e reconhecida. Isto é, a maioria dos recém-chegados à cidade é iletrada, desempregada e pobre. Ao meu ver, esta simples mas inegável observação deverá ocupar toda a nossa atenção. É *neste sentido específico*, que precisamos da análise das ciências sociais e de orientação teológico-bíblica.

Entretanto, para entender este desafio tão pertinente para o evangelismo, surpreendentemente encontramos pouca ajuda teológica dos nossos antepassados. Isto se deve a uma razão muito simples: a grande cidade é, por um lado, um fenômeno moderno e, por outro lado, contemporâneo à toda a extensão da história bíblica. Entretanto, *o fenômeno urbano é inexistente nos séculos V a XIX*! As seguintes observações históricas ilustram este ponto:

Observações históricas

A cidade é um fenômeno tanto antigo quanto moderno, mas de nenhum ou pouco destaque desde o século V, surgindo novamente com respaldo somente no século XX, pelo menos no Ocidente. Sabemos, por exemplo, da existência de Jericó no ano 8.900 a.C. Aliás, na Bíblia aprendemos de várias cidades da antigüidade. Ur, a

cidade de Abraão possuía 250.000 habitantes até 2.000 a.C. Demorava três dias para atravessar Nínive (Jonas 3.3). A Babilônia tinha quase 18 quilômetros de muralha e um sistema de irrigação e saneamento somente igualado no século XIX. Na cidade de Éfeso a iluminação das ruas brilhava quase como a luz do dia. A Antioquia possuía ruas colunadas. Mas de todas as cidades durante os períodos da Bíblia nenhuma impressionava como a Roma. Na época de Paulo, a Roma se orgulhava de mais que 1.000.000 de habitantes. Era a primeira cidade na história de atingir este número.[2] Quando a Roma caiu no século V, ficou com apenas 25.000 habitantes (ainda a maior cidade da Europa!). Somente no século XIX (Londres, em 1820) haveria no mundo, de novo, uma cidade deste tamanho.

Por isso, encontramos pouca ajuda na história da cidade para uma teologia ou análise bíblica da cidade. É verdade que, na idade medieval, João de Damasco e Agostinho escreveram de perspectivas urbanas. Mais tarde somente João Calvino, entre os teólogos da sua época, tentou elaborar uma teologia que levava em conta a cidade, e a cidade que ele considerava, a Genebra, tinha somente 16.000 habitantes.

Foi apenas na era industrial que o fenômeno da cidade no Ocidente voltou a adquirir proporções destacadas. Mesmo assim, o processo europeu e norte-americano era diferente que o processo mais tardio de urbanização na América Latina. Por exemplo, a América Latina é o único continente que conhece elementos de modernização durante o período de comércio em grande escala. Também, todas as cidades latino-americanas nasceram das relações internacionais com países do norte-atlântico. E aqui, nunca houve uma separação radical entre os interesses agrários e os industriais e o modo de produção capitalista até agora não foi capaz de subordinar inteiramente a si outros modos de produção.

Com estes traços históricos e gerais, podemos iniciar a reflexão teológico-bíblico, sem esquecer-nos da identificação do conteúdo do crescimento urbano e alastrante: *a maioria dos recém-chegados à cidade é iletrada, desempregada e pobre*.

Princípios teológico-bíblicos

Um comentário a respeito de metodologia hermenêutica: não procuro tanto passagens bíblicas que falam especificamente a respeito da cidade ou situações urbanas (embora eu acredite que tal tarefa continue sendo útil para esta discussão). Antes, e diante da problemática identificada acima, procuro os traços gerais da ética social em relação à fé ao longo do desenvolvimento da revelação bíblica. Disto reparo os seguintes princípios:

1. A integridade da evangelização e as dimensões sociais e pessoais da fé. A distinção entre as dimensões pessoais e as implicações sociais da fé é mais conveniente do que real, em se tratando da fé bíblica. Nunca na vida de Israel

[2] O trânsito era tanto que no centro da cidade, veículos com rodas eram proibidos. Havia 46.000 prédios para os pobres, alguns de oito a dez andares. Entre 312 e 315 d.C. havia 1.790 palácios, 926 lugares de banho, 8 parques principais, mais 30 parques e jardins nos bairros, 700 piscinas públicas e 500 fontes alimentadas por 130 reservatórios, 254 padarias, 290 depósitos, 37 portões, 36 arcos de mármore, 2 circos, 2 anfiteatros, 3 teatros, 28 bibliotecas, 4 escolas para gladiadores, 5 espetáculos de luta marítima, 6 obeliscos, 8 pontes, 19 canais de água, 3.785 estátuas de bronze e 10.000 figuras esculturais.

encontramos um coletivismo extremo ou um extremo individualismo. A pessoa e a nação eram responsáveis diante de Deus por todas suas ações, por mais específicas ou abrangentes que fossem.

Contudo, seria ingênuo negar nossa herança teológica dualista, que faz separação bem clara entre o corpo e o espírito, entre o indivíduo e a sociedade. Esta herança, no Brasil, foi nítida e sobriamente documentada por Antônio Gouveia Mendonça no seu *O Celeste Porvir*,[3] e antes por Rubem Alves no seu *Protestantismo e Repressão*.[4] Ambos os documentos não deixam que subestimemos esta dicotomia da fé. Os profetas inequivocamente mantém em equilíbrio e inseparáveis as dimensões sociais e pessoais da fé bíblica.

A fé, portanto, exige uma ética tanto pessoal quanto social. Os profetas são incansáveis em denunciar injustiças sociais dentro e fora de Israel. Estas denúncias eram contra aqueles que oprimiam os pobres e profanavam a casa de Deus pelas suas indulgências (Amós 2.6-8), o favorecimento das classes ricas (Amós 5.7, 10-12), o comércio fraudulento que explorava o pobre (Amós 8.4-6), e impostos injustos (Amós 4.1). Israel era especialmente julgado por estes crimes sociais por causa da sua relação especial (pela eleição) com o Deus entre todas as nações (Amós 3.1-2) e, consequentemente, porque tinha uma responsabilidade e obrigação (pela aliança) de reconhecer e refletir (pela imagem de Deus no homem) o Senhorio e caráter justo de Iahweh. Para Israel, as injustiças sociais, antes de serem crimes contra o seu próximo, eram uma blasfêmia contra a santidade e retidão de Deus. Israel tinha sempre uma "missão" de ser testemunha e instrumento de benção no meio das nações, como disse o profeta Isaías: "Lavai-vos, purificai-vos, ... atendei a justiça, repreendei ao opressor, defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas" (1.16-17).

A igreja primitiva também foi exortada a tomar uma posição forte contra qualquer injustiça social, e que isto se evidencia acima de tudo pelo seu próprio estilo de vida e participação na sociedade maior e secular, não comprometendo de maneira alguma a sua moralidade pessoal ou social cristã, muito pelo contrário, como uma testemunha radical *no meio* das nações do caráter justo e Senhorio de Jesus (cf. Tiago, 1 Pedro, 1 Coríntios 11).

Quando a igreja cristã contemporânea dicotomiza as áreas espirituais e sociais, relegando seu testemunho social ou para o governo ou para o futuro, ela está cortando um nervo principal do seu testemunho e negando exigências fundamentais da sua aliança.

2. A fé também é uma questão interior e pessoal. Embora os profetas não poupassem palavras em críticas agudas contra toda forma de injustiça social, não eram meros contestadores sociais. Queriam chegar ao cerne do problema.

O pecado se manifesta não só na vida pessoal de indivíduos como também nas próprias estruturas sociais nas quais todos vivem. Todavia, esta manifestação do pecado nas estruturas sociais sempre é nutrida pela presença do pecado nas vidas pessoais. Por outro lado, as estruturas já têm inestimável influência nas vidas pessoais. Por isto, o pecado é confrontado nos dois níveis, pessoal e social.

---

[3] São Paulo: Paulinas, 1984.
[4] São Paulo: Ática, 1979.

A injustiça social em Israel era fruto sobretudo da negligência para com a lei e a sua transgressão. Isto ocorria quando o homem se declarava interiormente independente de Iahweh, negando, por conseqüência, o seu Senhorio. As leis exteriorizadas, "corrigi o opressor, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva", etc., dependem primeiro de um princípio que só poderia ser avaliado interiormente, "cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem" (Isaías 1.16-17, compare Miquéias 6.8), praticamente o sinônimo de um outro princípio que começa no interior, "buscai-me, e vivei" (Amós 5.4, compare Isaías 56.6). Tais exortações não deviam ser presas a meditações pessoais interiorizadas, e, sim, achar expressão na devoção pessoal e na vivência social caracterizada pela justiça. A lei deveria ser inscrita, em primeira instância, no coração (Isaías 31.33).

Continuando essa preocupação profética, o Novo Testamento apresenta ainda mais esta dimensão interior e pessoal da fé. A igreja contemporânea não pode recuar para uma compreensão apenas denominacional da fé, que entende somente *seus* membros como o povo de Deus e somente *seus* programas como a expressão da missão de Deus dada a igreja.

Voltando à relação entre estas duas dimensões da fé, a pessoal e a social, esclarecemos que a fé interior alimenta a sua expressão social de justiça em todas as relações humanas. Por outro lado, as estruturas sociais, quer boas quer não, têm uma forte influência na formação da fé pessoal. Como asseveramos anteriormente, as duas dimensões não são separáveis e, portanto, o testemunho profético se dirige a ambas. Não há, então, dicotomia real. As duas ênfases são fundamentais para uma teologia bíblica da pastoral urbana. Infelizmente, muitos líderes de formação unilateralmente espiritualizante têm grande dificuldade em manter e comunicar um equilíbrio que seja relevante para o contexto histórico e específico das pessoas com quem eles ministram.

3. A igreja é a resposta de Deus para a cidade. Com a exceção da carta aos Gálatas, todas as cartas de Paulo foram escritas para igrejas de centros urbanos importantes da época: Éfeso, Corinto, Tessalônica, Filipos, Colossos, e Roma. Desta forma, a situação destas epístolas difere bastante dos Evangelhos. Apesar disto, *Paulo, o apóstolo urbano, nos fala nada diretamente a respeito destas cidades em si*. Nós temos que deduzir as suas características (e podemos deduzir muito) daquilo que Paulo fala a respeito *da igreja*. Esta observação não pode ser subestimada ou facilmente ignorada, pois significa claramente, que para Paulo, *a resposta de Deus para a cidade se encontra primordialmente na igreja*, isto é, a formação de novas comunidades sociais e espirituais onde há dependência e, respeito e cuidado mútuos e profundos entre os integrantes. Sejam quais forem as nossas estratégias de ministério urbano, estas jamais seguirão o padrão bíblico se negligenciarem o surgimento da igreja.

Princípios socio-científicos

No seu livro sobre o comportamento coletivo, Neil Smelser descreve quatro níveis de organização social que correspondem a quatro fases de mudança ou reorganização por grupos insatisfeitos com o regime atual. Estes níveis, em ordem

ascendente, são:

4)	os **VALORES** implícitos ou explícitos por trás das normas
3)	as **NORMAS** que governam as estruturas
2)	as **ESTRUTURAS** que organizam os seus agentes pessoais e as suas situações
1)	os **AGENTES** e a facilidade ou não de mudança

Ele sugere um movimento "vai e vem". Sua tese básica é que para realizar mudança fulminante, as mudanças começam com uma insatisfação generalizada primeiro, nos agentes (pessoas) responsáveis pela instituição que é o objeto de insatisfação, segundo, nas estruturas por trás destes agentes, depois, nas normas que regem aquelas estruturas, e por fim, nos valores percebidos com destorcidos que permitam tais normas. O grupo social inquieto e em mudança, então se embarca num processo invertido de primeiro, elaborar mesmo implicitamente novos valores que, segundo, gerarão novas normas que por sua vez regem novas estruturas administradas e representadas por novos agentes.

Muito da teologia popular de evangelismo, com sua apologética de mudança pessoal, enfoca a transformação no primeiro nível. Tanto a teologia "integral" de grupos evangelicais quanto a teologia "progressista" de grupos ecumênicos, com sua apologética de mudança coletiva, enfoca a transformação mais no segundo nível de estruturas e organizações sociais. De certo modo, as teologias de libertação vão mais além destes dois níveis e reconhecem que as próprias normas da sociedade (e não apenas normas pessoais) necessitam da transformação pelo evangelho. Há pouca articulação teológica, entretanto, a respeito de transformação social a partir do seu nível mais fulminante, o nível de valores. Sem dúvida, a pregação do evangelho possui imenso potencial para atingir este nível. Entretanto, isto ocorre, na prática, geralmente só em relação aos valores de indivíduos, e não de instituições inteiras da sociedade.

Ao meu ver, os ministérios de maior impacto e abrangência transformadora são aqueles que não recuam do desafio da transformação, pelo evangelho, de situações inteiras de miséria social e espiritual.

Princípios estratégicos

Como elaborar estratégias que visam tais mudanças? Aqui ofereço nenhuma observação original, apenas repito as observações de outros que coincidem com os princípios acima.

Urge uma ênfase em *necessidades* em vez que *problemas* na cidade. Organizações cristãs com boa experiência prática no ministério urbano nos testemunham que o serviço cristão que a igreja presta na cidade tem que partir de necessidades percebidas *pelas pessoas para as quais o projeto destina*. Doutra sorte, a igreja, na melhor de hipóteses, será culpada de paternalismo. Na pior, o projeto cairá por terra sem nenhuma eficácia transformadora. Intimamente ligado a este princípio é a necessidade duma atitude de solidariedade.

Robert Linthicum elabora três auto-identidades comuns da igreja em relação à cidade.[5] Primeiro, a igreja pode se ver com "uma igreja *na* cidade". Não há empatia neste ponto de vista. Não há identificação. Às vezes a igreja se vê *na* cidade mas não *da* cidade e a igreja se torna uma igreja não das vizinhanças imediatas mas de pessoas que se deslocam para chegar lá. Está na cidade por razões circunstanciais.

Segundo, a igreja pode se ver como "uma igreja *para* a cidade." Muitas igrejas de característica descrita acima eventualmente chegam a conclusão que precisam ministrar às vizinhanças imediatas e se dirigir aos seus problemas, especialmente se as vizinhanças são pobres. Entretanto esta perspectiva não têm uma sobrevivência longa por causa da pressuposição que *a igreja* conhece melhor o que é melhor para as vizinhanças que os próprios habitantes destas vizinhanças. Enquanto a igreja se dispõe de recursos financeiros e de pessoal, estes projetos podem sobreviver, mas mais cedo ou mais tarde vem o cansaço e a fadiga, e não há quem dentro das vizinhanças possa dá continuidade ao projeto.

Terceiro, a igreja pode se ver como "uma igreja *com* a cidade". Aqui a igreja *se encarna* dentro da comunidade e se torna parceira com a comunidade para se dirigem juntas às necessidades. Significa que a igreja permite que própria comunidade instrua a igreja na identificação das suas necessidades e na resolução das mesmas. De acordo com o urbanólogo brasileiro, Ruben George Oliven, estas necessidades são geralmente identificadas dentre das seguintes áreas: o emprego; a moradia (soluções informais são as favelas e a mutirão); a alimentação (solução informais incluem o botequim); a legalização; a saúde; a comunidade em si (necessidades estéticas de identificação) para combater anomia.[6]

Neste respeito, e de especial importância para nossa discussão, os cientistas sociais reparam, contra as suposições comuns, que o clientelismo continua na cidade, mesmo sob forma diferente. Aliás, a religião tem se provado muito importante na manutenção deste fenômeno latino-americano do clientelismo. Algumas religiões como a umbanda e o pentecostalismo, se mostram especialmente eficazes em fornecer "substitutos" das relações sociais do trabalhador rural para lidar com a cidade.

Conclusão

A igreja é a resposta de Deus para a cidade. Entretanto, esta resposta não se realizará a não ser através dum compromisso ousado com as populações mais efetuadas numérica e qualitativamente pelo fenômeno urbano. Tal compromisso só se resultará em eficácia de ministério quando as populações que constituem o alvo deste ministério, são ouvidas e levadas a sério como gente e parceiros que carecem do amor de Cristo demonstrado pelo seu corpo, a igreja. Finalmente, tal resposta só se realizará a medida que a igreja se torne uma comunidade social e espiritual que supra

---

[5] *A transformação da cidade. Teoria e prática da evangelização urbana*. Trad. de Azenilton Guimarães Brito e Mirian Macintyre Lisbon. Belo Horizonte: Missão Editora, 1990.

[6] OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. 1982; e *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

tanto as relações sociais interrompidas pela migração urbana quanto fornece um sistema de valores, o próprio evangelho, que combatendo a anomia integra o ser humano dentro do seu mundo social, econômico e espiritual.

O evangelismo e a conversão a outras religiões

Eu me converti no final dos anos sessenta na região sul dos Estados Unidos.[1] Eram anos de muita *agitação política e social* com a guerra no Vietnã, no auge da guerra fria e o início dos direitos raciais. As tensões antigas voltaram à tona, especialmente na minha região. Eram anos em que a juventude, através do movimento hippie, desafiava muitos dos valores tradicionais da sociedade americana.

Depois vieram os anos setenta e com eles, uma *explosão de religiosidade*, tanto através de movimentos de despertamento e renovação dentro das igrejas cristãs, quanto através dum interesse crescente pelo Oriente e o misticismo que este oferecia. Nestes meus primeiros anos de vida cristã comprometida, tive muitos encontros com adeptos de outras religiões ou seitas ditas cristãs: os "moonies" da Igreja da Unificação, os "meninos de Deus", os hare krishnas, a meditação transcendental, até mesmo satanistas e outros. Meu mundo era dividido naquela época entre a academia e a rua. Na universidade, eu era estudante no curso de "religiões" e estudava o fenômeno com "objetividade" neutra e distância. Como líder dum movimento cristão entre uns duzentos universitários, eu lidava com isto na rua e no campus com apologética convicta e às vezes, pelo ministério de libertação (especialmente no caso daqueles que praticavam o ocultismo).

No Brasil, esta explosão de religiosidade ocorreu mais nos anos oitenta e se expressou entre os evangélicos, pelo aparecimento de novos grupos pentecostais e neo-pentecostais e pelo crescimento dos já estabelecidos. No meio católico, líderes da renovação carismática começam a se sobressair às conquistas na década anterior da teologia de libertação. Fora destes dois meios, surgem numerosos herdeiros do misticismo e esoterismo na "nova era" e na proliferação de seitas orientais. E cá estamos agora, frente o alvorecer dum novo milênio com suas surpresas ainda ocultas e novos desafios. É neste contexto que voltamos à interrogação que intitula este espaço: *Por que há tanto interesse nas outras religiões?* Reconheço que há diversas maneiras de tratar esta pergunta e portanto diversas respostas. Quero oferecer duas respostas "teológicas" talvez mais apropriadas para nós:

A expressão da fé está deficiente

Antes da resposta própria é necessário fazer uma ressalva: a fé no Deus da Bíblia é uma fé oriunda do Oriente, portanto a preocupação nossa não deve ser entendida como etnocêntrica, mas como religiosa. O problema não está com o Oriente. Graças a Deus por ele, especialmente o Oriente Médio, este veículo cultural que Deus escolheu através de qual se revelou ao longo da revelação bíblica. Dizer isto é manter em cheque o *nosso* etnocentrismo que tende a supervalorizar as

[1] Publicado originalmente com o título, "Por que há tanto interesse nas religiões orientais?" no jornal *Ultimato*, Volume XXVIII, Número 234, maio 1995, pp. 22-24.

"conquistas" do Ocidente como se elas, por serem oriundas do Ocidente, tivessem a bênção especial de Deus. À medida que o Ocidente deve alguns dos valores (há muita conversão de valores ainda por vir!) à fé judaica e cristã, somos devedores ao Oriente. Que reconheçamos nossa dívida com a devida humildade.

Por que há tanto interesse nas outras religiões, especialmente as orientais? A preocupação, na verdade, está com a razão por que as pessoas, no ocidente, estão buscando respostas aos seus anseios religiosos fora da fé cristã. Geralmente trata-se deste problema ou pela ótica da apologética (dando todas as razões porque *eles* estão errados e *nós* certos!), ou pela ótica da sociologia (ressaltando os *desvios* das convenções tradicionais da sociedade que determinada seita faz) ou pela ótica da psicologia (identificando características neuróticas e auto-destrutivas dos adeptos). Se o caro leitor detectar um tom de cinismo nesta última observação, não é porque não encontro valor nestes modos de analisar a razão que as pessoas se convertem a religiões não cristãs. Pelo contrário, eu mesmo tenho realizado pesquisas e publicado análises apologéticas, sociológicas e psicológicas.[2] E já tive a experiência pessoal e tremenda alegria umas poucas vezes de levar um adepto de uma religião não cristã a confessar fé unicamente em Jesus Cristo e renunciar toda crença contrária a ele.

O problema está na pretensão do pressuposto que nós estamos certos e eles errados, que as nossas instituições cristãs são a habitação somente de Deus e as instituições não cristãs são a habitação somente do diabo, que os cristãos são os verdadeiros esclarecidos e os não cristãos (e *especialmente* os ex-cristãos convertidos a outras religiões) estão absolutamente enganados. O pressuposto pode até parecer certo — afinal, Jesus não falou, "eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14.6)? Entretanto o pressuposto erra fatalmente na identificação da *fé* cristã, isto é o *evangelho* de Jesus Cristo, com as nossas *instituições* terrestres e humanas — nossas igrejas e órgãos missionárias, nossas instituições de ensino, de publicação e de propaganda. Por que há conversão às religiões orientais? Sem dúvida há razões sociológicas e psicológicas residentes nestas próprias religiões que podem até demonstrar deficiências no *conhecimento* da fé cristã corrigíveis por uma boa apologética. Entretanto as principais razões não residem nestas religiões. Residem dentro da expressão institucional do cristianismo. A resposta simples e sucinta é: Por que há conversão às religiões orientais? Porque *a expressão da fé cristã está deficiente*. Mas não é só a deficiência das nossas instituições que levam ao abandono da fé e a adesão a outras religiões. Também existe a busca humana e sincera por Deus e pelas coisas de Deus. Há uma espécie de dispositivo divino embutido no ser humano que, se desenvolvido, o leva a buscar intimidade cada vez mais com o Criador. É o que chamamos da "imagem de Deus" no ser humano, sua capacidade de, como Deus (Gênesis 1.5, 8, 10), dar nome ou conceituar o seu universo (Gênesis 2.19-20) e como Deus (Gênesis 1.1, 27; 2.3), criar e governar neste mundo (Gênesis 1.26, 28). Daniel Thambyrajah Niles, teólogo e

---

[2] *A Sedução da Igreja da Unificação*, Campinas, 1983; "Mecanismos sociais de desconversão" in *Simpósio* 29 (1985), páginas 71-84 and *Educação* 9, 1984, páginas 97-129; "As contribuições do messianismo para uma hermenêutica missiológica," in *Boletim Teológica*, Volume 6 (dezembro 1992), Número 19, páginas 19-41; e "Evangelizando Espíritas" in *Missões e a Igreja Brasileira. Perspectivas Culturais*, editado por C. T. Carriker, São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

missionário indiano (oriental!) reparou bem esta relação ao dizer: "O homem é a única criatura que Deus fez cujo ser não está em si mesmo, e que por si mesmo não é nada. A 'canicidade' do cão está no cão, mas a 'humanidade' do homem não está no homem. Está na sua relação com Deus. O homem é homem porque reflete Deus, e *somente* quando ele assim o faz."

É certo que a queda realizou o seu estrago neste mecanismo da imagem de Deus no ser humano. Mas não a apagou pois aparece de novo depois do dilúvio (Gênesis 9.1-6). Tudo isso significa que a religiosidade do ser humano é algo que Deus colocou nele. É a sua tendência intencionada por Deus mesmo. Prova disto é que até hoje nunca se encontrou uma cultura humana (entre as seis a vinte e quatro mil) sem algum sistema religioso! O fato do ser humano buscar a Deus vem de Deus, não do diabo. É por isso que ao longo da revelação bíblica, diversos elementos culturais de outras religiões foram aproveitados dentro da fé em Deus, paralelamente à rejeição inequívoca da idolatria e outras práticas religiosas incompatíveis com esta mesma fé.[3] O que estou afirmando é que o campo das religiões não cristãs não é o domínio exclusivo de Satanás enquanto as instituições cristãs são o campo exclusivo de Deus. O *evangelho* de Deus, sim! É somente dele. Entretanto os sistemas religiosos não cristãos evidenciam a imagem de Deus ainda estampada no ser humano em geral e independentemente de Cristo. Ao mesmo tempo demonstram o estrago do pecado cujo domínio é chefiado pelo diabo. Aliás, não é verdade que este último ainda apronta das suas no meio da igreja também?

Quais são as implicações práticas disto para nosso relacionamento com pessoas que se converteram a religiões não cristãs? Primeiro e por mais óbvio que isso pareça, deve haver uma expressão autêntica de *amor*. Isto se manifesta na primeira instância através do respeito de opiniões divergentes e através da disposição de ouvir e simpatizar. Um dado importantíssima dos estudos sociológicos, hoje se sabe que o processo de conversão e desconversão ocorre *não inicialmente e nem principalmente por fatores cognitivos*: as doutrinas e as crenças em si. Antes ocorre por *fatores afetivos de sociabilidade*. Ou seja, as pessoas abandonam um sistema religioso pela falta de carinho, atenção e entrosamento no grupo muito antes que por discordância de idéias. E se afiliam a outros sistemas religiosos quando lá são inicialmente bem recebidos com amor, carinho e aceitação social. Esta observação pode ser difícil de engolir diante de cursos com forte ênfase apologética que os cristãos conduzirem a respeito de outras religiões. Sem desvalorizar o lugar do raciocínio da fé (que, de fato, é altamente valorizado na fé bíblica), o raciocínio normalmente ocupa um papel muito limitado nas primeiras fases da conversão. Mais ainda, este consenso da pesquisas sociológicas dos anos setenta e oitenta acaba de encontrar um aliado importantíssimo num dos mais conceituados e cientificamente premiados neurologistas dos Estados Unidos. No seu livro publicado em 1995, *O erro de Descartes: emoções, raciocínio, e o cérebro humano* , Antonio Damasio, a despeito do que se pensava sobre o funcionamento do cérebro, fala da íntima ligação entre o raciocínio, e as emoções e sentimentos no funcionamento do cérebro e o corpo biológico. Ele conta numerosos casos dos seus pacientes com lesões nas regiões

[3] Para exemplos disto, veja o meu *O caminho missionário de Deus. Uma teologia bíblica de missões*, 3 ed. Brasília: Palavra, 2005.

cerebrais onde os sentimentos e emoções são processados, cujo dano comprometia significantemente alguns processos racionais do paciente. Ele conclui que os sentimentos e emoções também são percepções cognitivas e funcionam como guias internos que espelham as percepções fisiológicas pelo corpo biológico do ambiente físico e social para o cérebro, que por fim processa racionalmente esta informação. Efetivamente Damasio comprova aquilo que os pedagogos nos falam há muito tempo: que a aprendizagem ocorre integralmente por um processo íntimo entre a cognição, a afetividade e a volição. Tudo isto significa que a medida que haja uma deficiência afetiva social no meio das nossa instituições cristãs, devemos corrigi-la. Aonde está o amor e carinho cristão no nosso meio, a verdadeira comunhão e união cristã, a nossa *koinonia*?

Segundo, adeptos às religiões orientais procuram um "sentido de vida" além do individual e egoísta imediatos. Estas religiões oferecem uma resposta mística dum universo material, divino-humano e unificado. Neste universo, a existência individual é abolida. Em seu lugar, surge uma existência coletiva e interior, aonde personalidade, universo e divindade coabitam. A fé cristã também procura um "sentido de vida" além do individual e imediato, mas oferece uma resposta diferente. Este sentido além da existência individual se encontra na promoção e divulgação do caráter de Deus em toda faceta de vida humana e social dentro da nossa história e neste plano terrestre do mundo — aqui e agora. Este caráter se exemplifica especialmente pela santidade de Deus e pela sua justiça. O desafio para o cristão é a promoção destas duas dimensões: a moralidade e a imparcialidade social, isto é, a retidão individual e a justiça social — dois lados da mesma moeda, aliás, duas interpretações da única palavra hebraica, *mishpât*. A igreja que manifesta tão grande ideal, além da sua própria existência institucional, dificilmente perde seus membros para outras religiões.

Agora vem uma outra resposta, ligada à anterior e talvez mais surpreende e preocupante ainda, à pergunta que intitula esta reflexão, "por que há conversão às religiões orientais?"

Deus está julgando a igreja

A resposta pode surpreender porque normalmente a conversão a outras religiões é vista como conseqüência de sedução satânica, não de disciplina divina. Explico...

Logo nos seus primórdios na história do povo de Deus, a Bíblia descreve o plano missionário de Deus em termos duma promessa com três participantes inter-relacionados: Deus, o povo de Deus, e as nações (Gênesis 12.1-3). A promessa se repete ao longo do livro de Gênesis (13.14-16; 15.5,7,18; 17.4-8; 18.18; 22.17-18; 26.2-4, 24; 28.3-4, 13-15; 22.12; 35.9-12; 48.16) e o triângulo também ao longo da Bíblia toda.

As nações (*goyîm*) sempre aparecem no Antigo Testamento em relação com Israel e são tratadas conforme sua atitude em relação aos participantes da aliança: Iahweh e Israel. A obediência de um homem ou de uma nação para com Deus é determinada em relação a atitude para com Israel (Salmos 22.28). "Abençoarei os que

te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem". As nações *ou* eram o *despojo* por direito de Israel, *ou instrumentos de benção ou de julgamentos sobre ele* (Gênesis 49.8,10; Êxodo 3.22; Deuteronômio 9.4-5, 28.33). Os profetas também constataram que as *nações poderiam ser ou instrumentos ou sujeitos do julgamento de Deus* (Amós 6.14; Oséias 10.10) *ou da sua benção* (Isaías 41.1ss; 45.1). A aliança e os julgamentos de Deus sobre Israel se realizam "à vista das nações", que são testemunhas (Levítico 26.45; Ezequiel 5.8,14; 16.41; Amós 3.9).

Quantas vezes Israel teve que passar a vergonha dum cativeiro estrangeiro por causa da sua desobediência e sua negligência de dar testemunho diante das nações do caráter santo e justo de Deus? Há uma ironia na correção de Deus. Aquele que deveria dar bom testemunho do evangelho, ao não fazê-lo, se sujeita à humilhação do julgamento de Deus *justamente pela instrumentalidade das nações* às quais deveria ter dado testemunho.

Será que este princípio mudou hoje? Deus ainda corrige o seu povo (Lucas 12.42-46; 1 Tessalonicenses 2.4; Hebreus 12.5-14)? Quando há escândalo no meio do povo de Deus que deixa de assumir sua missão entre as nações, não é justamente diante das nações que estamos envergonhados. Certamente isto não *pode* ser, porque não *deve* ser, mas que é, *é*! E veja bem, a migração espiritual para as religiões orientais ocorre mais exatamente nas regiões aonde as igrejas cristãs são mais nominais, primeiro na Europa, depois na América do Norte, e agora crescentemente no Brasil. Ponhamos a casa em ordem! Sejamos o povo de Deus! Reflitamos a sua santidade no nosso procedimento pessoal, nas nossas famílias, nos nossos negócios, no nosso amor ao outro! Demonstremos a sua justiça não porque a transformação definitiva dos nossos bairros, nossas favelas e nossas cidades está necessariamente ao *nosso* alcance, mas simplesmente porque faz parte de quem nós somos como imitadores do Salva-libertador! Deus tenha misericórdia de nós!

Há muitos anos ouvi a seguinte ilustração sobre a maneira de distinguir um "seita" da fé cristã autêntica. A analogia era do detetive perito em notas falsas. Este, de acordo com a ilustração, não decora as infinitas possibilidades de erros nas notas falsas. Ao invés disto, concentra a sua atenção nos pormenores da nota verdadeira para reconhecer qualquer divergência. Pois bem, a aplicação é patente. O conhecimento íntimo, duma nota autêntica é o melhor remédio (preventiva) da manipulação por uma falsa. Digo "conhecimento íntimo" no sentido integral, um conhecimento pessoal, cognitivo, afetivo e volitivo. Lembra de novo das palavras de Jesus: "eu sou (pessoal) o caminho (volição), e a verdade (cognição), e a vida (sociabilidade e afetividade); ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14.6).

Reflexões Pedagógicas

A formação ocidental

A formação acadêmica traz junto com ela uma série de descargas emocionais.[1] Provoca um reservatório de sentimentos: pelos *pais*, o orgulho e a alegria; pelos *amigos*, a felicidade, a esperança, e ou o orgulho ou a inveja; pelos *formandos*, o descanso do cansaço, a ansiedade ou inquietação quanto ao emprego, a sensação de liberdade e a realização que agora é a sua vez. Sem dúvida, representa uma *transição* na vida do formando. Formalmente, se qualifica diante da sociedade como profissionais a nível superior. Isto é conseqüente não só da aquisição dum volume grande de *conhecimento e técnica*, como também na aquisição ou na intensificação de toda uma série de *valores* — alguns bons, alguns, quem sabe, não tão bons — alguns de máxima importância, outros de importância relativa. Nós adquirimos estes valores, às vezes, de modo muito sutil, sem perceber conscientemente. Aprendemos ou da sociedade em geral, ou até mesmo dentro da comunidade da igreja e do seminário. Provém do tal chamado currículo oculto, aquele que não consta nos nossos regulamentos acadêmicos mas que aprendemos dos nossos colegas nos corredores e nos quartos, ou mesmo observando o comportamento e procedimento dos nossos professores. Quero chamar atenção biblicamente para alguns destes valores e a sua relação uns com os outros na formação para o evangelismo e para o ministério de modo geral.

Ao meu ver, cristãos freqüentemente se dividem não porque não compreendem quais são os principais valores da vida cristã, mas porque discordam sobre qual deveria ser a relação de prioridade *entre* estes valores. Meu pressuposto básico, portanto, é este: *valores mal formulados ou até mal priorizados levam para uma visão distorcida do papel da igreja no mundo*. consideremos três valores de suma importância nas culturas ocidentais: o *sucesso*, a *ordem* e a *competição*. Começamos com o valor do sucesso.

O sucesso

Seria muito difícil, no momento da formatura, não estar pensando, mesmo que inconscientemente, sobre o sucesso e a nossa noção ligada a ele, o progresso. Os formandos certamente esperam ser os melhores evangelistas, missionários, pregadores e líderes cristãos e semelhantemente provavelmente esperam melhorar cada vez mais e, quem sabe, ser um missionário bem conhecido com uma tremenda história a contar, um modelo para outros missionários. Desde pequeno, mas especialmente durante o período da nossa formação num curso superior, somos levados a desejar, como um fim em si, o sucesso. E este é definido de acordo com os

[1] Uma versão desta reflexão foi publicado com o título, "A formação escolar e os valores do ocidente" na revista, *Capacitando para missões transculturais. Revista da Associação de Professores de Missões no Brasil*, Volume 1 (1995), Número 2, pp. 12-20.

critérios de ascensão profissional, títulos adquiridos, compensação financeira, prêmios, elogios, etc. O sucesso é tido como o progresso na vida e como o prestígio conseguido.

Não me entendam mal. Não estou sugerindo que desejemos o fracasso, que não nos esforcemos e nos desempenhemos bem no ministério. De fato, Paulo nos exorta para que procuremos nos apresentar a Deus, aprovados, como obreiros que não têm de que se envergonhar, e que manejam bem a palavra da verdade (1 Timóteo 2.15). Qual é o problema então? Creio que o problema está em como entendemos o sucesso. Há pelo menos duas definições comuns na cultura ocidental que entram em choque com o conceito bíblico do sucesso em termos de fidelidade e sacrifício. Na cultura ocidental o sucesso é avaliado em termos de *prestígio* e *bom planejamento e marketing*.

O sucesso como prestígio. O compreensão do sucesso como sendo prestígio se baseia no seguinte raciocínio: somos "filhos do Rei" e que temos uma mensagem gloriosa a anunciar. Já que Cristo venceu o inimigo, nós não podemos nos apresentar como perdedores. As nossas igrejas e as nossas vidas devem evidenciar a posição de poder e autoridade nos cedida em Cristo Jesus.

Pois bem, como se pode imaginar, muitas destas afirmações são verdadeiras, ou integral ou parcialmente. O problema está com a ênfase e a aplicação. Como entendemos que somos filhos do Rei? Nossos programas se caracterizarão pela extravagância? Viajaremos sempre de primeira classe? Não admitiremos nem o fracasso e nem o erro? Ou seguiremos o padrão daquele que "não tem onde reclinar a cabeça" (Mateus 8.20), que fez o seu desfile de coroação para Jerusalém nas costas dum jumento e recebeu a sua coroa com as suas jóias de espinhos encravados no crânio?

Para o apóstolo Paulo não havia dúvida. Ele sabia que a sua pregação, pelos padrões seculares, era babaquice, até mesmo loucura. Mesmo assim, este era o padrão que Deus ordenava (1 Coríntios 1.18-28). E isto se aplicava também à própria auto-estima do Paulo. Apesar da melhor formação teológica da época, e apesar de possuir o cobiçado título de "*o* apóstolo entre os gentios", o "Caio Fábio" do mundo mediterrâneo antigo, ele se considerava "o menor e mais indigno dos apóstolos" (1 Coríntios 15.9; Efésios 3.8) e "o maior dos pecadores" (1 Timóteo 1.15).

Deus manifesta a sua glória justamente através duma mensagem que o mundo interpreta como frouxidão ou idiotice. É a mensagem da cruz e todo um estilo de vida e testemunho que a cruz exige. Enfrentamos o sofrimento, a privação e o escândalo porque através destes, Deus se revela. Ao invés de prestígio, o sucesso cristão se define por *sacrifício*.

Talvez, estas palavras não pareçam como "boas novas" depois de alguns anos de muito esforço, tempo, e às vezes até condição de vida precária durante os estudos de bacharelado. No íntimo, os formandos devem almejar aquilo que aprendemos na nossa sociedade a almejar — um pouco de recompensa financeira para comprar uma nova roupa e quem sabe eventualmente um carro; e um pouco de reconhecimento social — o elogio pela boa mensagem pregada e o ministério criativo executado. No fim das contas, como qualquer um que completa o seu curso de bacharel, quer o conforto, o poder, o prestígio, enfim, o sucesso material e social.

Mas, ao ingressar na vida cristã, já assumiu um compromisso contínuo de "tomar a sua cruz" e seguir a Cristo. Isto é o caminho cristão.

O sucesso como bom planejamento e marketing. Nossa cultura entende que o sucesso também depende, em parte de sorte, mas grandemente de bom planejamento e marketing. Devemos fazer uma boa sondagem do mercado, identificar aquilo que nosso público alvo deseja e planejar minuciosamente, passo a passo, a nossa estratégia para vender o produto ou a idéia àquele público. A nossa mensagem deve ser bem pensada e esteticamente executada. Isto é, os programas da nossa igreja darão certo à medida que criemos atrações e novidades bem pensadas para cativar as pessoas. Falta-nos principalmente *técnica*. Precisamos alcançar pessoas de influência na sociedade, especialmente políticos, médicos, e outros profissionais liberais de recursos financeiros e status social.

Mais uma vez, não podemos simples e taxativamente descartar a perspectiva que acabo de delinear. Aliás, aposto que muitas das disciplinas que os formandos completam têm como pressuposto o bom planejamento e o marketing. O planejamento e a estratégia, em si, não são maus. Devem ser aproveitados. Certamente Cristo ama também os ricos e os poderosos. Ama todos os pecadores. De novo, o problema está na *ênfase* e na *prioridade* de valores. Isto é, o bom planejamento e o marketing, por mais úteis que sejam, não são os critérios últimos para sustentar o sucesso ou o desempenho no serviço cristão. Antes disto, procuremos a *fidelidade à Palavra* orientadora de Deus e a *dependência do mover do Espírito Santo*. Ao resumir a sua estratégia de ministério, Paulo disse que ministrava "por palavra e por obras" — isto é, pelo esforço próprio e pelo bom planejamento — e "por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo" (Romanos 15.18-19). Em Atos aprendemos que a sua entrada para a Europa não era fruto do seu planejamento, mas conseqüência dum simples sonho (16.6-10)! Aliás o plano de Paulo não era de ir para a Macedônia, mas Deus tinha outros planos.

Não me entendam mal. Toda disciplina aprendida, que pressupõe o planejamento, pode ser útil. Sou a última pessoa para advogar o ministério fortuito. Porém, o bom planejamento e o marketing como o único ou o principal critério de ministério é fruto da síndrome do sucesso mundano e precisa ceder lugar ao valor maior da dependência do Espírito e fidelidade à Palavra de Deus.

A ordem

O segundo valor que ocupa preeminência no ocidente é o valor da ordem. Aprendemos durante toda a nossa vida, e especialmente como pressuposto dos estudos de bacharelado, que a ordem é na sua essência uma qualidade de vida benéfica enquanto o caos é, na sua essência, maléfico. Sempre estamos ordenando a vida — os estudos, a pesquisa, nosso horário, e o nosso orçamento financeiro. E ai de nós no final do semestre se não o fizermos!

Quase todas as mitologias da antigüidade relatam a criação como uma luta entre a ordem e o caos, dois conceitos centrais para os babilônios, os assírios, os egípcios, e até para nós os ocidentais modernos. A religião, para estas culturas, é uma questão da ordenação e regulamentação do ciclo da vida. Através da ordem deste

ciclo, a fertilização e a colheita dos campos são garantidas e os deuses apaziguados. Na religião judaica a noção era um pouco diferente. Embora a ordem fosse uma qualidade desejada, não era enquadrada como um valor supremo. Antes da luta humana e cósmica da *ordem contra a desordem*, importava que vencesse a *justiça contra a injustiça*. Era mais importante que a justiça social e a retidão pessoal (os dois estavam juntos embutidos no mesmo conceito de justiça na língua hebraica) superasse a injustiça social e a imoralidade que a ordem superasse a desordem. Inclusive, diversas vezes na história de Israel, o próprio Deus provoca desordem a fim de restabelecer a justiça entre o seu povo (Ezequiel 5.14). Jesus deixou claro que a conseqüência da sua vinda não seria necessariamente a paz ou a ordem, mas a espada, isto é, o conflito, a violência e o caos (Mateus 10.34).

Infelizmente no ocidente freqüentemente a luta da ordem contra o caos é mais importante que a luta da justiça contra a injustiça. Nas nossas novelas e filmes de televisão, vez após outra, vemos o nosso herói transgredir os princípios de justiça para pegar o criminoso de qualquer jeito e assim restabelecer a ordem. Na economia nacional, apela-se constantemente para princípios de ordem e "estabilidade" antes de princípios da justiça de Deus para todos os povos e para todas as classes. Na política, nas últimas duas décadas, a expressão talvez mais sinistra da supremacia pela ordem antes da justiça foi a elaboração da "doutrina" da segurança nacional. Isto é, em nome do estado (lê-se ditadura), os direitos humanos são deixados de lado para dar lugar ao bem maior da estabilidade do estado em termos de poder total de governantes não representantes do povo.

A ordem e a estabilidade são importantes para o bem estar de pessoas e de sociedades. Mas a justiça diante de Deus e diante do seu próximo são valores maiores ainda para a propagação do reino de Deus. "Buscai, pois, em *primeiro* lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas" (Mateus 6.33, Miquéias 6.6-8). As nossas vidas pessoais, os ministérios e programas da igreja, e até mesmo nossas decisões como membros da sociedade maior, devem ser fundadas no princípio de que antes de mais nada, a justiça social e a retidão moral tem prioridade sobre outras questões que apelam para uma ordem e uma estabilidade maior. "A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo" (Tiago 1.27). Aliás a injustiça e a imoralidade sempre eram o tendão de Aquiles para o povo de Deus no Antigo Testamento. A verdadeira espiritualidade não é aquele jejum "sagrado" com orações de belas palavras perfumadas, mas é um estilo de vida cotidiano e concreto que reflete o caráter justo de Deus em relação ao seu próximo (Isaías 58.5-7).

A competição

Um outro valor básico à nossa visão do mundo ocidental se refere à *competição*. Não há como escapar da competição na nossa formação na cultura ocidental. Todo o sistema escolar pressupõe a competição e o mesmo ocorre na vida profissional. Quem não entrar no jogo e conseguir competir bem no mundo secular, se dá mal. Este valor infiltra aberta ou sutilmente a vida da igreja, quer queiramos quer

não, e vai de encontro ao princípio bíblico da *unidade*. E deste encontro surgem três confusões comuns e populares na igreja: primeiro, que a competição intereclesiástica é essencialmente boa; segundo, que deve se distinguir entre a unidade "visível" e a "invisível"; e terceiro, que basta haver a unidade estrutural. Vamos ver um pouco mais cada um destes conceitos.

A primeira confusão é que a competição entre as igrejas é essencialmente boa. Entende-se que a igreja também precisa competir doutrinária, evangelística e estruturalmente. Afirma que a unidade organizacional não é importante. Acha que é até prejudicial. Esta posição freqüentemente procura se firmar na história, já que o embasamento bíblico é bastante difícil. A história, entretanto é ambígua e a sua interpretação geralmente seletiva e até interesseira. Precisamos da ousadia reformada que insiste em "sola scriptura". Certamente a oração sacerdotal nos é instrutiva:

> Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste, e os amaste como também amaste a mim" (João 17.20-23).

Logo no início da história da igreja a importância da unidade foi reconhecida. Uma das quatro marcas da igreja se referia a isto (ecclesia *una*, sancta, catolica, apostolica). Não é uma qualidade apenas incidental e dispensável. Faz parte da essência da igreja. E isto deve ser *visto* pelo mundo, se não, não haverá testemunho. A unidade deve ter expressão em todos os níveis da vida da missão da igreja — na nossa comunhão uns com os outros dentro da comunidade local, na nossa cooperação com programas da convenção e na nossa colaboração com outros grupos cristãos na cidade e no país.

Mas contra este apelo para cooperação vem uma segunda confusão: a distinção entre a unidade espiritual da igreja "invisível" e a separação organizacional da igreja "visível". A doutrina da "igreja invisível" é muito útil e vem desde o início da história da igreja (Clemente, Hermas, Irineu, Orígenes). Era uma distinção entre o ideal e o real no período constantino, e até certo ponto, hoje. É bom lembrar, porém, que a distinção tem os seus limites. Em termos concretos, observamos que nenhuma das cartas neotestamentárias foi dirigida a uma igreja invisível! Tal conceito seria inimaginável para os primeiros apóstolos. Quando tinham uma queixa contra algum(ns) membro(s) da igreja, os apóstolos brigavam, mas não deixaram de incluir aquelas pessoas dentro do conceito da igreja visível de carne e osso que reunia em tal endereço na casa de fulano. Estabelecer uma distinção entre a igreja visível e a igreja invisível seria tão absurdo quanto a distinção entre um casamento visível e um invisível de duas pessoas, e baseado em tal distinção, alegar que o casal não necessita da vida íntima porque isto seria enfatizar demais o casamento visível.

Mas tudo isto não significa, que para haver unidade, basta haver a unidade estrutural. Isto seria uma terceira confusão. Pois a unidade é também espiritual (como um bom casamento o deve ser). Somos unidos no Espírito, no Senhor. Paulo, falando desta unidade, disse: "Não sabeis que *sois* santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em *vós*?" (1 Coríntio 3.16) e mais tarde na mesma carta: "pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito" (1 Coríntio 12.13).

Nós só podemos expressar nossa unidade porque o Espírito Santo habita em nós coletivamente como igreja. Aliás, é esta habitação que exige a expressão visível, ao máximo possível, da nossa unidade. Pois o testemunho do evangelho por toda a terra está em jogo. Muitos, mas muitos mesmo, não crêem por falta da unidade, que o Cristo que proclamamos, disse ser conseqüência da fé. A nossa incoerência divisória e visível fala mais alto que nossa suposta unidade invisível!

Conclusão

Temos observado três valores da cultura ocidental e a sua expressão no meio cristão. O desafio agora está conosco. Simplesmente assimilaremos tais valores criando uma faixada evangélica por cima deles, ou seremos sal e luz, desafiando-os, até invertendo-os quando necessário, para redimir estes valores para o reino de Deus?

Contra a definição do *sucesso* em termos de *prestígio* e sua implementação pelo *bom planejamento e marketing*, afirmamos que o nosso desempenho no ministério cristão se orienta pelos princípios da *fidelidade à Palavra de Deus* e à *dependência do Espírito Santo*.

Contra a prioridade da *ordem sobre a justiça*, ressaltamos a primazia bíblica da justiça, tanto em termos pessoais quanto em termos sociais. A justiça é uma das principais características do povo de Deus, pois assim reflete o caráter de Deus para o mundo.

E contra a *competição* no mercado religioso livre, advogamos a unidade do modo mais claro e visível possível, a fim de que o mundo creia. Queremos ser antes uma contribuição para uma resposta positiva à oração de Jesus pela nossa unidade, que um impedimento àquela oração.

Finalmente, um alerto. Estamos tratando de valores centrais à fé cristã, não questões incidentais e periféricas. Seria um grande erro relegar tudo isto a uma importância marginal. Não minimizemos o ministério da igreja ao invertemos as prioridades bíblicas. Não negamos um lugar na vida cristã para o sucesso, a ordem e a competição. Entretanto, antes a fidelidade e dependência que o sucesso; antes a justiça que a ordem, antes a unidade que a competição.

Treinando para o evangelismo

Uma avaliação séria do desempenho brasileiro no evangelismo mundial reflete o esforço de professores e treinadores no preparo e o treinamento. Tal avaliação traz bastante humildade. Isto é especialmente verdade diante da importância da tarefa do evangelismo mundial, que é maior que qualquer outra tarefa da igreja. Quero então, começar com um estudo de caso bíblico de abandono vocacional. É o caso duma testemunha de Cristo logo no início da expansão do cristianismo. Que eu saiba, é o segundo caso de abandono. O primeiro era o caso de Judas. E o segundo é um caso não só de abandono, mas do abandono do abandono. No fim, João Marcos reverteu o seu abandono missionário. E por isso gostaria de apresentar um pouco a sua história. Conta a história especialmente para pessoas que estão empenhadas no preparo de outras pessoas para o testemunho cristão mundial. Conto como incentivo e esperança quando desanimamos com os resultados do preparo que oferecemos, pois na primeira e na última instância o preparo para o ministério depende da graça misericordiosa de Deus manifesta de maneiras às vezes imprevisíveis pelo Seu Espírito.

O caso de João Marcos

João Marcos, quase todos os estudiosos concordam, é o Marcos do Segundo Evangelho. Conhecemos alguma coisa a seu respeito implicitamente em Atos 12. Por exemplo, sabemos que esta pessoa bilíngüe, João Marcos, veio de uma família de certas condições, de certos recursos. Ele mesmo evidentemente estava de certo modo entrosado na sociedade romana, como indica seu nome. João é nome hebraico e Marcos, latino. E no Evangelho de Marcos aparecem uma série de palavras latinas não como nos outros evangelhos. No Evangelho de Marcos encontramos palavras como "legião", "centurião", "pretório", "executor", "quadrante". Palavras latinas que mostram, quem sabe, até um certo orgulho cultural, o tipo de orgulho que dá arrepio para professores do evangelismo mundial que lutam em apagar o etnocentrismo latente no ser humano. Marcos era como aqueles obreiros que, ao voltarem do campo, não conseguem deixar de inserir algumas palavras, aqui e ali, da cultura de onde veio, porque ele tem uma ligação com aquilo. Ele tem certo orgulho daquilo e por mais repugnante que pode ser para quem está ouvindo, ele queria demonstra, talvez inconscientemente, a sua destreza lingüística. João Marcos evidentemente era um pouquinho assim, pois não precisava incluir aquelas palavras latinas no seu Evangelho.

Sabemos que veio de uma família importante porque em Atos 12 a igreja estava reunida na casa de sua mãe, Maria, orando a respeito de Pedro quando ele estava preso na prisão. Era importante para a comunidade cristã em Jerusalém porque quando Pedro finalmente foi solto, ele prontamente foi para esta casa. Também era uma casa grande o suficiente para acomodar toda a comunidade cristã. As escrituras dizem que a igreja toda estava reunida lá. E sabemos que a mãe de Marcos tinha pelo

menos uma empregada, aquela meio doida, a Rode, que encontrou Pedro na porta e ficou tão alegre que esqueceu dele e foi anunciar a sua vinda e ainda esqueceu de voltar para abrir a porta. Estes poucos detalhes sobre a vida de Marcos mostram que ele teve uma criação social e economicamente boa, provavelmente de classe média ou até melhor. Alguns comentaristas acham que foi na sua casa que houve o famoso cenário da última ceia, naquele espaçoso cenáculo, e onde a igreja se reunia depois da ascensão de Jesus.

Provavelmente João Marcos era uma testemunha ocular da morte e ressurreição de Jesus. A Bíblia não diz isso explicitamente, mas pelo menos um terço do conteúdo do Evangelho de Marcos se concentra no relato do eventos que cercavam a morte e a ressurreição de Jesus. Eram eventos que impressionavam João Marcos.

Um outro detalhe do nosso interesse concerne a sua rejeição pelo apóstolo Paulo. Naquela mesma reunião quando Pedro saiu da prisão, Paulo e Barnabé estavam presentes e logo em seguida eles retornaram para Antioquia acompanhados pelo João Marcos. Eles levaram Marcos junto com eles para Antioquia. E no início do capítulo 13, lemos que o Espírito Santo caiu sobre a igreja e, como conseqüência disto, Paulo e Barnabé foram ungidos por Deus para começar a missão até os confins da terra. Até esta altura, o trabalho missionário se desenvolvia principalmente em Jerusalém, Judéia e Samaria. Marcos os acompanhava até Chipre como um pregador auxiliar. E atravessaram o mar para a Panfília, na província romana da Galácia. Nesta altura, Marcos resolve não continuar, deixando Paulo e Barnabé para voltar a Jerusalém. Isso foi uma grande chateação para o apóstolo Paulo que não tolerava moleza. Basta lembrar um pouco os títulos de Paulo para entender isso, pois mesmo nos seus momentos de humildade, quando ele falava de si, ele se referia a si mesmo como um "fariseu dos fariseus", não um fariseu qualquer; da tribo de Benjamim. Também não podia ser um pecador qualquer, tinha que ser o *maior* dos pecadores; e o *menor* dos apóstolos. Estes superlativos indicavam que Paulo pode ser acusado de qualquer coisa menos moleza.

Algum tempo depois, quando Marcos tentou se redimir, Paulo recusou-se a levar Marcos novamente com ele, e o acusou de deserção. Esta é a mesma palavra usada em Lucas 8.13 para o semente que cai em solo duro que representa o entusiasmo momentâneo dos que crêem, mas na hora da provação logo desistem. Assim, Paulo pensava em João Marcos como um grande medroso. "Por fora, bela viola; por dentro, pão bolorento". Não temos certeza por que Marcos desistiu. Mas sabemos que a Panfília era uma região baixa, sujeita a epidemias de febre, e a equipe ainda teria que enfrentar uma viagem dura para chegar lá, à subida para Pisídia. Talvez o confronto emocionalmente desgastante com o bruxo Elimas em Pafros tenha abalado um pouco João Marcos. Ele estava começando a perceber o que estava envolvido neste negócio de evangelismo transcultural. Não era brincadeira. Não é qualquer um que consegue acompanhar de perto o ministério de um Paulo e dum Barnabé; expulsando demônios, curando enfermos e pregando o Evangelho com muito poder. De fato, Paulo e Barnabé iriam enfrentar grande perseguição física em Listra, e sabemos de Atos 14.19 que nesta viagem Paulo quase morreu apedrejado.

Eu acho que o desconfiômetro de Marcos estava muito bem sintonizado mesmo e ele desconfiava do que poderia acontecer. Era a hora “H” para avaliar a sua

vocação. Ele calculou a despesa do desgaste emocional, físico, e espiritual, do ministério auxiliar com estes dois super-gigantes líderes, e simplesmente achou o preço alto demais.

Isto me lembra da experiência que eu tive quando tinha 20 anos e trabalhava na praia como salva-vidas. Lá passei por um processo de treinamento no salvamento marítima. A regra principal que nos ensinaram era resumido assim: “salve-se a si mesmo primeiro; antes um afogamento do que dois!”
Quem sabe, João Marcos pensava algo semelhante diante da sua situação de perigo e concluía que estava na hora de cair fora.

“Pau que nasce torto, morre torto”. Será que o jovem pelado de Marcos 14.51,52 era o próprio João Marcos? A tradição antiga já muito tempo entendeu que sim. Se fosse, pode imaginar o peso do fracasso que Marcos teria sentido em Panfília quando pela segunda vez, agora, não conseguiu dar conta do desafio do discipulado e do seu chamado missionário. Ao mesmo tempo, podemos entender a preocupação de João Marcos com o custo do discipulado e a ênfase que ele dá no seu Evangelho a este assunto anos depois. Marcos felizmente não permaneceu mole até o fim. “Cada um sabe o sapato que lhe aperta,” e Marcos evidentemente reconheceu e corrigiu a sua moleza. Depois de abandonar Paulo e Barnabé, não sabemos quanto tempo ele passou em Jerusalém, mas em Atos 15 nós o encontramos mais uma vez de volta em Antioquia, mais uma vez com Paulo e Barnabé, imagino contrito, provavelmente envergonhado, mas disposto a embarcar numa viagem para aquelas mesmas regiões.

Mas Paulo, intransigente, não quis saber de Marcos. E Barnabé, por sinal seu primo conforme a Carta aos Colossenses, corajosamente arriscando a sua própria parceria com Paulo, aceitou Marcos novamente para o serviço do evangelismo, levando-o de volta para a cena do seu primeiro fracasso. Imagine Barnabé, o parente que não conseguia aceitar o fracasso do seu primo. Pegou Marcos pela mão e dizia algo assim: “vamos voltar lá, nós dois, vamos fazer a mesma coisa juntos, fique comigo, Deus vai estar conosco”. Dez ou doze anos passaram antes de nos encontrarmos com Marcos novamente no Novo Testamento. Isto é muito interessante, pois não sabemos o que aconteceu para reverter a situação de Marcos. O caminho de volta para um discipulado comprometido que cada um tem que trilhar pode variar bastante. Não há um padrão só. Dez ou doze anos depois, quando Paulo escreveu a carta aos Colossenses e para Filemon, Marcos estava presente. Está com Paulo que o chama de "colaborador" (Colossenses 4.10, Filemon 24). E depois, no final da sua carreira, logo antes da sua morte, Paulo faz o maior elogio de Marcos chamando-o de “útil para o ministério” (2 Timóteo 4.11).

Como treinadores para o ministério transcultural, somos muito preocupados como as habilitações que um curso visa dar. Ao chamar Marcos de “útil”, o apóstolo Paulo demonstrava um alto padrão de utilidade. Ele não falou com leveza, Marcos se tornara útil mesmo.

Finalmente, nós encontramos Marcos em 1 Pedro 5.13, onde Pedro o chama carinhosamente de “meu filho”, enquanto ele escreve para as igrejas do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia. Todas estas cartas foram escritas provavelmente de Roma, onde Marcos ministrou junto com Pedro e Paulo, e se tornou companheiro fiel e muito amado dos dois. Claramente Marcos havia corrigido o seu

erro e o seu nome foi vindicado. Ele era conhecido também entre aquelas igrejas da Galácia e da Ásia Menor, as mesmas para quem Pedro estava escrevendo, e onde ocorria o seu primeiro fracasso. Finalmente, é importante reparar que era é este discípulo fraco e medroso, talvez como você e eu, que Deus usou para escrever o que provavelmente seja o Evangelho mais antigo do Novo Testamento, um evangelho bastante enxuto, com bastante ênfase nos eventos que cercavam a morte e a ressurreição de Cristo Jesus.

Perguntas sobre o treinamento

A história de João Marcos traz vários desafios para o treinamento para o evangelismo mundial. Especificamente levantam algumas perguntas gerais: *Para que* treinar? *Por que* treinar? *O que é* treinar? E, finalmente, *para quem* é o treinamento. Para cada pergunta, sugiro algum princípio bíblico e teológico que possa nos orientar.

1. Para que treinar para o evangelismo mundial? Sugiro o princípio da *glória de Deus*; o princípio da sua transcendência. Recentemente li um livro do John Piper sobre a glória de Deus no evangelismo mundial.[1] E comecei a perceber que o evangelismo mundial *não é* de importância última para a igreja. Lembra da primeira pergunta do Catecismo de Westminster? "Qual é o fim principal do ser humano?" A resposta correta é: "O fim principal do ser humano é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre". Um dia, o evangelismo acabará. Mas o culto não, o louvor a Deus não. Um dia, estaremos reunidos com representantes de toda a raça, povo, nação, não evangelizando mais, mas fazendo o que nós estamos ensaiando hoje à noite a fazer, glorificar a Deus e gozá-lo para sempre. Isto é o nosso fim principal.

Isto nos dá uma orientação para a razão de treinar pessoas para o evangelismo mundial. Primeiro, evangelizamos não principalmente porque o mundo é carente; não principalmente porque existem ainda tantos povos não alcançados; não principalmente porque X, Y e Z ainda não tem uma igreja plantada no seu meio, por mais importante que seja esta motivação. Mas há uma motivação ainda maior: a glória de Deus. Mais especificamente, sua glória é aumentada à medida em que povos, inúmeros povos são aumentados para prestar culto a Deus.

É a diferença entre um coro que canta com todas as vozes em harmonia e um coro que canta uníssono. Deus está preparando um grande coro, com vozes diferentes, mas com um objetivo só — uma harmonia, cantar louvores ao Senhor. O próprio monoteísmo é a base para isso; se ele é o Senhor de todo o universo, isso precisa ser reconhecido assim através da prestação de louvor e de glória por todos os povos da terra. Então, isto serve como nosso combustível para o evangelismo mundial. Também nos orienta em termos da qualidade do trabalho que nós prestamos. Quem sabe isto tira um pouco a nossa pressa de fazer a coisa rápida. Quem sabe isto nos incentiva a criar, a desenvolver um trabalho de testemunho integral e pastoral onde há verdadeiro louvor e adoração.

O apóstolo Paulo diz que seu objetivo no evangelismo mundial, em Romanos

[1] Veja a minha exposição das idéias de Piper na terceira seção do capítulo deste mesmo livro entitulado, "A teologia do evangelismo".

15.18 e 16.26, é de levar os gentios à obediência. Jesus nos mandou ensinar todas as coisas que nos foram ordenadas. O alvo evangelístico é levar os gentios à obediência. É um trabalho de longo prazo. É um investimento de cinqüenta anos, cem anos, o que for necessário para chegar a este alvo. Não está na hora de criar um novo lema evangelístico? Sugiro: "Movimento Ano 2100"? Algo assim, que procura trabalhar ao longo prazo, criando igrejas bastante sadias. Em termos da história, isto significa, portanto, uma visão não estreita e imediata, como se os desafios da igreja fossem apenas atualmente urgentes. Os desafios sempre foram urgentes, ao longo de nossa história. Certo é que nós somos responsáveis pela nossa geração. Entretanto não devemos der levados por uma escatologia superficial, uma tirania do urgente, uma cegueira história. Lembrem do apóstolo Paulo. Se alguém tivesse razão de apressar o trabalho — Cristo podia ver a qualquer hora — era o apóstolo Paulo. Ele não trabalhava desta forma, ele investia ficavam parado às vezes anos, por conta de escrever algumas cartas que teriam um impacto muito mais ao longo prazo.

É bom lembrar cartas "missionárias" que Paulo escreveu foram ao mesmo tempo, cartas pastorais, cartas em que o apóstolo se preocupava no cuidado do seu rebanho, em corrigir problemas, em encorajá-los na fé, em levá-los à obediência. Vemos que há uma nítida relação entre o trabalho evangelístico e o trabalho pastoral. Acho que isto é um dos grandes desafios para os treinadores de evangelistas e missionários, de integrar nosso trabalho, mais e mais, com o trabalho pastoral, com o trabalho de igreja.

Precisamos de uma visão larga, profunda e extensa do presente, porque os desafios são eternamente urgentes. Uma visão escatológica do agora, baseada nos atos de Deus num longínquo passado — lembre que Deus estabeleceu este povo, nós, pelo chamado de Abraão. Já faz muito tempo e o seu plano ainda vai se realizar. O futuro é prerrogativa apenas de Deus. Como é fácil esquecer isto. A primeira palavra de Atos 1.8 é "mas". E este "mas" é a resposta a uma pergunta sobre escatologia, sobre quando serão estas coisas. Efetivamente Jesus estava dizendo "o futuro não é da sua conta; o que é da sua conta é a sua fidelidade como testemunhas". Não precisa pensar se Ele vem amanhã, se Ele vem daqui a mais 2.000 anos. Seria muita incredulidade pensar que Ele possa vir só daqui a mais 2.000 anos? Jesus diz que não é da nossa conta. O que é da nossa conta é nossa incumbência como povo de Deus de sermos bênção para todas as nações, de pregar o Evangelho, e de anunciar o Reino de Deus. Paulo entendeu desta maneira Ele entendeu que com a vinda de Jesus havia uma mudança radical na história. A era dos gentios havia chegado. Portanto, ele gastou muito tempo trabalhando na expansão do Evangelho no mundo gentílico, passo a passo. Lembra dos nossos mapas no final da Bíblia que traçam as viagens evangelísticas do apóstolo Paulo? São basicamente circulares. Começando em Jerusalém, e dando retorno. Certo é que nos nossos mapas nem sempre começa em Jerusalém. Mas se você for examinar entre uma viagem e outra, Paulo sempre se encontra em Jerusalém. Pelo testemunho do apóstolo Paulo (Romanos 15.18-21), ele viajava em círculos cada vez mais abrangentes; abrindo cada vez mais, sistematicamente, devagar, passo a passo. Ele sentia a urgência, sim, mas trabalhava com o amor e o carinho de Cristo, com muita cautela, e com preparo prolongado mesmo diante do tamanho e da urgência do o evangelismo mundial. Será que valeu a

pena — dez anos entre o chamado e o envio? Foi muito, olhando para trás? Será que este tempo foi bem investido? Certamente foi.

O fim e o alvo do preparo e do trabalho do evangelismo mundial é a glória de Deus. Para Ele ser glorificado, é preciso que haja louvados, aqueles que o glorificam e estes, através da expansão e amadurecimento da igreja, que, por sua vez, vão atuando no nosso mundo, transformando-o. Então, vemos o lugar do preparo responsável do obreiro, contribuindo para o envio responsável do obreiro à salvação das pessoas.

2. Por que treinar para o evangelismo mundial? Para nortear a busca duma resposta a esta pergunta, sugiro o princípio da *encarnação de Jesus*, ou da imanência de Deus. Para a primeira pergunta consideramos a Sua transcendência e a Sua grandeza, que fogem à nossa capacidade de conhecer e nossa capacidade de medir. Agora queremos considerar a Sua proximidade, a Sua encarnação. Geralmente, falamos sobre a encarnação para dizer algo a respeito da identificação missionária, mas é uma faca de dois gumes porque ao mesmo tempo, há uma identificação cultural e, ao mesmo tempo, a encarnação é uma denúncia de valores e de normas nas nossas culturas. Isto é, de certo modo, a característica sacerdotal do nosso preparo para o evangelismo mundial que visa a nossa identificação com um determinado povo.

Uma vez alguém me perguntou se Jesus seria aceito nos nossos seminários como professor, isto é, se o seu método de treinamento encaixaria dentro das nossas normas pedagógicas. No princípio a resposta aparentemente é não. Assustadora, não é? Mas há uma outra maneira de ver esta pergunta. Pois, ao longo de toda a revelação bíblica surge o princípio de respeitar padrões culturais, regionais, e históricos para o ensino e a socialização. Isto é o caso de Abraão, Moisés, Davi, os profetas tanto da escola quanto aquelas que não passaram pela escola, os celtas, os monges, moravianos, e assim por diante. Em cada época, havia padrões de preparo e de treinamento apropriados para aquela região e aquele tempo.

Então, de certo modo, o problema está com a pergunta: se o modelo de Jesus encaixaria dentro do nosso? Porque o modelo de Jesus não é de manter um único modelo eternamente, mas é o de se encarnar na situação, no tempo e na região. Isto é um princípio hermenêutico muito simples. Freqüentemente, nós queremos pegar aplicações dentro do Novo Testamento e transportar estas aplicações para o nosso tempo e nosso lugar, ao invés de procurar saber quais são os princípios por trás destas aplicações. Atos 1.8 é um bom exemplo. Muitas pessoas pregam Atos 1.8 como um *princípio* de expansão evangelística. Mas não é o caso. Era uma *aplicação* muito boa de um princípio que o apóstolo Paulo expõe em Romanos 15.20 — de pregar "não onde Cristo já fora anunciado". No primeiro século isto significava pregar cada vez mais longe de Jerusalém. Lá começou o Evangelho, era uma aplicação óbvia; e assim ocorreu. Mas hoje não é o caso. Para nós pregarmos o Evangelho a partir de Jerusalém e até os confins da terra, a gente teria que ir eventualmente para a Melanésia. Só que esta é a região de mais freqüência na igreja do que qualquer outra região de tamanho comparado no mundo inteiro.

Então, procuramos o princípio por trás da aplicação. E eu sugiro para nossa pergunta — por que treinar para o evangelismo mundial? — o princípio da encarnação. Treinamos obreiros para o evangelismo mundial para anunciar e encarnar o evangelho

dentro das diversas culturas humanas. Exige portanto, *identificação*.

Ao mesmo tempo, esta encarnação de Deus em Cristo Jesus nos traz tremendos desafios. O primeiro desafio se refere à necessidade de *humildade*. Tanto no processo de treinar obreiros como no processo de realizar o trabalho do evangelismo mundial, somos constrangidos de exercer o princípio da humildade. Isto é o modelo que Paulo levantou em Filipenses 2, o supremo modelo de Jesus. Mais uma vez, é a glória de Deus é a visão da glória de Deus que nos ajuda a ver o nosso devido tamanho, e portanto, o nosso devido papel e potencial.

3. O que é treinar para o evangelismo mundial? E o princípio que sugiro é o princípio da *capacitação do Espírito Santo*, a inspiração. Precisamos recuperar (parece estranho dizer) a natureza espiritual do preparo para o evangelismo. Não digo espiritual no sentido meramente místico, mas espiritual no sentido da transformação do caráter e da vida do obreiro, do seu ser. De quem ele é? Ele é a estampa de Cristo Jesus, a imagem de Cristo Jesus na sua vida.

Vejamos algumas definições da palavra “treinar”. O verbete “capacitar” significa tornar capaz, ou habilitar, como na sentença: "os longos anos de estudo capacitaram-no para as recentes descobertas". Capacitar é convencer, persuadir, como na frase: "não foi sem dificuldade que o Coruja logrou capacitar a velha de que não devia fugir a semelhante obséquio". O verbete “treinar”, por sua vez significa: tornar apto, destro, capaz para determinada tarefa ou atividade, habilitar, e adestrar. O verbete “habilitar” significa: tornar hábil, como na sentença: "era incapaz, mas a experiência habilitou-o". Significa também preparar ou dispor, como na sentença: "sua condição de eremita habilitou-o à dura vida de privações"; "sua ambição o habilitou para a luta". O verbete “preparar” significa: dispor com antecedência, aprontar, arranjar, prevenir como na sentença: "o chefe do cerimonial preparou a recepção" ou "a cozinheira preparou o almoço". Também significa planejar com antecedência, premeditar, e pôr em condições de atingir um objetivo.

O espírito da preparação, do planejamento se exemplifica na vida do apóstolo Paulo. Num dado momento ele tentava ir para a Ásia, duas vezes, mas o Espírito Santo o impedia. Foi assim que recebeu a visão da Macedônia e plantou logo em seguida aquela famosa igreja, cheia de alegria, do coração do apóstolo Paulo, a igreja de Filipos. Entretanto, nada em Atos 16 indica que Paulo estava fora da vontade de Deus por ter planejado e tentado ir para outro lugar. A impressão que temos é que, pelo contrário, ele estava tentando, e nesta tentativa sua, Deus era capaz de dirigi-lo, e de redirecioná-lo.

Quero sugerir alguns princípios baseados nos meus vinte e cinco anos de ensino para o evangelismo mundial. Primeiro, *o treinamento acadêmico ou teórico versus o treinamento prático*. As palavras “acadêmico” e “teórico” são surpreendentemente ainda mau vistas no nosso meio. Há bastante mau entendimento a seu respeito. Pensa-se que se quiser falar alguma coisa boa sobre o treinamento missionário, basta falar que precisamos ser práticos e úteis, e parece que resolveu o problema. Não é bem assim. Simplesmente não existe nem teoria sem prática, quanto menos prática sem teoria. O que pode existir é teoria que não elabore as conseqüências práticas, o que não é bom. E pode existir prática que esconde a sua base teórica. Mas não existe teoria sem prática, nem prática sem teoria. O que falta freqüentemente no preparo

missionário é a *explicitação da relação entre a teoria e a prática*, através, por exemplo, de estudos de caso. Isto sim, às vezes damos teoria sem explicitar qual é a relação disto com a prática. Mas o problema não é de estar dando teoria. Isto é uma distinção importante. Quanto mais aplicações um determinado assunto gera, mais embasamento teórico é necessário. Eu vou repetir: quanto mais as aplicações de um determinado assunto, mais embasamento teórico é necessário. Quanto menos aplicações, menos precisa de embasamento teórico. Por exemplo, os nossos cursos técnicos (encanamento, eletricista, etc.) são geralmente altamente práticos com pouca teoria, porque as aplicações pressupõem parâmetros limitados de procedimentos, de recursos e de técnicas industriais. Portanto, não precisa de tanta teoria, porque as aplicações são limitadas. Por outro lado, o preparo para o evangelismo mundial necessita de um *alto grau de embasamento teórico devido às múltiplas variações de aplicações*, não só a diversas culturas, como também dentro de diversos ministérios e estilos de ministérios por organizações de envio. Então, embasamento teórico é altamente importante. Se está faltando alguma coisa — e acredito que está mesmo — falta explicitar qual é a relação desta teoria com possíveis aplicações.

Segundo, quanto à *relatividade do treinamento formal*. Ao repararmos que há diversos modelos de preparo que surgem ao longo da história bíblica, reconhecemos que o nosso modelo também é relativo. A escola, o fenômeno "a escola" é relativo. Há outros meios, e é bom que dentro da escola, dentro da educação ocidental haja uma busca constante por outros modelos. Então, não devemos exagerar de modo algum dizendo que a solução é a escola, ou novos currículos, ou o acréscimo de mais uma matéria - coitados dos alunos! Estas são perspectivas da nossa cultura, do nosso tempo, mesmo com uma abrangência muito larga, mas que são apropriadas para nós, entretanto não absolutas.

Ao mesmo tempo, isto mostra a necessidade do treinamento formal. E quanto a isso, eu queria sugerir alguns princípios, quatro princípios para dar orientação ao treinamento formal.

O primeiro é o *princípio da especialização e da cooperação*. É justo, por um lado, que esperamos que haja formação espiritual dos alunos através a igreja local. Ao mesmo tempo, precisa haver uma manutenção desta formação espiritual ao longo do tempo em que uma escola ou um centro ou uma agência cristã está treinando aquela pessoa.

O segundo é o *princípio do treinamento vitalício*. Precisamos ver o preparo para o ministério não como um período de um ou dois anos antes de iniciar o ministério. Precisamos ver o preparo como um compromisso da vida toda e tentar entender quais as implicações disto em termos da cobertura que agências e centros de preparo podem dar. Precisa haver mais investimento no processo de acompanhamento, de avaliação.

O terceiro princípio é o *princípio da concentração ou do enfoque de assunto e tempo* para se habilitar. É um princípio menor: o enfoque em uma tarefa de cada vez. Isto é a base do sistema modular de ensino. Creio que já é um sistema melhor que o sistema em que o aluno tem que estudar 8, 9, 10, até 12 matérias de uma só vez. O sistema modular já é, a meu ver, um melhoramento. Para aqueles que nunca

experimentaram, eu recomendo. Ao mesmo tempo, faço isto com uma certa reserva, porque o sistema modular é comumente confundido com o conceito do curso intensivo. E não é a mesma coisa. O conceito modular de ensino é o procedimento de estudar uma disciplina de cada vez. O conceito de curso intensivo é fazer tudo rápido no tempo mínimo possível. O sistema modular facilita a aprendizagem por permitir o enfoque da atenção numa disciplina de cada vez. O sistema intensiva massificar e prejudica não permitindo o tempo necessário para assimilar novas idéias e praticar novas habilitações. É mera conveniência burocrática das escolas.

O quarto princípio é o *princípio de excelência*. Não me refiro necessariamente ao nível acadêmico. Não estamos falando necessariamente em graus que se colam. Não é isso. Confundimos na nossa sociedade diplomas com excelência. A excelência, às vezes, é a disposição de repetir todo o seu curso de seminário, quando percebe que outro lugar possa fornecer uma formação melhor. Conheço pessoas que têm feito isto. Isto é um alto padrão mesmo!

Voltando à nossa pergunta, o que é o treinamento para o evangelismo mundial, eu diria que é, ao mesmo tempo, a capacitação pelo Espírito. Nosso alvo é a transformação não só do conhecimento, mas de lealdades familiares, institucionais e sociais. É a transformação que gera habilidades. Precisamos de um despertamento pelo cultivo da espiritualidade. Precisamos entender, mais uma vez, o que é a espiritualidade cristã, a vida íntima com Deus.

4. Para quem é o treinamento para o evangelismo mundial? Por fim, chegamos à última pergunta. O princípio que menciono é o do *sacerdócio dos santos*. Todos estes princípios são os princípios mais básicos e fundamentais da fé, neste caso da Reforma Protestante. Às vezes, nós acusamos as nossas igrejas de não praticar o princípio do sacerdócio dos santos. Eu pergunto se nós, no empreendimento missionário, temos percebido ainda esta doutrina do sacerdócio dos santos. Ao enfocar o treinamento para o evangelismo, não consideramos todos os tipos de enviados, mas um tipo específico de enviado, geralmente masculino e pastor, com título de seminário. E os fazedores de tenda? E outras, outros enviados? Estamos preparando? Nós tivemos uma experiência fantástica em 1992, ao realizar uma conferência missionária em Viçosa sobre fazedores de tenda. Vieram para esta conferência pessoas que a gente não imaginava: médicos, enfermeiros, enfermeiras, engenheiros, psicólogos, arquitetos, todo o tipo de gente, e todos muito entusiasmados. Ninguém tinha falado sobre o preparo do fazedor de tendas. É uma fonte, é um recurso tremendo para o trabalho missionário que até hoje não está sendo explorado.

E o preparo para a família toda? E a orientação para os filhos? E a participação dos parceiros no trabalho de evangelismo que já estão lá? Recebemos alguns líderes de Angola para estudar e eles comentaram alguma coisa da sua experiência com missionários no seu país. Fantástico! Pode ser uma boa pauta para um futuro evento. Convidar líderes dos outros países — será que a gente quer fazer isso? — de Angola, de Moçambique, para nos falar sobre o preparo para o ministério de evangelismo nos seus países. Pode doer demais. Mas, por que não envolvê-los? Estamos meio acanhados com isso, mas está cada vez mais fácil. Com os vários meios de comunicação podemos manter contato com uma certa facilidade com alguns líderes, saber seus palpites, e

integrar isto dentro dos nossos padrões.

E os enviadores? Existe algum preparo para aqueles que estão enviando obreiro? Quais são as qualificações para se tornar diretor de uma agência de envio? O que está disponível para eles? Existe alguma coisa, algum preparo? É necessário isso, é conveniente isso? Como vai o cuidado do obreiro — sua cobertura médica, educação de filhos, e sua aposentadoria. Dizem alguns enviadores: "Tenha fé. Deus proverá. Somos uma igreja espiritual que ora. Deus proverá." Não foi isso que Satanás falou para Jesus quando houve a tentação de se lançar do Templo? "Os anjos de Deus vão te socorrer." Fazemos isso de vez em quando. Mandamos alguns pularem de longe e dizemos: "Deus o proverá"!

E os líderes eclesiásticos? Um muito amigo recentemente sugeriu que pensássemos em encontros de uma semana ou duas semanas, para líderes eclesiásticos, pastores, superintendentes de Escola Dominical, e professores de Escola Dominical. Seriam cursos curtos e breves para a conscientização no evangelismo mundial. Fantástica a sugestão! Há outros meios de conscientizá-los. E finalmente, está surgindo a dica de trabalhar a nível cada vez mais da igreja local.

Finalmente, eu gostaria de lembrá-los do projeto Brasil 1980. Quem lembra? Ninguém, não é? Ficou esquecido. O livro com o mesmo título eventualmente foi publicado em meados dos anos 70: *Brasil 1980*. Havia muito entusiasmo por parte de diversas igrejas e organizações missionárias, e houve um levantamento de muitos dados, muitos recursos, para desafiar a Igreja na sua fidelidade evangelística e no preparo. Anos passaram, o projeto foi esquecido. "O coração homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR" (Provérbios 16.1).